

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 10 de Agosto de 1995 • Preço: 150\$00 (IVA incluído) • N.º 1131 • Director: Carlos Brito

EMIGRAÇÃO novas propostas nova política

Pág. 8

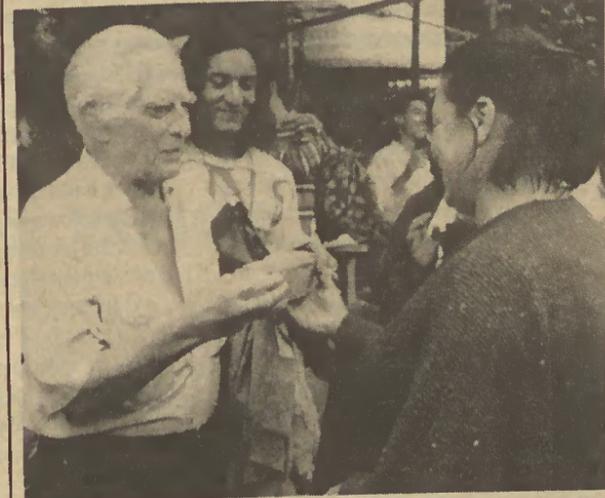


A Pré-campanha no País

Carlos Carvalhas no Algarve



Álvaro Cunhal no Norte



Págs. 4 e 5

A luta dos docentes

Manuel Gusmão

Centrais

INDEPENDENTE MENTE!

ATALAIA É DA



• depoimento de Jorge Pires Pág. 5

SUPLEMENTO



Mais Festa para todos

Este ano, o encerramento da Festa do Avante! efectua-se pelas 10 horas do meio da tarde, no espaço da Praça da República, em Lisboa. Esta alteração foi decidida pelo Director da Festa e visa no fundamentalmente permitir que mais pessoas possam assistir ao encerramento. De facto, grande parte dos visitantes deslocam-se grandes distâncias para o local, sendo natural que tenha de sair de lá para regressar a casa e fazer refeições. Assim, desde algumas edições anteriores, o novo horário vem dando maior valor às últimas actividades do programa que decorrem nos momentos em que a Festa ganha um carácter mais festivo. Por outro lado, esta alteração pretende facilitar a vida dos milhares de comarcados que, durante três dias, asseguram voluntariamente o funcionamento da festa, e os seus e que nos dias seguintes têm de voltar aos seus empregos habituais. Enquanto a mudança tem sempre as suas vantagens, desde de qualquer modo a prioridade é sempre a melhoria da festa, e não a sua duração.



Van Gogh 80 quadros a não perder

A exposição brasileira que este ano comemora o centenário da morte de Van Gogh, e celebra o primeiro ano em Portugal a possibilidade de vermos a obra do pintor holandês, em Lisboa, a partir de 10 de Agosto, em 10 quadros que vão estar presentes em exposições em oito instituições portuguesas em todo o país. Uma grande oportunidade a não perder.

Este fim-de-semana vai à Festa Participa nas jornadas de trabalho!



A pré-campanha CDU continua no Verão'

RESUMO

2
Quarta-feira

A seita religiosa IURD, compradora do Coliseu do Porto, reage às medidas anunciadas por Fernando Gomes com acusações ao Partido Socialista ■ Agravada a seca no Algarve, autotankes distribuem água de porta a porta ■ Sindicato dos Médicos do Norte revela que existem na região 200 mil pessoas sem médico de família e acusa o ministro de degradar deliberadamente a qualidade dos serviços públicos ■ Dirigentes socialistas espanhóis tomam posição em defesa de Felipe Gonzalez sobre o qual pendem acusações de implicação no caso dos GAL ■ Colonos israelitas atacam quartel-general da polícia de Jerusalém, onde se encontram detidos três dos seus líderes por ocupação ilegal da colina de Guivat Hadagan ■ O general João de Matos, das Forças Armadas Angolanas, acusa a UNITA de não cumprimento do calendário da desmobilização ■ É condecorado em França, com a Legião de Honra, o general Lesquer, responsável pela sabotagem, há dez anos, de um navio da Greenpeace.

3
Quinta-feira

O Presidente da República recebe em Belém dirigentes da UGT acusados de fraudes no caso do Fundo Social Europeu ■ Regressam ao Brasil, após o embaixador daquele país ter "lamentado" o ocorrido, os professores portugueses que haviam sido impedidos de ali entrar embora fossem convidados pelo Governo brasileiro ■ Um antigo colaborador do Ministério do Interior espanhol revela, em declarações a um magistrado, que o Governo de Espanha forneceu armas à ETA, em 1986, numa operação alegadamente apresentada como de "armadilha" àquela organização separatista basca ■ A China liberta dois oficiais dos EUA, detidos sob suspeita de espionagem.

4
Sexta-feira

Em conferência de imprensa, candidatos CDU pelos círculos da Europa e fora da Europa apresentam propostas para uma nova política em relação à Emigração ■ Milhares de pessoas manifestam-se no Porto junto ao Coliseu contra a compra desta casa de espectáculos pela seita religiosa do "Reino de Deus" ■ Mário Soares convoca Procurador-geral da República para se inteirar sobre "assuntos de interesse do Estado" ■ O exército croata lança grande ofensiva para conquistar a Krajina.

5
Sábado

Manuela Machado conquista a medalha de ouro, vencendo a maratona nos mundiais de Gotemburgo, na Suécia ■ Continuam as manifestações no Porto contra a compra do Coliseu. Desta vez, centenas de pessoas hostilizam frontalmente os seguidores da seita religiosa e também jornalistas brasileiros que se encontram presentes ■ Carlos Carvalhas participa em Monte Gordo num convívio da CDU ■

Jorge Sampaio chega à Madeira em gozo de férias e desmente que tenha solicitado a João Jardim uma audiência, comentando assim a "recusa" deste em "conceder-lha" ■ Forças croatas e muçulmanas juntam-se na agressão à Krajina e conquistam Knin ■ O presidente dos sérvios bósnios assume o comando do Estado Maior daquela República, afastando o general Ratko Mladic, o qual recusa tal afastamento classificando-o como ilegal.

6
Domingo

Álvaro Cunhal participa na tradicional Festa da Unidade, promovida pelo PCP em S. Pedro da Cova ■ O Ministro Catroga, em entrevista ao "Diário de Notícias" elogia a sua própria política e atribui-se "nota alta" ■ A Croácia garante que estão concluídas as operações militares na Krajina ■ Na cerimónia que assinala o 50º aniversário do lançamento da bomba atómica sobre Hiroxima foram lançados apelos à França e à China para que cessem os ensaios nucleares ■ Falando no Centro de Estudos de Relações Internacionais, em Hanoi, o secretário de Estado dos EUA, Warren Christopher, convida o Vietname a lançar-se na "economia de mercado" ■ Centenas de milhares de pessoas manifestam-se em Havana contra o embargo dos Estados Unidos ■ Atentado à bomba na Argélia mata onze pessoas.

7
Segunda-feira

Recebido por Mário Soares, o Presidente do Tribunal de Contas, Sousa Franco, alertou para a falta de controlo das empresas do Estado ■ Também recebido pelo Presidente da República, o Procurador-geral Cunha Rodrigues nega responsabilidades na alegada "demora" do processo de investigação à UGT ■ A seguradora UAP, após o escândalo da venda do Coliseu à seita IURD, afirma agora que não se tratou de uma venda mas sim de um contrato-promessa ■ Em entrevista ao *Jornal da Madeira*, Jorge Sampaio critica António Guterres por este ter afirmado que existia na Região um "défice democrático" ■ Aviação croata bombardeia os refugiados sérvios que, em número avaliado em 200 mil pessoas fogem da Krajina conquistada ■ O destituído chefe do Estado Maior das forças sérvias da Bósnia, apoiado por 18 dos seus generais, recebe também o apoio de Milosevic, Presidente da República Federal da Jugoslávia (Sérvia e Montenegro) ■

8
Terça-feira

A administração da Auto Europa ameaça trabalhadores de despedimento se a produção não duplicar até final do ano. As relações públicas da mesma empresa afirmam que se trata apenas de um "estímulo para os trabalhadores" ■ O ciclista Joaquim Gomes sofre uma queda que o afasta da Volta a Portugal ■ O Governo japonês sofre uma vasta remodelação que atinge 17 pastas ■ É adiada a execução do jornalista Abu Jamal, condenado pelo assassinio de um polícia nos EU, crime que o condenado sempre negou.

A "venda" da Atalaia

Na sua última edição, o semanário «O Independente» incluiu um extenso texto, com chamada na 1ª página, no qual se anuncia que «o PCP pode vender a Quinta da Atalaia [sic]. E a Festa do «Avante!» de 1996

pode trocar de cenário. Em vez do Seixal, Palmela». E acrescentava: «o assunto já subiu ao Comité Central e pode acontecer a qualquer momento. Apesar dos desmentidos oficiais. Iguais ao que fizeram quando a compraram».

Para além do destaque gráfico dado ao assunto, é de referir que a própria responsabilidade da peça é particular, uma vez que um dos seus autores é o novo chefe de Redacção daquele jornal, António R. Ferreira.

O conteúdo da «notícia» dada por «O Independente» resume-se a duas afirmações: o PCP «está a estudar seriamente a hipótese de vender a Quinta da Atalaya [sic]» que estaria avaliada hoje em cerca de um milhão de contos e «as estruturas partidárias de Almada, Loures, Palmela, Sines, Montijo e Grândola, só para referir algumas, veriam com muito bons olhos que a Festa do Avante fosse rodando ano após ano, precisamente pelos concelhos onde a CDU é a força político-partidária, a nível autárquico, maioritária!»

Começamos por sublinhar alguns dislates de maior calibre. Segundo os autores da prosa, a hipótese da venda «terá sido discutida numa das últimas reuniões do Comité Central». Mais adiante escreve-se: «o estudo do futuro negócio, como é apanágio do PC, está a ser feito no maior dos segredos e, ao que apurámos, muito poucos dirigentes terão conhecimento das diligências já levadas a cabo pelo Comité Central para a alienação dos 30 hectares situados no Seixal».

Além de nada disto, por inexistente, ter sido discutido no CC, em que ficamos? «O Independente» não deve sequer saber quantos membros tem o Comité Central do PCP, a não ser que entenda que um organismo com mais de 180 membros configura uma situação de «muito poucos dirigentes»...

Em segundo lugar, imaginar que «estruturas partidárias» desejariam que a Festa do «Avante!» voltasse a ter de peregrinar cada ano de sítio para sítio como sucedeu até à compra da Atalaia (somos mais modestos, e prescindimos do aristocrático y de «O Independente»...) é uma imbecilidade só possível a quem de todo ignora as mais elementares realidades referentes à Festa e à sua ligação às organizações do Partido.

As anónimas e misteriosas «fontes comunistas» estão seguramente bem longe do PCP para ignorarem o forte movimento de opinião interno que, desde a saída do Jamor para Ajuda e ainda com mais vigor quando a Ajuda nos foi recu-

sada em 1987, defendia a solução de comprar um terreno definitivo para a Festa.

Só quem ignore o gigantesco trabalho que durante anos significou montar e desmontar a Festa, a sensação de frustração de a desmontar na incerteza de onde e como seria reconstruída um ano depois, a impossibilidade de fazer trabalhos ou investimentos a médio ou longo prazo, só quem ignore isso tudo pode imaginar que se possa defender a «itinerância».

É plausível que os jornalistas de «O Independente» de todo ignorem o trabalho que significa erguer a Festa e o quanto ele se simplificou com a existência da Atalaia - mas podem estar certos de que as organizações do Partido o sabem perfeitamente.

A ponte-se em seguida que «O Independente» consultou o PCP sobre esta atoarda e que ela foi liminarmente des-

Resumindo, uma mentirola cozinhada ponto por ponto. E para quê, perguntar-se-á? Porque, valha a verdade, se a prática jornalista de «O Independente» nem sempre tem sido exemplar, poucas vezes terá descido ética e sobretudo profissionalmente tão baixo. Mas as razões são afinal pouco misteriosas!

mentida por um membro do Secretariado do CC do PCP, o camarada Albano Nunes.

A esse desmentido contrapõe o jornal outra vileza: o PCP negaria agora este «negócio» à semelhança do que teria feito quando da compra da Atalaia.

A questão é muito simples: o PCP nunca desmentiu a compra da Atalaia a ninguém e muito menos a «O Independente».

O PCP - tal como a Câmara Municipal do Seixal - desmentiu sim uma infâmia que acompanhava naquele semanário a notícia da compra (da autoria, aliás, do actual director, Isaias Gomes Teixeira, o que não deixa de ser curioso), onde se escrevia que «a câmara [do Seixal] encarregou-se de proibir urbanizações».

«O Independente» ignorou mesmo a carta que lhe foi à data enviada pelo presidente do município do Seixal e onde se esclarecia que a integração da Atalaia na zona de Reserva Paisagística datava do Plano Geral de Urbanização do Concelho

elaborado no início da década de 70 e aprovado pela Câmara do Seixal em 1974 e readaptado em 1977. O PCP comprou a Atalaia em 1989.

Para compor ainda o ramalhete, «O Independente» inventa um mirífico «inquérito interno para apurar os responsáveis por fugas de informação» que «Álvaro Cunhal mandou abrir» em 1989! É plausível que, por práticas próprias ou obscuros convívios e cumplicidades, alguns jornalistas de «O Independente» tenham da vida uma concepção policíesca: convém contudo não generalizar tais infantilidades à prática de organizações adultas, responsáveis e dignas.

Como se todo este estendal não fosse suficiente, outras anónimas «fontes fidedignas», informaram agora «O Independente» de que «há seis anos a Quinta da Atalaya [sic] terá custado (...) cerca de 300 mil contos, apesar de na escritura pública terem sido declarados apenas 150 mil contos».

Isto é, «O Independente» acusa o PCP - e os antigos proprietários, já se vê - de ter praticado uma burla com vista a furta-ter ao pagamento de sisa.

A patética é tanto maior quanto é público e notório que o PCP defendeu - e mantém esse ponto de vista - que a aquisição da Quinta, fosse pela sua situação de área protegida, fosse pelo fim a que claramente se destinava, fosse ainda pelas características do comprador - um partido político - deveria ser isenta de sisa.

Assim não o entendeu o fisco, e o PCP, contra o que esperava e considera justo, pagou integralmente a sisa sobre o valor real e efectivo da transacção.

Resumindo, uma mentirola cozinhada ponto por ponto.

E para quê, perguntar-se-á? Porque, valha a verdade, se a prática jornalista de «O Independente» nem sempre tem sido exemplar, poucas vezes terá descido ética e sobretudo profissionalmente tão baixo.

Mas as razões são afinal pouco misteriosas!

A Festa do «Avante!» é há quase duas décadas a maior realização política e cultural de massas do País. Ano após ano, constitui o desmentido vivo das «análises» sobre o PCP em que se fala do seu sectarismo, ou da sua decadência, ou das suas «crises», enfim dos desejos próprios que os «analistas» desejariam se tornassem realidade...

Por ditames do calendário, este ano a Festa do «Avante!» coincide praticamente com a abertura da campanha eleitoral para determinantes eleições legislativas. Havia que criar uma manobra de diversão - e ela aí está. Mesmo que tenha de recorrer ao que de mais aviltante se pode fazer em jornais.

Avante!

Proprietários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7ª-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$000. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A,
— 1100 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87 / 815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Telef. (01) 815 34 87 / 815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL

DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Roxa — Linho — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B L1, 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A, 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87 / 815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A, 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87 / 815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)

50 números: 6 750\$00;

25 números: 3 487\$50

ESPANHA

50 números: 13 300\$00

EUROPA

50 números: 24 750\$00

GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU

50 números: 26 650\$00

EXTRA-EUROPA

50 números: 39 950\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____ Telef. _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!», acompanhado de cheque ou vale de correio.

Contas para Garrett

Bilionários: com este título uma foto de doze cavalheiros apareceu na primeira página de uma das muitas revistas de economia que agora ilustram os escaparates de quiosques e tabacarias. Essa dúzia da primeira página encabeçava o lote de **um cento de bilionários** apontados pela revista como "os mais ricos de Portugal". Pela avaliação das respectivas fortunas. Estimadas por baixo: "Os valores indicados devem ser lidos como o **património mínimo** atribuído a cada um dos eleitos", reconhece a revista.

Bilionários: ou seja, **fortunas superiores a mil milhões de escudos**.

Almeida Garrett perguntava, em meados do século passado, **quantos pobres custa um rico**: "Já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta - para produzir um rico?" ("Viagens na Minha Terra").

Façamos algumas contas para responder à pergunta de Garrett.

Ao primeiro dos "100 mais ricos" (Champalimaud) é atribuído um património de 197,5 milhões de contos. Isso corresponde à soma do rendimento mensal de quase dois milhões de pessoas com salários de 100 contos. Ou, numa outra perspectiva, é equivalente ao valor total do trabalho de sucessivas gerações de um escravo desde há 165 mil anos (muito, muito antes das gravuras de Foz Côa!).

Alarguemos a amostragem. Os 10 "mais ricos" somam patrimónios no valor de 766,8 milhões de contos. Ou seja: trezentos lusitanos, trabalhando dia e noite desde o tempo de Cristo, sem nunca roer uma cêdea de pão, para poderem imaginariamente juntar o equivalente a 100 contos mensais por cabeça - pois ainda hoje estariam longe dos biliões dos "10 mais ricos".

Quando Garrett fez a pergunta, não tinha ainda resposta para a questão essencial: por que se passa isto?

Por essa mesma época, Marx explicou porquê. Revelou a essência da exploração, a apropriação do produto do trabalho por parte dos detentores dos meios de produção, que atingiu nas condições do capitalismo contemporâneo proporções nunca dantes imaginadas, com o cortejo de injustiças sociais que Garrett já denunciava.

Bem vimos esse processo de polarização da riqueza, num lado, e da pobreza, noutro lado, acelerar-se no nosso país durante os anos do cavaquismo, em que as atitudes mais predatórias do capitalismo foram apregoadas como mérito dos que "sobem na vida" enquanto se tratam depreciativamente como "inadaptados" os que vão sendo esmagados pelo rolo compressor da exploração. Não se trata de os bilionários serem "A", "B" ou "C". É o funcionamento do sistema que reproduz constantemente estas situações, se não tem quem lhe faça frente.

Omeio milhão de desempregados oficialmente registados, o abaxamento do rendimento dos agricultores, operários e empregados, a degradação dos serviços sociais e das condições de vida da população, são a outra face dos lotes de bilionários que cresceram à sombra da ofensiva do capital.

Se Garrett aqui estivesse, certamente estaria de acordo conosco: é preciso dar uma volta a isto.

■ Aurélio Santos

Profissionais ou cidadãos?

No discurso que pronunciou durante o Dia do Exército, o Chefe do Estado Maior, general Cerqueira Rocha, afirmou que «a profissionalização [das Forças Armadas] responde melhor às exigências técnicas actuais, mas tem certamente custos, designadamente financeiros, que há que assumir se for esta a opção».

O CEME reconhece, segundo os relatos da imprensa, que o regime até agora vigente, o de conscrição, «tem tradição e raízes no nosso país e reconhecidos méritos», o que ainda torna mais insólita a primeira posição, a revelar de resto uma mudança de atitude por parte da hierarquia militar.

Ninguém pode ignorar que o regime actual de um serviço militar de quatro meses, com objectivos obviamente eleitoralistas, Fernando Nogueira criou há quatro anos, em vésperas das anteriores legislativas (e que, aliás, não tem sido cumprido...), é em pouca medida que insustentável do ponto de vista técnico. Quatro meses não asseguram sequer uma capaz preparação física e técnica, muito menos uma regularidade de efectivos minimamente necessária.

Mas se a solução actual não é satisfatória, se, ainda por cima, se verifica uma situação complexa quando à questão de refractários,

não parece minimamente que seja de a trocar por outra tão ou mais errada.

O Serviço Militar Obrigatório está inseparavelmente ligado à democracia. O conceito do povo em armas contrapôs-se exactamente ao de antigas forças militares profissionalizadas, com funções escorregadamente contíguas entre acções de polícia e repressão interna e de defesa nacional. A criação das Forças Armadas baseadas no cidadão-soldado representou um importante passo na clara delimitação do recurso à força armada nas sociedades contemporâneas, está inteiramente associada ao conceito de Estados ancorados na vontade colectiva e no respeito pela vontade popular.

As experiências históricas de países onde se regressou ao conceito do Exército profissional ou onde ele foi desequilibrado pelo exagerado crescimento de unidades de elite profissionalizadas têm revelado como facilmente essa situação conduz ao deslizar para guardas pretorianas cuja existência perturba inevitavelmente o funcionamento do Estado de direito.

É inegável que a pouca atenção dedicada a este problema, aliada ao eleitoralismo de uns e à demagogia de outros (o eng. António Guterres não oculta considerar que «a pro-

fissionalização será a opção mais correcta»), gerou um estado de espírito entre a juventude pouco favorável ao cumprimento do Serviço Militar, estado de espírito esse frequentemente assente em justas posições de defesa da paz e do entendimento entre os povos. Mas nenhum povo pode abster-se das suas responsabilidades face às armas, sob pena de um dia se encontrar desarmado frente ao lado errado delas.

A solução do problema não passa por profissionalizações - cujos custos económicos, aliás, as tornariam ainda mais restritas e insuladas face à sociedade - mas antes por uma volarização social e cultural de um dever cívico que o Mundo actual ainda impõe e que, sobretudo, neste mesmo mundo, não pode ser desligado da própria defesa do regime democrático.

Que a juventude adira de pleno coração e vontade à causa da paz, é justo e felizmente verdade. Mas é igualmente verdade que essa juventude tem no mesmo coração a liberdade. O problema resolve-se não pagando serviços, mas ganhando vontades para um esforço de que o presente e futuro necessitam e a democracia não pode ainda prescindir.

■ Ruben de Carvalho

Compra e venda

Avenda do Coliseu do Porto a uma seita que dá pelo nome de Igreja Universal do Reino de Deus apareceu embrulhada aos olhos e ouvidos da opinião pública com as cores de escandaleira de Verão. O ecrã televisivo, que na SIC negocia tempo de antena para os noctívagos do Reino deste mundo, bombardeou literalmente o telespectador, com destaque para as reportagens da TV da Católica, mostrando e encorajando as indignações "populares". Os mentores desta indignação foram - pasme-se - a Câmara do Porto, com directos do seu Presidente em ausência e fartas declarações do substituto, e a Secretaria de Estado da Cultura.

A certa altura desta telenovela lusobrasileira, poderia pare-

cer que se tratava de um caso entre o povo português contra uma seita minoritária que, com cânticos e jejuns, sitiada nas suas novas casas, exorcizava o diabo.

O diabo seríamos nós todos. Vendo a preto-e-branco, o diabo seriam eles. Tratar-se-ia de duas missas bastante negras. De um lado um bispo de importação, do outro o "clero" local do PS e nacional do PSD. A ver quem arrebanhava mais fiéis para se esconjurarem mutuamente. Pelo meio ficou alguma intolerância contra as minorias, alguns jornalistas brasileiros molestados, e a indignação legítima por mais uma alienação do património popular e cultural abafada pela confusão da atribuição de responsabilidades.

É que se trata - isto deve ser mais uma vez lembrado à SEC - de mais uma alienação do património cultural, de mais um negócio em que o povo perde para os bolsos capitalistas.

É que não se trata de uma questão entre o povo do Porto e uma minoria de fiéis de uma confissão religiosa. Mesmo quando se lançam suspeitas sobre os seus métodos de fazer dinheiro, métodos que têm longas e experimentadas tradições noutras religiões e igrejas.

É curioso que, durante uma semana inteira, foi questão de acusações entre o "Reino de Deus" e outros reinos, deixando de fora o reino do dinheiro, onde

imperava, no desconhecimento da opinião pública, a seguradora UAP. Uma voz, a que se não deu eco na comunicação sensacionalista, foi a voz dos comunistas, nomeadamente a da DORP do PCP que, logo no dia 3, em comunicado sobre a questão, manifestando "repúdio pela venda deste autêntico símbolo da cidade" considerou que "esta atitude da UAP, de venda do Coliseu, é bem exemplificativo do estado de desenfreio liberalismo económico que se pretende instalar, e do comportamento de empresas como a UAP, com influência decisiva de capital estrangeiro, sem o mínimo respeito pela história da cidade e do seu património".

■ Leandro Martins

LIBERTAI

Mumia Abu-Jamal

Uma ampla campanha internacional tenta impedir a execução, em Filadélfia, do jornalista e escritor negro Mumia Abu-Jamal. Locutor radiofónico de renome, cuja popularidade lhe mereceu ser conhecido como **a voz dos que não têm voz**, repetidamente denunciou as práticas e abusos da polícia, que o designou como homem a abater. Mumia era vigiado desde os seus tempos do liceu; o seu dossier no FBI tem mais de 700 páginas. Acusado de ter morto a tiro um polícia em 1981, quando socorria o seu irmão espancado em plena rua, foi logo no ano seguinte condenado à morte. Há 14 anos que continua proclamando a sua inocência e denunciando a iniquidade do seu processo-farsa. Afirma-se com razão preso político. Militante dos Panteras Negras, movimento criado em 1966, inspirado nas ideias de Malcolm X (assassinado em 1965, três anos antes do assassinato de Martin Luther King), o seu programa compreendia uma série de reivindicações políticas e sociais, "uma luta de classe e não um combate racial". Os Panteras Negras mereceram do FBI um plano especial para os "desmascarar, confundir, desacreditar" (sic) e finalmente destruir. Todo o arsenal de processos sujos foram usados. Só no ano de 1970 foram assassinados 38 militantes. Sobre os métodos repressivos do FBI, leia-se o instrutivo artigo de *Le Monde Diplomatique* de Agosto, p. 4: só peca por, dizendo muito, ainda assim dizer muito pouco sobre a tenebrosa actividade que o FBI há décadas tem desenvolvido nos EUA.

A Pensilvânia, estado situado a sul de Nova Iorque, berço dos Estados Unidos, foi outrora afamada como um oásis de paz, tolerância e não violência, sob a égide dos *quakers*. Foi! Há muito todavia que este estado se tornou campeão de repressão policial, com mais de 20.000 presos. Dos seus 194 condenados à morte que aguardam execução, 105 foram julgados pelo tribunal da capital, Filadélfia, que detém o recorde nacional da taxa de negros condenados à morte. Para tal contribuiu notavelmente o famigerado juiz Sabo, aquele que em todos os EUA mais sentenças de morte proferiu na sua carreira: 31. Uma delas foi precisamente a de Abu-Jamal. Apesar de ter sido ele que em 1982 proferiu a sentença, foi ele que agora, já na reforma, foi chamado para decidir sobre o pedido de revisão do processo. Juiz em causa própria, Sabo multiplica as provocações e abusos de poder, as dilatações processuais, recusa ouvir testemunhas, nega a defesa acesso a documentos, permite que os homens do FOP (Ordem Fraternal da Polícia, de que aliás é "sócio honorário") insultem e intimidem em plena sessão a assistência, os advogados, as testemunhas. O novo Governador republicano da Pensilvânia, Tom Ridge, fez da execução das penas de morte tema central da sua campanha. Eleito, pôs logo mãos à obra: a 5 de Junho foi executado o primeiro condenado; cinco dias antes assinava à pressa a ordem de execução de Mumia para o próximo dia 17 de Agosto, ao saber que este se apressava para requerer a revisão do processo. Governador, procuradores, juizes, *sheriffs*, constituem uma espécie de directório da repressão e da morte, a "mafia" repressiva oficial sem escrúpulos.

A conhecida activista dos direitos humanos Paloma Africa, Presidente do Comité de Apoio a Mumia Abu-Jamal declarou há pouco: "O que se passa hoje nos EUA não tem nada de novo. A América mata os seus cidadãos, assassina-os, rouba-os, prende-os. [Há hoje nos EUA mais de 1.500.000 presos, fora os detidos, um revelador record mundial.] Durante anos a América atirou sobre os seus próprios estudantes na época dos protestos contra a guerra do Vietnam. Foi na América que se matou, quebrou a cabeça à coroa da detidos, na maioria políticos, na prisão de Attica. É na América que se atacam casas com granadas. O que sucedeu a Mumia não tem nada de novo". Nada de novo, mas talvez uma gota de água a mais, intolerável. Vigorosos protestos se elevam dentro e fora dos EUA. Milhares de personalidades bem conhecidas, dezenas de variadas organizações sindicais, religiosas, de solidariedade, reclamam a suspensão da execução e a revisão do processo. Juntemos a nossa voz à deles, reclamando: **Basta! Libertai Mumia Abu-Jamal!**

■ Carlos Aboim Inglez

Álvaro Cunhal em São Pedro da Cova

Quatro questões actuais para reflectir e decidir

Pelo 17º ano consecutivo, realizou-se no passado fim-de-semana a «Festa da Unidade», organizada pela Comissão de Freguesia do PCP de São Pedro da Cova. Assumindo desde o início as melhores tradições dos arraiais populares, a festa há muito é sentida como pertença de toda a população, que vê na iniciativa dos comunistas uma oportunidade ímpar de confraternização, liberdade, reencontro de amigos, festa e debate.

Inicialmente decorria na Ínsua, de onde foi afastada pela crescente poluição (que só agora está a ser combatida, depois de ter sido atribuído à CDU o pelouro do Ambiente na Câmara Municipal de Gondomar). Depois, a festa mudou-se para o lugar das Regadas.

Ponto alto, este ano, foi o mini-comício de domingo, em que intervieram o presidente da Junta de Freguesia, «Tino» Loureiro, a estudante universitária Susana Santos, candidata da CDU pelo círculo do Porto às eleições de 1 de Outubro, e Álvaro Cunhal, presidente do Conselho Nacional do PCP.

Depois de saudar o povo de S. Pedro da Cova, os comunistas da freguesia e os outros democratas da CDU e as suas tradições de luta operária e democrática, o camarada Álvaro Cunhal propôs-se abordar quatro questões da actualidade.

1ª questão: A verdade e a mentira na acção política e na luta eleitoral.

«Raras vezes, num curto espaço de tempo, certos partidos disseram tantas mentiras. A mentira tornou-se para eles um instrumento preferencial da acção política e da campanha

eleitoral. Mentira do Governo e do PSD gabando-se do "sucesso" económico da sua política (...), do melhoramento da situação dos trabalhadores e do povo (...), da aproximação de Portugal do pelotão da frente da Europa (...), da solução dos grandes problemas sociais (saúde, ensino, habitação)(...), da melhoria da situação dos reformados (...) e dos jovens (...). Mentira esta ridícula farsa de Cavaco a gabar o cavaquismo e de Nogueira procurando esconder o seu real projecto de continuação do mesmo.

Mentiras também do PS que diz ir fazer coisa diferente mas se propõe continuar a fazer o mesmo (...) pois a sua política até hoje e aquela que propõe não se distinguem nas questões centrais da política do PSD.

Mas na acção política e na campanha eleitoral, nem tudo são mentiras. Há quem fale verdade. Há um Partido, há uma força que (como sempre) fala verdade ao povo. É o PCP. É a CDU. Verdade sobre a situação. Verdade sobre as suas propostas. Verdade sobre a sua acção. Nós, comunistas, assumimos a responsabilidade do que queremos, do que fazemos, do que propomos.»



2ª questão. O perigo das maiorias absolutas e a votação necessária para uma real alternativa democrática.

«A experiência de muitos anos de maioria absoluta do PSD é uma experiência nefasta que não deve repetir-se. A maioria absoluta do PSD tem significado a governamentalização e absolutização das instituições democráticas; o fiscalizar da Assembleia da República pelo Governo através da sua maioria roubando à Assembleia da República a competência de fiscalização da acção governativa; a contestação das competências do Presidente da República, do Tribunal Constitucional, do Tribunal de Contas e a eliminação sistemática de todos os mecanismos de fiscalização da acção governativa; o desrespeito pela legalidade constitucional; o abuso e arbitrariedade do poder; a corrupção, os escândalos nas esferas governantes e a impunidade e o abafar dos inquéritos

parlamentares. Em resumo: o impedimento do regular funcionamento das instituições.

Diz Cavaco, diz o Governo, diz o PSD que a maioria absoluta significou estabilidade. Mas a verdade é que "estabilidade" do governo, ou seja a continuação ao longo de tantos anos do governo de Cavaco e do PSD, tem significado e continua a significar a desestabilização económica, a desestabilização social, a desestabilização cultural, a desestabilização política, a par da crescente capitulação nacional a favor de interesses estrangeiros - desestabilização geral da sociedade portuguesa.

O PS também faz apelo a uma maioria absoluta. Teria as mesmas consequências da maioria absoluta do PSD. Deve ter-se bem presente que não há diferenças em questões essenciais entre a política e as propostas do PSD e a política e as propostas do PS. As nefastas consequências que se acabam de apontar para a maioria absoluta do PSD, repetir-se-iam se acaso sucedesse (o que não vai suceder e é bom que não suceda) o PS alcançar maioria absoluta.

A verdade é que sem o PCP, sem a CDU não há alternativa democrática possível à política de direita. O PCP e a CDU assumem como verdadeira uma política alternativa. O PCP e a CDU estão como sempre estiveram ao serviço do povo. Os eleitos do PCP e da CDU na Assembleia da República, nas autarquias, no Parlamento Europeu dão provas disso. O reforço da representação do PCP e da CDU na Assembleia da República é determinante.

Se se fala em voto útil, há um voto útil para pôr fim à política de direita e para uma real alternativa democrática. É o voto na CDU. Estamos a lutar com confiança. Vamos dar a volta a isto.»

3ª questão. A desigualdade de meios de propaganda e informação e a necessidade e valor do empenhamento militante.

para venda salsichas ou detergentes. Organizam-se debates em que vira-casacas tendo chegado a sua hora H aparecem como lídimos e fiéis representantes dos seus novos partidos: PSD e PS (...).

(...) Esta grande diferença de meios exige o empenhamento militante do PCP, de todos os que participamos na CDU.»

4ª questão. O que o PCP e a CDU propõem ao povo português.

«O necessário não é mudar as pessoas, o Primeiro-Ministro, os ministros, os deputados, os partidos, e continuar a política de direita. O necessário é uma nova política, uma política democrática capaz de resolver os graves problemas existentes e ultrapassar a pesada herança deixada pela política de desastre nacional do PSD (...).

As propostas do PCP têm em conta a natureza inseparável das quatro vertentes ou elementos da democracia (a política, a económica, a social e a cultural) e a defesa corajosa da independência e soberania nacionais (...).

Depois de referir o que tem sido a acção dos eleitos comunistas na Assembleia da República, nas autarquias, no Parlamento Europeu, e à sua preparação e capacidade para governar o país no dia em que o povo o decida, o camarada Álvaro Cunhal fez uma breve referência a propostas essenciais do PCP e da CDU e concluiu a sua intervenção com apelos aos trabalhadores, aos reformados, às mulheres, aos jovens e à população em geral para assegurarem nas eleições de 1 de Outubro a derrota da direita e da sua política e uma grande votação na CDU.

«Verdes» contra pedreira clandestina

O deputado André Martins, do Partido Ecologista «Os Verdes» e cabeça de lista da CDU pela Guarda, apresentou requerimentos às entidades oficiais exigindo a responsabilização do Estado e o pagamento de compensações pelos prejuízos já causados pela exploração clandestina de uma pedreira e actividade de uma britadeira e central de alcatrão na freguesia de Touça, no concelho de Vila Nova de Foz Côa.

A instalação industrial em causa funciona há cerca de dois anos no lugar de Alto da Touça, ao arripio da legislação em vigor, com graves consequências para a população quer de natureza ambiental quer no que respeita à sua própria segurança.

A unidade encontra-se a menos de 250 metros da povoação, sem que exista qualquer barreira ou mecanismo de protecção de sons e poeiras ou qualquer vedação daquela área. Acresce que na laboração são utilizados explosivos sem a autorização necessária da PSP.

«Os Verdes» estranham que, face a todas as irregularidades, a Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais tenha emitido um parecer, em Março deste ano, favorável à laboração da pedreira, apesar de não terem sido efectuados quaisquer estudos de impacte ambiental.



Acampamento jovem

Durante quatro dias, mais de uma centena de jovens estiveram no Acampamento Norte da Juventude CDU, em Couce-Campo-Valongo, onde houve, apesar do tempo incerto e dos aguaceiros, muita animação e boa disposição, com música, desporto, teatro, banhos no rio e caminhadas à descoberta da serra de Valongo. No domingo, os can-

didatos da CDU levaram consigo ao acampamento um convidado que foi recebido com especial calor. Álvaro Cunhal almoçou com os activistas e amigos da CDU e participou depois numa conversa solta e informal sobre vários temas de interesse dos jovens. Muitos dos «campistas» deslocaram-se depois à «Festa da Unidade».

Prevenindo nova efabulação do PSD no Pontal Carvalhas dá razão aos protestos e insiste numa viragem à esquerda

Em férias no Algarve, o secretário-geral do PCP participou sábado, em Monte Gordo, num convívio de candidatos e activistas da CDU



Dirigindo-se às cerca de três centenas de pessoas que acorreram à sardinhada da CDU no parque de merendas da mata de Monte Gordo, Carlos Carvalhas comentou a recente disputa verbal entre PS e PSD, sobre a formiga branca e a formiga preta, a formiga e a cigarra...

Para o dirigente comunista, os líderes daqueles partidos «falam em metáforas, porque querem esconder a coincidência da sua política para a economia, para a agricultura, para as pescas, para a saúde, para o ensino». E preveniu: «Não podemos ficar surpreendidos que, daqui até Outubro, outras histórias da carochinha apareçam, quer a do Capuchinho Vermelho, etc.», tal como «não nos podemos também admirar que, no Pontal, eventualmente Cavaco Silva e Fernando Nogueira, em unísono, declamem "O Velho, o Rapaz e o Burro", para concluir que o povo fala de tudo, tenha ou não razão - o povo e as oposições. Mas o povo tem razão. Têm razão os agricultores prejudicados pela seca, quando se queixam de que não recebem qualquer apoio do Terreiro do Paço. Têm razão os pequenos e médios empresários, aqueles que criam riqueza e vêem que o poder aqui só olha para o turismo enquanto cria mais e mais problemas à actividade produtiva. Têm razão os pescadores que se queixam de que, numa primeira fase, lhes disseram "invistam", "lancem novos barcos" e "terão apoios", mas agora dão apoios é para liquidar os barcos. Têm razão os jovens, que dizem que o seu futuro não tem perspectivas, porque esta sociedade só lhes oferece o trabalho precário, a emigração ou o desemprego. Têm razão os reformados, que se queixam das pensões de miséria, de uma saúde que não funciona, dos medicamentos caros. Tem razão

o povo, que diz que muitos fogos podiam ser evitados, se houvesse uma ordenação florestal diferente, se houvesse uma prevenção diferente, se se penalizasse todos aqueles que procuram ganhar dinheiro na especulação, quer com as madeiras, quer com as zonas ardidas, através da promoção imobiliária. Tem razão o povo quando diz que esta política concentra riqueza num pólo criando dificuldades a milhares de portugueses que se vêem excluídos de um nível de vida digno.»

Com a CDU

Carlos Carvalhas sublinhou que «é necessário mudar, é necessária uma nova política», realçando que «para correr com o PSD, é preciso que haja 116 deputados democráticos» e «nenhum voto de esquerda precisa mudar de campo, nós estamos sempre nestes 116 deputados e, quantos mais elegermos, mais podemos influenciar a política.»

Respondendo aos que defendem que o facto de o PS e o PSD terem políticas semelhantes até nem é mau, porque isso dá origem a uma estabilidade, pois mudam as caras e continua tudo na mesma, Carvalhas considerou que «esta é a estabilidade daqueles que ganham com os fundos estruturais, que estão sentados à mesa do Orçamento, das clientelas do PSD, daqueles que, no fundo, fazem fortuna dormindo; mas não é a estabilidade para os trabalhadores, para os agricultores, para os pescadores, para aqueles que criam riqueza, para aqueles que, no fundo, fazem com que Portugal avance.» E frisou que na CDU «queremos mudança, com tranquilidade, para que haja estabilidade para a juventude, para trabalhadores, para os agricultores, para os pescadores, para os

pequenos e médios empresários».

Criticando os políticos e os partidos que dizem uma coisa aos eleitores e fazem outra diferente quando se trata de definir grandes linhas, o secretário-geral do PCP apontou o exemplo do CDS: «Diz-se muito preocupado com os agricultores, mas votou em Estrasburgo a PAC - política agrícola comum; diz-se muito preocupado com os viticultores, mas votou em Estrasburgo o relatório que permite a fabricação de vinho a martelo na base do açúcar; diz-se muito preocupado com a situação social, mas apresentou um projecto de revisão constitucional que liquidava a lei da greve e os direitos dos trabalhadores».

Dirigindo-se aos que têm votado no PS em anteriores eleições, Carlos Carvalhas lembrou que o PS, «amarrado na Internacional Socialista aos acordos de Maastricht, diz que o emprego não vai aumentar, o que significa que o desemprego vai continuar a aumentar; que diz aos trabalhadores da administração pública "o máximo que podemos prometer é que não vamos diminuir os vossos salários", o que significa que vamos continuar com uma repartição injusta do rendimento nacional; que diz

que nos próximos 4 anos não nos vamos aproximar da Europa, o que significa que continuaremos na cauda da Europa».

Desafiando Guterres e a direcção do PS a dizerem claramente se estão de acordo com as ideias expressas no documento da Associação Industrial Portuense «que defende que o patronato possa despedir sem justa causa, que liquida as comissões de trabalhadores, que defende maior flexibilidade (o que significa maior intensificação da exploração, meno-

res direitos para os trabalhadores)», Carvalhas apelou a que «muitos socialistas que não estão de acordo com isto» contribuam com o seu voto para o reforço da CDU, para uma política de esquerda.

Concluiu apelando ao empenhamento de todos os militantes e apoiantes no esclarecimento e na batalha para, nas eleições de 1 de Outubro, ganhar para a CDU o voto de mais e mais trabalhadores, reformados, empresários, mulheres e jovens.

O Algarve precisa de um deputado da CDU

A eleição de pelo menos um deputado da CDU no Algarve foi apontada por Carlos Luís Figueira como uma necessidade sentida especialmente depois de, em 1991, a coligação ter perdido «injustamente» o seu eleito no círculo de Faro. O cabeça-de-lista da coligação e membro da Comissão Política do PCP, intervindo antes de Carlos Carvalhas no convívio de Monte Gordo, sublinhou que o eleito da CDU «foi durante anos e anos o deputado que, eleito na região, mais problemas levantou e mais preocupações suscitou sobre a situação no Algarve; deputado que, com altas responsabilidades na direcção do grupo parlamentar do PCP, sempre se disponibilizou para vir ao Algarve contactar os algarvios, inventariar os seus problemas e tratá-los na AR. É destes deputados que o Algarve precisa!».

Carlos Luís Figueira criticou a Comissão Coordenadora Regional, apontando-a como «aquela CCR que, subserviente em relação ao Governo, que também já é subserviente em relação a Bruxelas, tem uma responsabilidade histórica na

situação em que o Algarve se encontra» e concluindo que, «se tivessem um mínimo de responsabilidade e um mínimo de sentido de Estado, há muito que todos já deviam estar demitidos». Afirmou ainda que «é preciso também que imediatamente se vá vasculhar aquelas gavetas, que se faça um inquérito, que se faça uma inspecção, para ver se, de facto, os fumos de corrupção não correspondem a fogo mesmo.»

Tal como António Boronha, empresário e dirigente associativo que, como independente, surge em segundo lugar na lista algarvia da CDU, Carlos Luís Figueira condenou o modelo de desenvolvimento imposto à região «durante este longo consulado cavaquista» e que «tornou a economia do Algarve mais fragilizada e mais dependente e agudizou os problemas sociais».

A CDU defende outro projecto, «que aproveite as potencialidades turísticas, mas também desenvolva a actividade produtiva, que crie postos de trabalho, estabilidade no emprego, outras condições de segurança para a população».

Jorge Pires nega Independente

«Venda da Atalaia é uma completa falsidade»

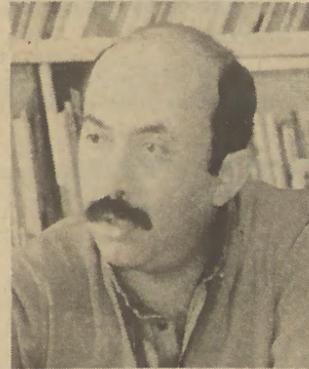
Solicitado pelo «Avante!» a comentar a notícia avançada pelo semanário «O Independente» na passada semana sobre a possibilidade de venda da Quinta da Atalaia (desmentida de imediato por uma nota do gabinete de imprensa do PCP), Jorge Pires, membro do Secretariado do Comité Central responsável pela Festa do «Avante!», sublinhou que se trata de «uma completa falsidade sem qualquer fundamento e que ainda por cima não faz sentido nenhum».

Jorge Pires referiu que antes da publicação da notícia, a direcção do Partido foi contactada pela redacção daquele semanário, tendo logo na altura negado qualquer intenção de vender o terreno da Atalaia. Contudo, o jornal fez ouvidos de mercador e manteve o texto que além do mais «é desprestigiante para aquele órgão e para o jornalista que o assina».

«Se hoje existem razões para falar da Quinta da Atalaia é porque ali se vai realizar a 19ª edição da festa do Avante! e sobre esse grande acontecimento O Independente ainda não escreveu uma linha».

«Ainda recentemente a Direcção da Festa do Avante! promoveu uma conferência de imprensa, à qual O Independente não compareceu, onde se falou sobre o plano de investimentos em infra-estruturas, algumas das quais começarão a funcionar na Festa de 1996».

«Não faria pois sentido vendermos o terreno, até porque depois de 13 anos em que fomos obrigados a transferir a Festa



de local para local, com todos os inconvenientes daí resultantes, a aquisição da Quinta da Atalaia representou a concretização de uma grande aspiração dos comunistas, e a possibilidade de oferecer melhores condições aos visitantes. Recordo que já foram investidos mais de 200 mil contos em infra-estruturas e temos projectos para continuar este esforço, designadamente com a ocupação de uma parte do terreno que hoje não é utilizada pela Festa».

«Vender seria uma decisão insensata também porque aquele espaço só tem utilidade para este tipo de realizações. Como é sabido, o plano de pormenor da zona envolvente da Baía do Seixal proíbe a urbanização do terreno e a construção de habitações, facto que à partida reduz o leque de possíveis interessados».

«Para que não haja dúvidas, O Independente fica desde já convidado a ir à Quinta da Atalaia em 1996, ano em que se comemoram 20 anos de Festa do Avante! e em que surgirão certamente muitas novidades.»

Falta de água em Faro era previsível

— CDU responsabiliza Câmara

Em nota que publicamos de seguida, a CDU de Faro recorda os alertas que lançou aos responsáveis autárquicos para a gravidade do problema e avança várias soluções para superar a escassez do líquido na região.

1. As recentes notícias acerca dos elevados índices de nitratos detectados na água de abastecimento público em várias zonas da cidade e nas freguesias rurais trouxe de novo para a actualidade a gravidade de uma situação reiteradamente abordada pela CDU, através dos seus eleitos no executivo camarário, na Assembleia Municipal, e na participação qualificada que sempre teve nos debates promovidos sobre esta importante matéria.

De uma forma responsável, os eleitos da CDU vêm desde há muito questionando a maioria socialista na Câmara Municipal de Faro sobre a necessidade de se encarar com outro sentido de responsabilidade a resolução dos problemas que o concelho de Faro tem para garantir, com a qualidade e quantidade necessária, o regular abastecimento de água à população. Recordamos, designadamente, que em Novembro de 1992 o cabeça de lista da CDU à Câmara Municipal de Faro produziu várias intervenções sobre a gravidade do problema exigindo medidas céleres para o enfrentar. Várias reuniões e debates foram promovidos, sob proposta da CDU, sem que as soluções apresentadas fossem levadas à prática.

A resposta que ao longo do tempo se foi obtendo dos responsáveis autárquicos deste concelho mais não foi que a aceitação passiva das dificuldades para resolver o problema, que são óbvias e que ninguém ignora, a sistemática fuga a prestar informações sobre a situação real da qualidade da água fornecida, declarações de alguma irresponsabilidade sobre garantias acerca do controlo de uma situação que os recentes acontecimentos vieram comprovar, mais uma vez, não existir.

Atitude idêntica é tomada pela Administração Regional de



Saúde ao considerar alarmistas notícias que davam conta da má qualidade da água fornecida pelo excessivo volume de nitratos, admitindo todavia que o aumento de casos de febre tifóide e de hepatite A ocorridos no concelho de Faro a partir de 1992 era resultante da ingestão de água excessivamente contaminada.

2. Perante a conhecida escassez de recursos de água disponíveis seria de prever, face à prolongada seca, que os problemas se viessem a avolumar. A realidade aí está a prová-lo. No início do mês de Agosto, período de um dos maiores picos de consumo, a água fornecida em importantes zonas populacionais da cidade e nas freguesias rurais é insuficiente e não apresenta níveis de qualidade que garantam a saúde dos cidadãos, particularmente as crianças e idosos.

Medidas de excepção foram agora anunciadas pela Câmara Municipal de Faro através, entre outras, do fornecimento em autotanques de água às zonas mais afectadas. Sendo justas, são entretanto tardias e insuficientes para responder à dimensão de um problema sobejamente conhecido.

3. A CDU reitera a necessidade de serem tomadas com a

urgência necessária outras medidas que garantam o regular e necessário abastecimento de água à população porque consideramos a situação presente um

caso de saúde pública. De entre elas sublinhamos: a necessidade de procurar novas fontes de abastecimento, através da rápida captação de novos caudais; cumprir as normas de protecção e segurança dos aquíferos subterrâneos definidas pelas autoridades respectivas desde 1992 e sistematicamente ignoradas; fornecer às zonas mais afectadas água potável em quantidade e qualidade necessárias através de autotanques ou mesmo engarrafada sobretudo para crianças e população idosa; realizar uma campanha de informação e cuidados a ter com a utilização da água a toda a população.

A CDU vai exigir a marcação, com carácter de urgência, de uma reunião com Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais a fim de discutir medidas eficazes para fazer face à situação.

Cascais Bairros ilegais não são prioridade

A recuperação dos bairros ilegais continua a não ser tarefa prioritária para a maioria socialista da Câmara de Cascais, apesar de ser um dos problemas mais sérios com que se debate a população do concelho. Quem o afirma é o vereador da CDU, Carlos Sota, que em comunicado à imprensa acusa o PS de fazer "uma gestão do faz-de-conta" no que respeita àquela matéria.

A questão dos bairros ilegais é um caso sério no concelho de Cascais: trata-se de um território de 10 milhões de m² desordenados e não integrados urbanística e socialmente no restante tecido urbano do concelho, onde residem cerca de 45 mil pessoas que não dispõem das condições básicas para um mínimo de qualidade de vida. Seria de esperar que à resolução

deste problema fosse dada a máxima prioridade, mas segundo o vereador Carlos Sota o que se verifica ao fim de ano e meio de novo mandato é o arrastar de uma situação de inoperância: a grande maioria dos processos de recuperação está parada; os poucos processos enviados à Comissão Coordenadora Regional (CCR) foram quase todos indeferidos por estarem

mal instruídos; fomenta-se a divisão entre proprietários; apenas dois por cento das verbas do orçamento foram afectadas a esta problemática; não existe um verdadeiro gabinete técnico municipal que responda por esta frente; não é disponibilizado um parque de máquinas para os trabalhos necessários; a Câmara não assume a construção dos equipamentos sociais.

Para o vereador da CDU, o PS parece mais interessado em medidas pontuais que, não resolvendo os problemas, permitem no entanto um eventual aproveitamento eleitoral.

Diferente é a postura da CDU, que apresentou recentemente um "pacote de medidas" que, a ser levado à prática, per-

mitiria dar um salto qualitativo na recuperação e reconversão dos bairros ilegais. O pacote propõe, designadamente, a afectação de 10 por cento das verbas do orçamento (cerca de 1.300.000 contos) a esta rubrica; a responsabilização municipal pelas infra-estruturas a montante e a jusante, bem como dos equipamentos sociais necessários; afectação de um parque de máquinas; isenção total da taxa de infra-estruturas.

A proposta da CDU foi rejeitada, com o voto contra do PS e a abstenção do PSD. Para o vereador Carlos Sota, trata-se da confirmação, inequívoca, de que o PS não quer resolver a problemática dos bairros ilegais.

CAMARADAS FALECIDOS

António Alves

Faleceu, no passado domingo, António Rodrigues Alves. Natural de S. Pedro do Sul, era agente comercial e residia na Freguesia da Graça, de cuja organização do PCP foi grande dinamizador.

Berta Cadete

Faleceu, no passado dia 4 de Julho, com 68 anos, Berta Maria Coutinho Cadete. Era comerciante e militava na organização do Entroncamento.

Tavares Marcelino

Faleceu, quinta-feira da passada semana, Ermelino Tavares Marcelino. Pertencia à célula dos CTT e era delegado sindical do Sindicato Nacional dos Correios e Telecomunicações.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Ecolojovem

Dois anos à espera de uma reunião

A Ecolojovem recorda em comunicado o ministro Marques Mendes e a secretária de Estado da Juventude que a promessa de convocar nova reunião do Conselho Consultivo da Juventude para discutir a política de Juventude, fez exactamente dois anos no passado dia 3 de Agosto.

Foi naquela data, há dois anos que se realizou uma polémica reunião do CCJ onde o Governo abusivamente considerou «ouvidas» as organizações de Juventude relativamente ao diploma que criou o Instituto Português da Juventude.

Contudo, o segundo ponto da ordem de trabalhos - «Audição do Conselho sobre a política de juventude» não chegou a ser debatido já que o Governo decidiu suspender a reunião afirmando que «brevemente marcaria a continuação da mesma para discussão daquele ponto».

Dois anos passaram, e até hoje a política de juventude não foi discutida com as organizações de jovens.

Novos quadros da DORL promovem cabaz cultural



No âmbito da Campanha Nacional de Fundos dos 150 mil contos, o Sector dos Novos Quadros do Sector Intelectual da DORL lançou uma iniciativa própria denominada «Cabaz Cultural» e que visa a recolha de fundos através da venda de rifas.

É uma proposta inédita que conta com um cartaz já editado e uma aliciante lista de prémios possíveis de sair por apenas duzentos escudos.

Nova legislação não pode ser discutida

Fenprof recusa «negociação» à moda do ME

A ministra da Educação deu prazos de 4 e 10 dias para que a federação emitisse «comentários e sugestões» sobre matérias tão importantes como o ensino artístico especializado e os grupos de docência e habilitações

Em pleno período de férias dos professores, Manuela Ferreira Leite prepara-se para alterar, através de portaria, os grupos de docência e as habilitações dos professores dos ensinos básico e secundário - denunciou a Federação Nacional dos Professores. O projecto do Ministério «prevê, entre outras medidas, uma reestruturação global dos grupos e habilitações que, a concretizar-se, teria consequências profundamente negativas para os docentes que se encontram no sistema e acarretaria uma situação de grande instabilidade para as escolas, onde os grandes prejudicados seriam os alunos», alerta a Fenprof, notando que «pode haver professores a ser expulsos do sistema, apesar de hoje terem habilitação própria para a docência».

Em carta enviada à ministra, a federação afirma que «uma matéria desta natureza, com a

importância e as implicações que gera no sistema educativo e na vida profissional dos professores, não pode excluir as organizações representativas dos docentes de um verdadeiro processo negociado»; só que Manuela Ferreira Leite, quando «apenas solicita "eventuais comentários e sugestões ao referido projecto", revela não estar interessada em desenvolver tal processo, onde a emissão de um parecer pelos sindicatos e a realização de reuniões de negociação são peças fundamentais».

Para que a federação emitisse os «comentários e sugestões», a ministra deu um prazo de 10 dias; a impossibilidade de discussão com os professores é impedida ainda por se estar em pleno período de férias.

A Fenprof recorda que, numa recente reunião em que foi tratada a questão dos quadros e cursos, a ministra «referiu não

querer, em ano eleitoral, introduzir qualquer alteração global no seu regime, pelas implicações que tal traria para o sistema educativo, sendo crível que isso originaria o "estalar" de uma grande polémica no seio dos professores». «Estranhámos, pois, que a senhora ministra, para uma matéria tão ou mais polémica e importante, tenha mudado de opinião, parecendo querer "despachar serviço" antes do final do mandato» - comenta a Fenprof, declarando que «não se encontra disponível, nestas condições, para emitir qualquer parecer e tudo fará no sentido de denunciar e combater quaisquer tentativas ministeriais que visem fazer aprovar e publicar o projecto de portaria em questão».

Também nos últimos dias de Julho, Manuela Ferreira Leite fez chegar à Fenprof um projecto de decreto-lei sobre o regime

jurídico dos professores em exercício de funções nos estabelecimentos de ensino especializado de Dança e Música, solicitando «comentários e apreciação» da federação em apenas 4 dias úteis.

Em nota de imprensa, a Fenprof denuncia «a falta de vontade do ME em desenvolver negociações sérias», «a ânsia da senhora ministra em criar a ilusão, no período pré-eleitoral, de que o Ensino Artístico especializado merece as suas "boas intenções"» e «a vontade da senhora ministra em excluir a intervenção das organizações sindicais, quando apresenta projectos cuja viabilidade de discussão é impraticável».

A federação exige que este projecto de decreto-lei seja posto à discussão dos professores a partir do início do próximo ano lectivo, sublinhando que «por várias vezes» propôs negociações à ministra, que agora veio apresentar o trabalho do seu gabinete «como se tal fosse a verdade suprema e indiscutível».

Panificação de Lisboa pode pagar melhores salários

«A indústria de panificação é um sector rentável, económica e financeiramente consolidado», afirma o sindicato da Alimentação do Sul, que acusa o patronato de mentir quando alega a impossibilidade de suportar economicamente «aumentos do subsídio de refeição e de salários dignos e justos e a redução do horário de trabalho». Na reunião de conciliação, que teve lugar há cerca de um mês, os representantes patronais da panificação de Lisboa recusaram negociar a revisão do contrato colectivo, mantendo-se inflexíveis - refere um comunicado sindical.

Nesse documento é revelado que mais de 60 por cento do pesso-

al do sector recebe ordenados de 52 contos, enquanto o salário mais elevado é de 68 contos. O horário praticado é o máximo admitido legalmente (44 horas semanais) e em mais de 70 por cento dos casos trata-se de trabalho nocturno permanente. É «praticamente inexistente» o investimento na melhoria das condições de segurança e higiene.

Defendendo que «os trabalhadores têm direito a viver melhor» e que «reclamar melhores condições de trabalho é contribuir para a segurança do consumidor e melhor qualidade dos produtos», o sindicato apela ao desenvolvimento da luta nas empresas.

Por que parou a Alô-Port?

Em vez de umas merecidas e repousantes férias, os 150 trabalhadores da têxtil Alô-Port, no concelho do Seixal, tiveram no final de Julho sérios motivos de inquietação: a empresa não lhes pagou o salário de Junho, que já estava em dívida, nem sequer o de Julho e o subsídio de férias; como tal não bastasse, o fornecimento de electricidade está cortado desde o dia 20 de Julho, impedindo a laboração normal, apesar de ser anunciada a existência de volumosas encomendas.

No seguimento de anteriores movimentações pelo pagamento das remunerações em atraso, os trabalhadores reuniram em plenário no dia 21, exigindo medidas imediatas para regularizar o abastecimento de energia eléctrica e «medidas concretas e credíveis» para viabilizar a resolução dos problemas que afectam a

empresa e os trabalhadores. Na resolução aprovada pelo plenário, os trabalhadores manifestaram mesmo a sua disponibilidade para adiar a entrada de férias até ao final do mês.

A administração recusou recorrer aos mecanismos do decreto-lei 132/93 para a viabilização da empresa, não garantiu o pagamento dos salários nem a retoma da laboração, deixando agudizar-se os problemas. A 25 de Julho, apresenta aos representantes dos trabalhadores, como única saída para evitar a morte da empresa, uma proposta que, em novo plenário no dia seguinte, foi considerada «uma autêntica afronta à dignidade» do pessoal: sem dar quaisquer garantias quanto ao pagamento dos salários em dívida ou dos que venceriam dentro de poucos dias, a administração exigia o apoio e empenhamento dos tra-

balhadores na produção de uma encomenda durante o mês de Agosto.

A resolução do plenário de dia 26 considera tal proposta «destituída de qualquer fundamento sério e credível», uma vez que apresenta como solução para os graves problemas de hoje a utilização dos ganhos de um plano para Agosto, Setembro e meados de Outubro, «sem cuidar de resolver as causas e os problemas resultantes dos prejuízos acumulados ao longo de vários anos».

A 28 de Julho, perante a falta de resposta da administração às propostas dos trabalhadores, é decidido em plenário recorrer à suspensão dos contratos ao abrigo da lei dos salários em atraso, como forma de garantir meios de subsistência (subsídio de desemprego) e viabilizar as acções necessárias (nomeadamente no

plano judicial) para salvaguardar os direitos dos trabalhadores. Com o apoio do Sindicato dos Têxteis do Sul, foi solicitada a intervenção do Ministério Público, bem como da Inspeção Geral do Trabalho e do Centro Regional de Segurança Social.

Alertando para o facto de este problema afectar, entre trabalhadores e familiares, mais de 500 pessoas, uma nota de imprensa do sindicato aponta o caso da Alô-Port como «mais um indicador da política do Governo Cavaco Silva, em conjunto com a política patronal de destruição do aparelho produtivo, atirando para o desemprego centenas de trabalhadores».

Admite-se que por trás da degradação da Alô-Port possam estar interesses mais apontados para a especulação imobiliária do que para a continuação da actividade produtiva.

MSET QUER DESPEDIR CT

Entre os 59 operários que a administração da MSet pretende despedir, encontram-se todos os membros da Comissão de Trabalhadores, um dirigente sindical e um delegado sindical - denunciou na semana passada o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul. Numa nota de imprensa, o sindicato considera esta tentativa de despedimento como um ataque à organização dos trabalhadores na empresa e acusa a administração de querer despedir pessoal efectivo «para no seu lugar colocar trabalhadores à hora, sem direitos, em situação ilegal, como já aconteceu na madriladora, soldadora e na área de manutenção».

MERLONI/ARISTON DESFAZ-SE DE 150

Uma empresa de trabalho temporário comunicou a 150 trabalhadores da Merloni que não veriam os seus contratos renovados no final de Julho - revelou também o sindicato dos Metalúrgicos do Sul, para quem aqueles, «embora contratados pela Creyf Interim de Portugal, são despedidos pela Merloni/Ariston, porque é a empresa utilizadora do seu trabalho». O sindicato solicitou a intervenção da Inspeção Geral do Trabalho, que vai elaborar o respectivo auto de notícia.

A justificação de *acréscimo temporário da actividade*, avançada pela administração da Merloni para recorrer à Creyf Interim, é contrariada pelos trabalhadores. Numa moção aprovada dia 3, em plenário, afirma-se que «não existe acréscimo temporário da actividade da empresa, mas sim uma produção normal para todo o ano, definida em Janeiro». Os jovens contratados através da Creyf, denuncia o sindicato, têm contratos de um mês, sem qualquer espécie de direitos e com uma retribuição que é cerca de metade do salário dos restantes trabalhadores. A moção de dia 3 repudia esta situação de discriminação, condena o despedimento agora concretizado e o recurso sistemático a mão-de-obra alugada e exige que, após as férias, todos os trabalhadores sejam readmitidos, «mas com contratos com a Merloni».

CERVIBEL TEIMA

Para boicotar a greve desencadeada pelo processo de revisão do Acordo de Empresa, a gerência da Cervibel já fez gastos superiores aos custos da actualização salarial reclamada pelos trabalhadores - acusa o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul, afirmando que os responsáveis da empresa, que distribui as cervejas Sagres e Imperial no distrito de Beja, continuam a «recusar todas as hipóteses de encontrar qualquer solução negociada para a revisão do AE».

Os salários não são actualizados há 31 meses, refere uma nota divulgada pelo CESSul na semana passada, apelando aos clientes «lesados pela teimosia da gerência da Cervibel» para que protestem junto da Centralcer.

O sindicato considera falsas as alegadas dificuldades financeiras da Cervibel, apontando despesas recentes, de dezenas de milhares de contos, na aquisição e melhoramentos de uma vivenda, na compra de viaturas, em férias e fins-de-semana da gerência. Esta é ainda acusada de continuar a admitir novos trabalhadores, apenas para substituir os grevistas.

BINGO DE ÉVORA

Exigindo o pagamento dos salários de Junho e Julho, do subsídio de Natal de 1994 e de retroactivos de 1995, estiveram em greve, nas noites de sexta para sábado e de sábado para domingo, os trabalhadores do Évora Bingo - revelou o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul.

GUARDAS FLORESTAIS

Continua marcada para dia 15, quando abre a época venatória 1995/96, uma greve nacional dos guardas florestais. A luta, segundo a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, é desencadeada por o Ministério da Agricultura não apresentar propostas concretas relativas à revalorização da carreira profissional e à bonificação no tempo de serviço para a aposentação, reivindicações que foram apresentadas há um ano.

Os guardas-florestais, refere a federação, têm funções policiais mas, em termos de enquadramento profissional, estão equiparados ao pessoal auxiliar da administração pública. Nos últimos cinco anos, as exigências apresentadas a estes cerca de 800 trabalhadores aumentaram significativamente, em particular com a introdução de funções na área da investigação dos fogos florestais (que antes competia à PJ), a proliferação de zonas de caça associativas e a implementação de programas comunitários de desenvolvimento florestal. A FNSFP protesta contra a degradação das condições de vida dos guardas florestais, citando alguns exemplos de salários ilíquidos no topo de categoria (entre 115 e 133 contos) e comparando o vencimento de um guarda florestal na categoria de ingresso (78 900 escudos) com o que é pago em situação semelhante aos profissionais da PSP ou da GNR (97 800 escudos).

Palavras e Cromos

■ Urbano Tavares Rodrigues

Insólitos encontros

Há dias bafejados pelo inédito, ou pelo pitoresco, de certos encontros.

Vinha eu a sair da balbúrdia egípcio-californiana do Centro Comercial das Amoreiras, direito ao primeiro táxi da fila, quando um rapagão vermelhusco, cheio de escrófulas na cara e nos braços, me saltou ao caminho, de mão estendida, jurando e trejurando que era seropositivo. Na dúvida, dei-lhe tudo ou quase tudo o que levava no porta-moedas e lá consegui, ainda a ouvir-lhe o interminável discurso, instalar-me no táxi e fechar a porta.

O motorista, que era muito jovem, aprovou o meu gesto, o que não deixei de achar insólito, e acrescentou que, em idênticas circunstâncias, agia como eu. Ao menos ficava de bem com a consciência. «Até pode não ser verdade, mas...». Alguns dos que por ali andavam, levava-os ele mais tarde (ou outros colegas) lá abaixo ao Casal Ventoso, já noite entrada.

Conversámos sobre a droga e verifiquei não só que ele se exprimia bem e tinha certa cultura, mas sobretudo que era tolerante e compreensivo para com os toxicodependentes.

Eu quase me limitava a ouvir ou a dar-lhe a deixa. Até que veio a grande revelação. «Eu — digo-lhe isto porque o senhor compreende — também já me droguei, como muitos da minha geração. Ia matando de desgosto os meus pais. Literalmente. E dei tanta cabeçada, não queira saber. Enfim, fui parar às Taipas e então tive sorte, tive bons apoios e tive vontade. Curei-me. Olhe, peguei neste táxi e recomecei a vida. E a vida merece ser vivida.»

Falou-me ainda, em termos muito bonitos, do seu diálogo directo com Cristo. Com Emanuel, como ele dizia. Ignoro qual seja a sua confissão religiosa. De resto, não tentou converter-me. Era sóbrio e, no espaço de incerteza da cidade que percorríamos, com os restos de claridade do dia a extinguírem-se, tinha um rosto iluminado.

O bom conselheiro

Outro dia, estava já prestes a acabar a Feira do Livro no Parque Eduardo VII, e o fim da tarde, com vento áspero, afastava os curiosos do alto daquela ruazinha de barracas onde eu, sentado frente a uma mesa coberta de livros, assinava — ou devia assinar — autógrafos, reparei que um homem de meia-idade, sem marcas nítidas de estrato social, me olhava atentamente, havia já um bom bocado.

De começo, eu tinha autografado uns doze ou quinze exemplares, havia até pessoas que me esperavam junto do stand e desconhecidos que, passando ali por acaso, me vinham cumprimentar e dizer que tinham gostado deste ou daquele dos meus romances, a rotina destas funções. Mas entrara num tempo morto, os transeuntes miravam os livros, viam o preço, espreitavam para dentro das páginas, espiavam-me à sorrelfa e iam-se embora. Paciência!

Até que o bom do meu espectador ganhou ânimo para se aproximar e perguntou:

— Foi o senhor que escreveu todos estes livros?

— Pois fui.

— Custou muito?

— Nem por isso.

— Eu imagino: aquelas noites em branco, a rasgar papéis, a atirá-los para o chão, o cinzeiro cheio de pontas de cigarro, a aguardante ao lado. Não é assim?

— Mais ou menos.

— Eu tenho estado a observá-lo e, realmente, para tanto esforço o senhor vende pouco, muito pouco. Isto está mau para todos.

— De facto...

Quase afectuoso:

— Por que não tenta escrever para a rádio ou para a televisão? Os livros, sabe o senhor...

E tinha uma expressão tão convencida e consoladora que dei por ganha a minha tarde, já só pensava em raspar-me, e encerrei a sessão de autógrafos.

Emigração

Propostas para mudar de rumo

Candidatos e activistas da CDU divulgaram na passada sexta-feira, em conferência de imprensa, as propostas da Coligação para uma nova política de Emigração. Na iniciativa participaram Manuel Veiga, mandatário pelo círculo da Europa, Manuel Beja, cabeça de lista pela Europa, Alexandre Milheiro e Fátima Garcia, ambos candidatos da CDU naquele círculo, e ainda Ricardo Guedes Costa, mandatário pelo círculo de fora da Europa.

A Emigração portuguesa continua a ser fortemente marcada por uma grande maioria de trabalhadores por conta de outrem. Esta é uma realidade inquestionável que deve determinar as orientações para uma política de Emigração, ao serviço de Portugal e dos portugueses.

Actuando no sentido inverso, a actual política de Emigração do Governo PSD, tem-se caracterizado pelas constantes tiradas demagógicas em torno do «emigrante de sucesso» ou de um novo estatuto para o emigrante como se, por artes mágicas, daí tivessem resultado melhorias na sua condição social.

De facto, o PSD, que há cerca de 16 anos consecutivos é responsável pela política de emigração, à qual estiveram associados o PS e o CDS/PP, está de costas para os problemas da grande maioria dos emigrantes e suas famílias. Tem desenvolvido uma acção praticamente voltada para os grandes empresários das comunidades portuguesas.

Ao mesmo tempo, vai-se tornando ainda mais difícil o regresso dos emigrantes às suas regiões de origem, pois assistimos, em Portugal, à destruição de sectores tão importantes como a indústria, à agricultura e as pescas e à desertificação de vastas regiões do interior, ao contrário da «democracia do sucesso» e da chegada ao «pelo-tão da frente» dos países comunitários tão propagandeadas pelo PSD.

Durante todos estes anos o PSD, no Governo e na Assembleia da República, foi incapaz de resolver problemas tão importantes, tais como:

- A aplicação do direito constitucional e da Lei de Bases do Ensino, relativamente ao ensino do português aos filhos dos emigrantes;

- A reestruturação real no aparelho administrativo de apoio às Comunidades Portuguesas (consulados, serviços sociais e delegações do ex-IAECP em Portugal);

- A revisão do obsoleto Regulamento consular que já conta 75 anos;

- A criação de uma estrutura verdadeiramente representativa das Comunidades Portuguesas.

Durante todos estes anos, o PSD, no Governo e na Assembleia da República, tomou medidas muito negativas para os emigrantes, como por exemplo:

- Restrições nas redes de cursos de língua e cultura portuguesas e criação de grande instabilidade do corpo docente;

- Redução das isenções fiscais sobre os juros das poupanças dos emigrantes (depois de já muito os ter prejudicado quando em 87 alterou a legislação sobre contas a prazo);

- Aumentos brutais dos emolumentos consulares;

- Criação de legislação que dificulta a importação para Portugal de veículo próprio.

Durante todos estes anos, o PSD, no Governo e na Assembleia da República, demitiu-se das suas responsabilidades face às políticas discriminatórias dos governos dos países de residência, nomeadamente:

- Com a França: revisão da legislação sobre pensões de reforma que prejudica os portugueses e outros emigrantes de países da UE; encerramento de cursos de português no ensino oficial; legislação restritiva ao direito de estadia na situação de desemprego de longa duração; redução de apoio/subsídios às associações.

- Com a Suíça: não pagamento do subsídio de desemprego aos temporários (para o qual estes descontam), situação que se arrasta há longos anos; prevista a revisão do estatuto do trabalhador temporário que vai num sentido de piorar ainda mais a sua situação.

- Com a Holanda: medidas discriminatórias relacionadas com a autorização de estadia; redução de apoios e de subsídios ao ensino do português e às associações.

- Na União Europeia: o Governo do PSD recusa-se a votar favoravelmente directivas comunitárias que regulamentem o destacamento de trabalhadores com vistas a salvaguardar a igualdade de tratamento com os nacionais dos países para onde o trabalhador se desloca (directivas que impediriam o que se tem passado na Alemanha e não só).

- Com a Venezuela: impedimento da transferência para Portugal das economias dos emigrantes.

- Em diversos países de fora da Europa, criam-se dificuldades com a transferência das pensões de reforma.

A CDU considera necessário mudar de rumo em matéria de política de emigração. Propõe por isso um conjunto de medidas para uma nova política de Emigração:

1 - Garantir o ensino da língua e cultura portuguesas aos filhos dos emigrantes (conforme prevê o artº 74º da Constituição da República Portuguesa). Estabelecer o princípio de equivalência automática de diplomas, e rever o valor das taxas que lhes são aplicadas. Promover maior informação sobre cursos de Verão, bolsas de estudo e outras iniciativas. Estabelecer o diálogo com as estruturas representativas dos professores no estrangeiro com vista à dignificação da profissão e melhoria da qualidade do ensino. Apoiar as iniciativas de divulgação da cultura portuguesa promovidas pelas comunidades portuguesas.

2 - Adaptar a estrutura consular às novas realidades da Emigração, procedendo à reestruturação da rede consular, à revisão do Regulamento Consular (que data de 1920) e à modernização e informatização dos serviços consulares, com consequente eliminação das gran-



des demoras na passagem de documentos, agilização dos procedimentos burocráticos e humanização do atendimento e criação de serviços de apoio social e jurídico aos emigrantes. Impõe-se, em simultâneo, a aprovação de um Estatuto Profissional dos Trabalhadores Consulares que, em resultado de negociações com o seu Sindicato representativo, dignifique a função e contribua para a melhoria dos serviços.

3 - Combater eficazmente as redes de contratação de mão-de-obra em condições de extrema precariedade. Exigir, no quadro da União Europeia, a aplicação de directivas comunitárias que regulamentem o destacamento de trabalhadores no espaço europeu, salvaguardando a igualdade de tratamento com os nacionais do país para onde se deslocam.

4 - Intervir de forma consequente, junto dos governos dos países de residência, em defesa dos direitos dos emigrantes, nomeadamente, com a extinção de medidas restritivas às transferências para Portugal das suas economias. Dar também resolução às questões relacionadas com as pensões de reforma.

5 - Estimular a criação dos órgãos representativos dos portugueses residentes no estrangeiro, fazendo aprovar legislação que tenha em conta o Projecto de Lei apresentado pelo PCP na Assembleia da República e revogando o actual Decreto-Lei 101/90.

6 - Definir uma nova política para a Emigração tendo em conta, necessariamente, o universo tão complexo quanto diverso que são hoje as Comunidades Portuguesas espalhadas pelo mundo. É, por isso, fundamental, que no âmbito da Assembleia da República, se realize um debate sobre esta problemática, o qual deve contar com a participação de estruturas representativas dos emigrantes.

Os candidatos e activistas da CDU consideram, assim, que uma grande votação na CDU na Emigração será sem dúvida o voto útil, porque o reforço eleitoral da CDU e um maior número dos seus deputados na Assembleia da República são indispensáveis para se conseguir uma alternativa democrática e são uma garantia de que os interesses e os direitos dos emigrantes serão melhor defendidos.

Uma grande votação na CDU na Emigração contribuirá para a derrota da política de direita e a conquista duma nova política ao serviço de Portugal e dos portugueses.

50 anos depois de Hiroshima ameaça nuclear permanece

Meio século passado sobre a utilização pelos EUA das primeiras bombas atômicas contra alvos humanos, em Hiroshima e Nagasaki, respectivamente a 6 e a 9 de Agosto de 1945, a ameaça do holocausto nuclear continua na ordem do dia, agravada pela decisão de alguns países, como é o caso da França, de retomarem os ensaios com armas nucleares.

O horror desse verdadeiro crime contra a humanidade cometido pelos norte-americanos em Hiroshima e Nagasaki - e que nenhum Tribunal Internacional jamais julgou - deveria ter sido o suficiente para garantir que nunca mais uma tal experiência se voltaria a repetir, mas a verdade é que, apesar do permanente protesto de todos os povos do mundo, se continuaram a produzir armas nucleares e existem hoje, armazenadas por todo o lado, armas com uma capacidade destrutiva milhões de vezes superior às utilizadas no Japão.

Dados considerados realistas estimam em cerca de trinta mil as ogivas nucleares armazenadas. Se no fatídico

mês de Agosto de 1945 duas cidades foram arrasadas e centenas de milhar de pessoas, na esmagadora maioria

civis, morreram de imediato ou ficaram mortalmente afectadas pelas radiações (em Hiroshima, dos 310 000 civis e mais de 40 000 soldados directamente afectados pela bomba, 140 000 morreram até Dezembro daquele ano e supõe-se que 90 por cento tenham morrido nas duas semanas seguintes; em Nagasaki, das 280 000 pessoas afectadas, cerca de 80 000 morreram até ao final do ano), que consequências teria hoje o uso das novas ogivas nucleares?

Não se trata de uma questão meramente académica. Desde 16 de Julho de 1945, data do primeiro ensaio nuclear norte-americano em Alamo Gordo, no Novo México, foram realizados mais de 1900 ensaios na atmosfera e subterrâneos, o que em termos médios representa cerca de uma explosão nuclear por semana.

À sua conta, até 1990, os EUA realizaram 942 ensaios nucleares, sendo a esmagadora maioria (913) atmosféricos. Por seu turno, a ex-União Soviética efectuou,

até 1989, 713 ensaios nucleares, dos quais 210 na atmosfera. Ambos os países reconhecem que a população civil atingida pelos efeitos da radioactividade ficou afectada.

Também a França, a China e o Reino Unido têm a sua quota parte de experiências nucleares, numa história que está longe de estar encerrada, como o demonstram as recentes decisões da China e da França de retomarem os ensaios.

Se as potências nucleares continuam a construir e a modernizar este tipo de armamento, como poderão assumir o compromisso de que o não utilizarão? É para a eventualidade da sua utilização que as armas são cons-



truídas, apesar de serem cada vez mais um sorvedouro de recursos. E os argumentos hoje utilizados não diferem substancialmente dos de há meio século, quando o Presidente Truman mentiu deliberadamente para justificar a utilização da bomba atômica.

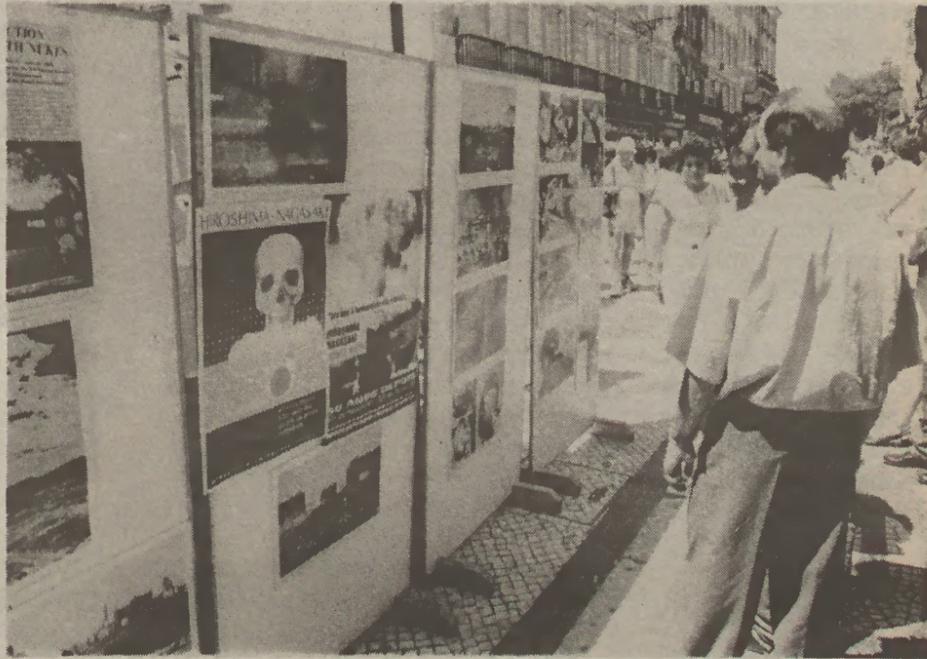
Numa altura em que a guerra voltou à Europa e quando os gastos para fins militares se reflectem no agravamento da crise económica, na ausência de medidas eficazes de combate ao desemprego e a outros flagelos que atingem grande parte

da população a nível mundial, bem como na delapidação dos recursos naturais, o futuro apresenta-se cada vez mais incerto.

Neste contexto, a palavra de ordem "Hiroshima, Nagasaki, Nunca mais!" reveste-se de uma actualidade e de uma premência que não pode ser ignorada. A ninguém assiste o direito de esquecer a tragédia de há 50 anos, nem o alerta que Einstein nos deixou: "Não sei com que armas será travada a terceira guerra mundial, mas a quarta, garantto-vos, será com paus e pedras."



O bombardeamento de Hiroshima e Nagasaki foi um crime contra a humanidade



Exposição documental sobre Hiroshima e Nagasaki, porque a Humanidade não tem o direito de esquecer

Nunca mais!

O 50º aniversário do lançamento das primeiras bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki foi assinalado em todo o mundo, incluindo o Japão e os Estados Unidos, com manifestações, debates, acções de informação e sensibilização das populações.

Em Portugal, por iniciativa do Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC) e da Associação de Municípios pela Paz, Ambiente e Cooperação - Movimento ZLAN, foram editados e distribuídos diversos materiais informativos. Na capital, a Rua Augusta serviu de palco a uma acção de informação pública, levada a cabo com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa e de outras autarquias, bem como de diversos sindicatos e diferentes organizações (Juventude CDU, MDM, Intervenção Democrática, etc.).

Num comunicado divulgado a propósito, o CPPC alerta para a "subsistência de sinais preocupantes relativamente à eventual utilização de novas armas nucleares, mais sofisticadas, destruidoras e mortíferas", o que a verificar-se "será certamente pela última vez", dada a persistência das potências nucleares na construção e modernização deste tipo de armamento, bem como a continuação dos ensaios nucleares, designadamente por parte da França e da China, "dificultando consideravelmente o clima de confiança e de desanuviamento".

Fazendo notar que "raramente se colocam as questões de forma a podermos optar entre a paz e a guerra", que raramente "se equaciona o proble-



Recolha de assinaturas de apoio ao apelo do CPPC contra o recomeço dos ensaios nucleares

ma pondo na balança os custos de uma e de outra solução", antes se procura "condicionar a opinião pública diabolizando uma das partes de forma a isolar as vozes dos que defendem a via negocial e política", o CPPC adverte para os perigos da "guerra espectáculo" que passou a fazer parte da nossa vida, de tal forma que se apagam as diferenças "entre um qualquer 'Rambo' ou 'Macgyver' e uma operação de um qualquer 'marine' numa aldeia dos arredores de Mogadiscio, nas montanhas da ex-Jugoslávia, nos desertos do Iraque ou do Panamá".

Também o MDM, a ID e a Juventude CDU divulgaram comunicados a assinalar a efeméride e a exigir o fim dos ensaios nucleares e a total eliminação e proibição das armas nucleares. Para que como Hiroshima e Nagasaki, nunca mais!

Nota do GI do PCP É tempo de acabar com as armas nucleares

A propósito do 50º aniversário do bombardeamento atômico de Hiroshima e Nagasaki, nos passados dias 6 e 9 de Agosto, respectivamente, o Gabinete de Imprensa do PCP divulgou uma nota em que se sublinha que o acto de terror que vitimou "mais de 300 000 civis, homens, mulheres e crianças" e provocou "devastações nunca vistas e horríveis sequelas durante gerações", não visou "derrotar os imperialistas japoneses, cujos exércitos já se encontravam praticamente vencidos, mas sim afirmar militarmente os EUA como potência hegemónica capaz de ditar ao mundo a sua lei no final da 2ª Guerra Mundial". Com tal acto, recorda o PCP, deu-se "início à 'guerra fria' e a uma corrida demencial aos armamentos nucleares que fez pesar, desde há meio século, o pesadelo de um holocausto sobre os destinos da Humanidade".

Segundo o PCP, para que a atrocidade cometida em Hiroshima e Nagasaki não seja esquecida importa "ter presente que ainda hoje existem armas

nucleares capazes de destruir várias vezes toda a vida na Terra" e que "prosseguem os ensaios que, para além do seu nefasto impacto ambiental, visam manter e aperfeiçoar mais ainda essas armas de destruição massiva das populações".

Tendo em conta a situação internacional em que vivemos, caracterizada por grande instabilidade e incerteza, em que se multiplicam os focos de tensão e de guerra provocados pela política agressiva do imperialismo, o PCP considera imperioso "relançar com mais vigor ainda o poderoso Movimento da Paz que, desde o histórico Apelo de Estocolmo, tem mobilizado os povos em todo o mundo contra as armas nucleares".

É tempo de proibir os ensaios, as investigações e a produção de armas nucleares - afirma o PCP, sublinhando ainda que é tempo de lutar pela total interdição e a destruição completa das armas nucleares já existentes. É tempo de a Humanidade poder viver num mundo livre do espectro do Holocausto nuclear.

O movimento de luta dos docentes e investigadores do Ensino Superior (universitário e politécnico), cuja expressão mais notória foi a greve em período de provas específicas, e cuja continuação se projecta para o início do próximo ano lectivo, merece certamente algumas reflexões, pelo carácter pouco habitual, neste sector profissional, da sua eclosão e da força atingida, assim como por alguma incompreensão que provocou em alguns sectores da opinião pública.

Alguns traços da situação

A situação em que o movimento nasce e que, em larga medida, permite compreender a força que tem alcançado, caracteriza-se pelo bloqueio e esvaziamento impostos ao sistema público de ensino superior. Muito sumariamente: estrangulamento financeiro: sistema *numerus clausus* – restritivo do seu desenvolvimento, socialmente injusto, e agravado em certos cursos pela redução do número de entradas (de forma a gerar clientes para as Universidades privadas); degradação das condições de trabalho e de investigação, e das condições de estudo: processo de desvalorização salarial, sobretudo desde 1989; imposição arbitrária de rácios (coeficiente entre o número de alunos por professor e outros), destinada a tornar excedentes professores e a «poupar» verbas à custa da qualidade do ensino; bloqueamento da contratação de novos docentes em muitas escolas; congelamento ou inexistência dos quadros; insuficiência da acção social escolar.

O bloqueio e esvaziamento referidos revelam uma profunda e desastrosa miopia ou cegueira ideológica (neoliberal) e a incapacidade política das fracções dominantes da burguesia portuguesa no que toca às perspectivas de desenvolvimento económico, social e cultural de Portugal. São duas as orientações fundamentais e convergentes desta política de direita – a desresponsabilização do Estado pelas suas funções sociais (e culturais) e a fabricação artificial das condições de desenvolvimento de um novo negócio – a proliferação anárquica e sem critérios de universidades privadas. Isto, num país com uma debilidade histórica das suas estruturas científicas e culturais, e da incorporação da ciência e da tecnologia na vida produtiva; num país com uma das mais baixas percentagens de estudantes do ensino superior em relação à população activa e que, ao mesmo tempo, tem a maior percentagem de unidades privadas do ensino superior, entre os países da Comunidade Europeia.

Cabe ao PCP o mérito de frequentemente ter caracterizado e denunciado esta situação, de ter elaborado um «Programa de Desenvolvimento do Ensino Superior» e diversos projectos legislativos sobre avaliação das universidades, o regime de acesso, as propinas, o sistema de financiamento e a acção social escolar.

Natureza e sentido das reivindicações

Depois de um longo período em que os Sindicatos de Professores esbarraram com um sistemático muro de silêncio, por parte do ME, em relação à sua reclamação de negociações; depois de um abaixo-assinado largamente subscrito em Janeiro de 1995; depois de um processo de entendimento entre a FENPROF, o SNE-SUP, o SINDEP e a Comissão Inter-Universitária, um plenário de docentes e investigadores de Lisboa, convocado por aquelas estruturas, aprova a 24 de Março uma Plataforma Reivindicativa Comum, que virá depois a ser esmagadoramente confirmada por votação em uma em diversas Escolas do Ensino Superior, inicialmente apenas na Academia de Lisboa. Na mesma altura, os docentes e investigadores aprovam o recurso à greve em período de avaliações, caso o ME mantenha a sua recusa a negociar.

A Plataforma Reivindicativa Comum contém e contém 5 grandes pontos, que resumo:

1) Revalorização salarial das carreiras docente e de investigação (...) tendo em conta as qualificações académicas exigidas. 2) Revisão do sistema de financiamento do ensino superior com o objectivo de assegurar a qualidade das suas missões (...) e revogação dos despachos sobre os rácios. 3) Alargamento dos quadros de docentes e investigadores, e sua criação onde não existam, e garantia da sua revisão bi-anual (legalmente prevista, mas actualmente e desde há anos não cumprida). 4) Aprovação de um protocolo de negociação entre o ME e os Sindicatos com vista à revisão dos Estatutos da Carreira Docente Universitária, da Carreira Docente nas Escolas Superiores Polité-



A luta dos docentes e investigadores

do Ensino Superior Público

Manuel Gu

cnicas e da Carreira de Investigação. 5) Várias reivindicações precisas sobre o conteúdo da revisão daqueles Estatutos.

Algumas observações:

Estas reivindicações são socioprofissionais, mas não são corporativas. São socioprofissionais, mas não são elitistas. Representam algumas das condições fundamentais para a melhoria da qualidade do ensino e da investigação e para que o sistema público de ensino superior possa cumprir o seu papel no desenvolvimento do país. Têm uma dimensão política, em sentido geral, porque reagem a uma política e implicam uma política nova; porque expressamente se afirmou o propósito de defender o ensino superior público.

A reivindicação salarial não foi a partida nem nunca foi a única reivindicação. A ministra, em 18 de Maio, solicitou a escolha prioritária de algumas reivindicações, e dirá mais tarde que os Sindicatos só insistiram na reivindicação salarial. O que é falso. Em carta de 22 de Maio, os 3 Sindicatos seleccionaram, sem abdicar de discutir posteriormente os outros, os pontos 1, 2 e 3 da PRC, incluindo no ponto 2, uma proposta sobre a contratação de docentes, que está congelada e assim se pretende manter por vários anos em diversas Faculdades. A este propó-

sito talvez seja esclarecedor observar o seguinte: as Escolas em que se está impedido de contratar novos docentes por um período de vários anos, mesmo que em substituição dos que se reformam, estão assim impedidas de recrutar para o seu corpo docente os mais brilhantes dos estudantes que formaram. Ao mesmo tempo, e a manter-se a situação, não é só um indesejável envelhecimento artificial do corpo docente e que se obtém, mas também que uma parte pelo menos de toda uma geração de jovens altamente dotados vê reduzidas as suas possibilidades efectivas de se desenvolver e de contribuir eficazmente para o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural do país.

Entretanto, se não é a única, a reivindicação salarial não é descartável. Corresponde a um direito irrecusável e comum. É certo que os *media*, designadamente a televisão, a certa altura, quase só deram relevo a essa reivindicação e ao valor médio de 26%. Compreende-se: era o que «é espectáculo». Estamos habituados, penso eu, aos critérios de selecção do que é «notícia», de selecção daquilo que se quer deixar passar de uma dada mensagem. O que entretanto importa referir é que: 1) se trata de uma proposta negociada; 2) representa a reivindicação de um processo de reajustamento salarial que visa a correcção de uma

injustiça relativa, criada pela política de direita. A carreira docente universitária perdeu, desde 1989 (e nessa altura também houve luta), a equiparação que tinha com outras carreiras, designadamente a dos magistrados, dos diplomatas e das Forças Armadas. Entretanto, a carreira docente universitária é reconhecida a mais exigente, em termos de habilitações exigidas e do sistema prolongado de provas e concursos que implica. Note-se que não se contesta a exigência, apenas se reivindica que ela seja efectivamente reconhecida. Veja-se um exemplo possível do percurso de um docente universitário:

Licenciatura – assistente estagiário; mestrado (curso, tese e provas públicas) – assistente; doutoramento (preparação escolarizada ou não, tese e provas públicas) – em certas condições, professor-auxiliar; (até aqui o docente não tem vínculo estável à função pública, é uma espécie de contratado a prazo com altas qualificações); concurso documental e curricular (quando houver vaga no quadro) professor associado (só a partir daqui passou a haver vínculo); agregação (provas públicas) – professor auxiliar ou associado com agregação; concurso curricular (quando houver vaga) – professor catedrático. Entre provas e os concursos referidos, o docente tem que apresentar relações periódicos da sua actividade científica e pedagógica, cuja aceitação condiciona a sua continuação na carreira. Acresce que a necessidade de constante actualização científica e de produção curricular é imperiosa e que, em larga medida, são custeadas pelo docente ou investigador e não pela instituição ou pelo sistema. Acresce que ainda que em muitos casos os princípios legalmente estatuidos para a preparação docente não são sempre ou nem sempre podem ser cumpridas, nas condições que às Escolas são criadas.

Formas de luta. Questões de oportunidade e justiça

A luta foi organizada e conduzida pelos sindicatos e pelos representantes da Comissão Inter-Universitária e por inúmeras Comissões de Docentes e Investigadores (CDI's) que, de acordo com uma orientação aprovada pelo plenário de 24 de Março, foram sendo criadas em pleno movimento nas diferentes escolas e/ou universidades. Tais comissões, formadas por docentes e investigadores sindicalizados ou não, permitiram enraizar e organizar a luta na base, mobilizar e informar os colegas e os estudantes. A luta foi explicada e discutida com Associações de Estudantes, órgãos de gestão, o Conselho de Reitores, representantes do País.

A ministra, que só aceitara receber os sindicatos em vésperas de um plenário onde se iriam discutir formas de luta, demora cerca de um mês (de 23 de Maio a 20 de Julho) a responder que... as

reivindicações são inegociáveis.

O recurso à greve em período de avaliações foi necessário e inevitável, por força da profundidade do descontentamento, da justiça das reivindicações, da intransigência da ministra, e sob pena de o movimento se desagregar, de o descontentamento se afogar no sentimento de falta de confiança nas próprias forças, de se permanecer numa situação em que os docentes do ensino superior pareceriam incapazes de reagir a um estado de coisas crescentemente insustentável. Na situação entretanto criada, outras formas de luta estavam inviabilizadas no tempo e pouca força poderiam gerar.

Sabemos por experiência que muitas greves atingem terceiros, para além dos que estão em conflito. Nos sectores em que directamente se prestam serviços isso é particularmente evidente. É contudo importante sublinhar que não se pode pôr em causa o recurso a este tipo de greves sob pena de se generalizar uma cultura política que visceralmente «desconfia» deste direito dos trabalhadores e gostaria de o cercar, como aliás já tentou. Da mesma maneira, quando a Sr.ª Ministra diz que «não se deve fazer política com o ensino» é da mais profunda hipocrisia política que se trata. Porque ela

faz política, como membro de um governo e executante de uma política errada, injusta e de classe. Porque a frase sugere que quando o Governo faz política não o está a fazer, e só há «política» (o que neste discurso parece ser mau) quando são os trabalhadores, os cidadãos a fazerem-na. A ministra, o governo e a política de direita são duplamente culpados pelos transtornos causados, pela situação que a sua orientação gerou e leva à luta, pela intransigência negociada, pela demagogia insultante e a provocação.

A decisão de fazer greve comportou sempre a insistência na necessidade e na disponibilidade para negociar. O movimento sempre insistiu que a aceitação séria de negociações levaria ao levantamento da greve. Ficou desde o início definido um período de suspensão da greve a seguir à primeira semana de luta, para permitir as negociações. O movimento decidiu manter essa suspensão, viabilizando assim a realização das provas específicas que tinham sido anuladas. Retomada a greve, permitiu-se entretanto que todas as provas específicas se realizassem, ficando ao mesmo tempo clara a elevadíssima adesão à greve e o enorme descontentamento que assim se exprimia. Assim, se a greve causou transtornos que os docentes e investigadores lamentaram, não se pode ceder à demagogia de pretender que ela causou prejuízos gravosos; pelo contrário, pode legitimamente responsabilizar-se a ministra, o governo e a política de direita por esses transtornos.

Reconhecimento, a adesão à greve foi elevadíssima, mesmo em Universidades onde todos os docentes foram mobilizados em permanência para a vigilância das provas; e, ape-



sar da demagogia e da chantagem, uniu docentes de diferentes filiações e sensibilidades políticas. A ministra tentou levantar os professores de outros graus de ensino contra os do superior, e falhou redondamente. Tentou voltar os estudantes contra os docentes e não o conseguiu. As Associações Académicas de Lisboa, Porto, Coimbra, Beira Interior, Minho, Évora, Aveiro, Trás-os-Montes e Alto Douro e Algarve (assim como as Associações de Estudantes de várias Faculdades) tomaram posições de solidariedade com a luta dos docentes e investigadores. Aquelas Associações emitiram designadamente um comunicado a 12 de Julho, já depois do 1º período de greve, em que declaram, por exemplo, «As reivindicações dos professores, de uma forma geral, fazem parte das mais consensuais propostas que os estudantes têm vindo a apresentar. A discussão e implementação das mesmas resultariam na melhoria e dignificação do ensino». Por parte dos estudantes que iam fazer as provas específicas, fora alguns casos pontuais e compreensíveis, não se assistiu a um movimento de revolta e responsabilização dos docentes.

As Associações de Pais, designadamente em Lisboa e Porto, embora manifestassem as suas naturais preocupações, não responsabilizaram unilateralmente os professores.

No passado dia 28 de Julho, o jornal Público publica uma sondagem cujos resultados, contraditórios, são interessantes. A aceitarmos a sua fiabilidade, poder-se-á deduzir que, se os professores do ensino superior não conseguiram convencer a maioria dos inquiridos da justiça das suas reivindicações e da sua forma de luta (mesmo assim 37,5% e 31,2% consideram-nas justas) parecem ter conseguido que a ministra seja politicamente culpada por uma clara maioria dos que foram ouvidos.

Resultados.

A luta continua

O movimento conseguiu unir e manter unidos os sindicatos do sector, sem ceder nas suas reivindicações, e a grande maioria dos docentes e investigadores do ensino superior.

— Obteve a solidariedade das AAEE e a sua disponibilidade para futuras acções convergentes, assim como o apoio, ainda que tardio, do Conselho de Reitores.

— Alcançou uma atenção que foi crescentemente aberta para o debate das questões do ensino superior e da investigação científica gerou possibilidades de aumento da sindicalização e acumulou forças para a continuação do movimento de luta, criando entre muitos a confiança na capacidade de lutar e um sentimento de auto-estima por essa mesma capacidade, que não deve ser subestimado, numa situação em que se podia recear a generalização dos fenómenos de indiferença e individualismo, e dos sentimentos de impotência e de que não há alternativa.

Algumas observações finais

O movimento vai continuar. Julgo que é particularmente importante compreender que a sua retomada na altura da abertura do próximo ano lectivo pode, muito nítida e decisivamente, ser potenciada pela luta antes travada. Acumularam-se forças e experiência. Ou seja, se o movimento tivesse adiado, entre

Março e Julho, a luta para Setembro ou Outubro, se não se tivesse feito greve quando se fez, as possibilidades da luta e a disponibilidade para ela seriam menores e menos determinantes.

A resolução aprovada na Assembleia Nacional das Comissões de Docentes e Investigadores de 13 de Julho aponta no sentido da convergência com os estudantes, com os funcionários não docentes e com os órgãos de gestão. A Assembleia manifestou-se «a favor do início imediato da elaboração de um caderno reivindicativo comum de estudantes e docentes a apresentar ao futuro governo». Aquilo que assim se visa pode vir a tomar-se um momento histórico de consciência esclarecida e de disposição de luta conjunta por parte das diferentes componentes das comunidades escolares do ensino superior público.

Julgo que este movimento pode ainda ser encarado como um importante sinal da luta de mais um sector de trabalhadores intelectuais contra a desvalorização da função social do seu trabalho, contra o jogo entre a arroba e a vontade da direita instrumentalizar e estreitar os intelectuais, contra o bloqueamento das alternativas a política de direita.

Finalmente, o que se reivindica são condições para que o ensino superior público e a investigação científica, a ele ligada, possam cumprir o seu papel estratégico no desenvolvimento democrático, social, económico e cultural do nosso país; papel em que consequentemente nós comunistas temos insistido nas nossas análises, nas nossas propostas e programas.

(*) Membro do Comité Central do PCP e membro da Mesa da Assembleia Geral do SPGL.



O Dia do Exército

■ Rui Fernandes

Tiveram lugar no dia 24 de Julho as comemorações do Dia do Exército. Em termos mediáticos, o relevo foi dado à condecoração, por parte do Presidente da República, do Coronel Jaime Neves. Não vamos comentar a condecoração por duas razões fundamentais:

1ª – O comentário teria de ser muito extenso.

2ª – Verdaderamente importante foi o discurso do General CEME, Cerqueira da Rocha, e a inversão deste critério seria confundir o essencial com o acessório, seria falar do passado e ignorar o presente e o futuro numa matéria tão importante como a defesa nacional e as Forças Armadas (FAs).

Para rematar este breve – que já está a ser longo – intróito, diremos somente que os militares consequentes de Abril e dos seus valores têm a medalha da gratidão do povo e da história.

Vamos ao que interessa

O Gen. CEME aproveitou as comemorações para a revelação de algumas reflexões relativamente ao tempo de SMO (denominado agora SEN), que importa analisar.

Assim, considerou oportuna, já no final do ano, uma análise à problemática do tempo de serviço militar, já que se é verdade que a profissionalização corresponde melhor às exigências técnicas do nosso tempo, diz o CEME, tem certamente custos, designadamente financeiros, que há que assumir, se esta for a opção, e acrescentou que «é um tema actual em debate em muitos países» e «aproxima-se o momento em que o teremos de debater no nosso país com abertura e profundidade».

Tira-se, da intervenção do Gen. CEME, a ilação de que ou bem que o sistema de mobilização assenta na profissionalização, com a atribuição dos meios financeiros necessários, ou então terá de haver um SMO de maior duração que a política do Governo do PSD, com Fernando Nogueira como Ministro da Defesa, destruiu.

Segundo o Gen. CEME, o regime de voluntariado e de contrato para a classe de Praças não está a ter adesão, estando só preenchidas 50% das necessidades.

Ora até que enfim que é assumida a realidade! Mas torna-se imprescindível perguntar: porquê só agora? Como é que

há alguns meses parecia que tudo estava bem e agora já não é assim?

As afirmações do Gen. CEME, se tornam claro a existência de problemas, não permitem contudo visualizações lineares relativamente ao futuro. Isto é, não se sabe se o General defende a profissionalização ou a manutenção do SMO. E este é um dado importante, tanto mais que é referido na intervenção do General «o final do ano» para o início de um debate sobre a matéria, num quadro em que a Assembleia da República, eleita em Outubro, tem poderes de revisão constitucional e conhece-se a intenção do PS em desconstitucionalizar o SMO, abrindo assim caminho para uma profissionização das FAs, com consequências no plano da organização das mesmas, novas instabilidades e acrescidos encargos no plano financeiro.

O PCP alertou variadíssimas vezes para as consequências da opção política do PSD, denunciou o eleitoralismo subjacente às medidas, exigiu seriedade no tratamento de matéria tão sensível, propôs um amplo debate nacional que seriamente reflectisse sobre a matéria, de forma que as medidas fossem ajustadas à situação e o mais consensuais possível.

O PSD e Fernando Nogueira, na altura Ministro da Defesa, ignoraram tudo e todos, assumindo a postura do «quero, posso e mando».

Também no momento adequado criticámos o PS na sua fuga para a frente ao dizer «mata» onde o PSD disse «esfola».

O PCP estará sempre disponível para debates, mas considera que estes têm de partir de uma base séria e objectivos claros. E neste caso concreto, tem de haver o cuidado de não descredibilizar a instituição militar.

É neste quadro que o PCP defende a aplicação dos princípios estabelecidos relativamente ao SEN, compatibilizando-os com as exigências da defesa militar, bem como medidas efectivas conducentes à melhoria das condições de serviço dos militares, à dignificação e motivação profissional, ao estabelecimento de equivalências habilitacionais e profissionais entre os cursos tirados nas FAs e fora delas, entre outras medidas que temos vindo a apresentar ao longo dos anos e que o PSD e o PS, sozinhos ou acompanhados, têm rejeitado.

Viagens em Inglaterra

■ Manuel de Lencastre

Verão

O Verão, ainda em pleno curso, também foi sentido em Londres, em toda a Grã-Bretanha, com inabitual crueldade. As famosas fontes de Trafalgar Square serviram de piscinas públicas, a «serpentina» de Hyde Park, todos os belos parques da capital britânica ficaram com os respectivos espaços verdadeiramente a prémio. No Sul, as praias de Torquay, Bournemouth, principalmente, acolheram multidões em fuga às altas percentagens de humidade e, tão coalhadas de gente, mais pareciam praias de Portugal ou de Espanha. Em contraste, a Escócia oferecia-se, a meio de Julho, como um verdadeiro oásis de amenidades e verduras, quando se disputou o «Open» de golfe, no lugar famoso que é St. Andrews.

... para o povo...

Foi nestas condições que os Sindicatos dos Ferrovários e dos Maquinistas trabalharam para ajustar posições tendo em vista as greves semanais que já estão anunciadas para Setembro. O país distanciou-se desta perspectiva ainda longínqua, mas as entidades patronais (British Rail e London Underground) foram logo a correr ao Tribunal fazer as habituais queixinhas.

Os bancos e outras instituições especializadas em empréstimos hipotecários para a compra (?) de habitações, continuam a reapossar-se das casas daqueles que não conseguem aguentar os infernais pagamentos mensais, a um ritmo de 1000 por semana. Esta situação, tão dramática, apesar da chamada retoma que nunca se viu, agravar-se-á mais ainda a partir de Outubro quando o governo cancelar o subsídio especial que tem concedido aos desempregados, para pagamento dos juros desses empréstimos. Tão desumana medida representará, segundo o Chefe-Executivo da «Midshires Building Society» um acréscimo de 4000 reapossamentos anuais relativamente ao número que acima mencionamos. O drama, portanto, continua.

Bradford e Luton estiveram em fogo. A polícia disse que se tratou apenas de alguns problemas raciais entre comunidades étnicas diferentes. Na realidade, tratou-se de multidões de jovens sem quaisquer perspectivas que, totalmente desiludidos com o mundo onde se descobrem, recorreram a extremas medidas — manifestações de ruas, fogo aos estabelecimentos comerciais, saque dos mesmos, combates com a Polícia.

... para Major & Redwood...

O Primeiro-Ministro conheceu um certo alívio após a sua desesperada decisão de opor-se à corrosão da sua autoridade no seio do Partido Conservador. E recebeu alguns dividendos. O drama do funcionário Major, que possui diversas casas e não corre o risco de vê-las reapossadas pelos bancos, é ligeiramente diferente. Teme, apenas, ver-se desalojado do Nº 10 de Downing Street, a mais saborosa de todas as residências britânicas.

Forçado, absolutamente, contra a parede, pelos direitistas «thatcheristas», conhecedor do estado de espírito do país quanto à sua capacidade de governante e à tortuosa trajectória do seu governo, John Major jogou a derradeira cartada — exigiu, como se sabe, a sua confirmação clara como dirigente dos «Tories» e, consequentemente, como primeiro-ministro. Mas surgiu-lhe ao caminho um opositor de respeito: John Redwood, então secretário de Estado para os assuntos do País de Gales. Quem é este senhor? Vale a pena explicar.

John Redwood é um homem-tigre. Conhecido pela excelsa qualidade (?) de jamais dar sinais de mercê para com as pessoas normais, dele disse o «Financial Times» que vive num mundo de absoluto imobilismo ideológico, que existe numa atmosfera rarificada, inteiramente imune a qualquer espécie de contaminações. É um puro do capitalismo dito de mercado e radical, um homem de gelo e de bruscas atitudes, inteiramente capaz de manter-se firme quando tudo à sua volta, acções, «stocks», grupos, impérios, países, ameaça desmoronar-se.

Trazido da casa Rothschild para, sob as ordens da maníaca Margaret Thatcher, pôr em prática o assassino programa das privatizações, Redwood tinha sempre conseguido manter-se na sombra e evitar que a curiosidade pública caísse sobre os seus métodos e as suas propostas. O lugar de secretário de Estado para o País de Gales serviu-lhe optimamente para, desaparecida

da cena política principal a antiga primeira-ministra, prosseguir a prática das suas capacidades analíticas. Foi-lhe possível, assim, montar pacientemente o cenário que lhe permitiu saltar, como um tigre de Bengala, sobre o ambicionado lugar do funcionário Major. E, verificada a impossível posição deste, foi isso que Redwood, precisamente, fez — saltou. A 2 de Julho, «The Observer» notava que John Major já exibia no rosto o estigma da derrota. A 3, o navio-almirante da imprensa conservadora, «The Daily Telegraph», anunciava no seu editorial: «É tempo de mudarmos de direcção».

Porém, chamados à decisão final, os deputados conservadores mostraram com toda a clareza o terrível medo em que têm vivido desde as últimas eleições gerais. E, recuando diante do espectro da renovação do terramoto de



escaldante...



grau Thatcher que Redwood propunha para fazer mergulhar a Inglaterra mais rapidamente no precipício, preferiram Major, que já conheciam bem, e deram-lhe 218 preciosos votos contra os 89 que foram para o programa secreto que a direita inglesa tinha preparado.

Esta quase inesperada vitória, todavia, pagou-se por um preço inoportuno. Major desceu as escadas do cadafalso, aparentemente incólume «to live another day»⁽¹⁾. Mas o poder real passou para as mãos daquele que enfrentara a «dama de ferro», abertamente, em 1990, e agora apoiara o primeiro-ministro, misteriosamente, preferindo manobrar nos bastidores — Michael Heseltine, elevado pela remodelação ministerial ao lugar de vice-primeiro-ministro. Eis o homem a não perder de vista. Tony Blair, o

«leader» trabalhista, mas político defensor do mercado, amigo das transnacionais e mal disfarçado inimigo do povo simples e dos trabalhadores, proponente inquestionável do capitalismo, encontrar-se-á com ele em certa altura num futuro próximo. E o povo britânico, apesar das condições desastrosas em que o seu país se acha, será chamado a pronunciar-se quanto a dois chefes da chamada direita moderada, o conservador e o trabalhista. É por isso que a sociedade continuará a viver anos sem esperança até que resolva tomar nas suas próprias mãos a construção do seu futuro.

... para os bancos

As falências do Banco Barings continuam a fascinar. Há nelas uma espécie de sentido do destino. A que se verificou há meses não passa de uma repetição daquilo a que assistimos há mais de cem anos quando o famoso Banco operava em Portugal e na América do Sul. Mas as condições específicas agora pormenorizadas em relatórios do Banco de Inglaterra quanto ao que se passou em Singapura, foram evidentemente, muito diferentes. Já sabemos que falências são falências. Esta última, contudo, deixou a tremer o edifício financeiro mundial. Com efeito, a situação em Itália, no México, na Argentina, no Brasil e noutras partes do mercado global, tem causado considerável alarme. E a falência dos Barings, a par da ruína do Crédit Lyonnais, já pôs muita gente a preparar-se para fazer as malas. Para onde pretendem fugir? Mas ninguém será capaz de defender-se do descalabro do capitalismo.

se envergonham de nada produzir) ou «instrumentos financeiros». Alguns destes «instrumentos», os já famosos «derivativos» que acabaram por dar lugar à sepultura do capitalismo, transaccionavam-se ou, para melhor dizer, inventavam-se, em valores que deveriam manter estreita relação com o nível médio das cotações da Bolsa de Tóquio. Mas esta, tal como as de Osaka e Singapura, entrando em queda rápida, não ajudaram as operações do nosso amigo Leeson. Os prejuízos causados pelos inesperados desequilíbrios tornaram-se impossíveis de «tapar» nas duas mencionadas contas secretas porque já não existiam contrapartidas para tal efeito e o capital dos Barings tinha-se evaporado. No conjunto, as perdas foram de 827 milhões de libras (191 milhões de contos).

Nicholas Leeson encontra-se presentemente numa prisão em Frankfurt, na esperança de poder evitar a extradição para Singapura onde a sua presença é requerida a fim de cumprir um «futuro derivativo» que consistirá em 14 anos a cabeças de peixe podre com arroz — é acusado de 12 crimes de fraude. Mas, atenção! O capitalismo já lhe comprou o silêncio. Leeson acabará por ser transferido para Inglaterra e aí democraticamente julgado. É isso, pelo menos, que nos segredam certos meios bem informados da capital britânica. Quanto ao Banco Barings, toda a gente sabe que foi vendido a uma instituição da concorrência por 231 escudos.

Não são, evidentemente, os 200 milhões de contos perdidos pelos Barings que afligem os mercados. Eles aí estão a funcionar, diariamente, na sua missão feita de brutalidades sofisticadas e sádicas. Mas diz-se que a indústria bancária, todo o sistema, anda nas últimas. A operação montada em Janeiro para «salvar» o México, não pode repetir-se. E Jacques Chirac, uma figura que deve estar razoavelmente informada, já disse que o capitalismo foi atacado pela «Sida» económico-financeira. Na verdade, a grande explosão «termonuclear» dos mercados parece cada vez mais perto.

Nick Leeson era o funcionário dos Barings (Baring Bros. & Co.) em Singapura. Desde 1993, dirigia a «Barings Futures, Singapore». Mas, a meio desse ano, já o Banco estava a trabalhar com o próprio capital (em vez de utilizar o dos clientes) em operações especulativas e sofisticadas (ruinosas, na verdade...) que, segundo o próprio Peter Baring⁽²⁾, produziam lucros «agradavelmente surpreendentes». Em Dezembro, todavia, já os prejuízos subiam a 23 milhões de libras (5,5 milhões de contos). Um ano mais tarde, as perdas ascendiam a 208 milhões (58 milhões de contos). Esses «deficits» eram contabilizados numa conta especial com o Nº 88 888 que Leeson conseguira manter fora do sistema informático do Banco para que não constassem de relatórios.

O terramoto que ocorreu em Kobe e prostrou os mercados financeiros nipónicos só contribuiu para que o «buraco» cavado nas contas dos Barings em Singapura subisse para 337 milhões de libras (80 milhões de contos) em fins de Janeiro do ano passado. E Nick Leeson tratou logo de esconder os prejuízos adicionais em nova conta secreta com o Nº 92 000. Enquanto isso, os negócios que, excepcionalmente, produziam lucros, apareciam, abertamente, nas contas normais do banco. E então, toda a gente «comia» comissões. Entretanto, com a finalidade de saldar as duas contas onde jaziam as perdas do Banco, Leeson teve de organizar depósitos de fundos líquidos nas mesmas, o que conseguiu através de financiamentos obtidos nos bancos japoneses e de transferências directas da sua sede em Londres — mais de 800 milhões de libras (185 milhões de contos). A segunda falência histórica dos Barings já estava à vista.

O «Barings Futures, Singapore» transaccionava naquilo que os modernizadores do capitalismo chamam «produtos» (porque

(1) Para viver algum tempo mais;

(2) Presidente do Conselho de Administração do Banco.

IIa
Assembleia do sector
intelectual
de Lisboa
do
PCP

■ Filipe Diniz

Comunicações
escritas enviadas
à II Assembleia
do Sector
Intelectual da
DORL

(selecção da
responsabilidade
da Redacção do
«Avante!»)

A Arquitectura e a cidade num contexto de crise

Nas origens, fortemente utópicas, do movimento socialista, muitas das suas proposições tomaram a imagem da cidade, não apenas enquanto metáfora, mas enquanto quadro e cenário material da história. Dessa herança (que, como é sabido, nada tem a ver com Marx e Engels) decorreu muita da incidência do debate teórico acerca do papel da arquitectura e do urbanismo no quadro do desenvolvimento das sociedades e da perspectiva do socialismo. No limite, da arquitectura e do urbanismo na revolução ou, em alguns casos, em vez da revolução. É bem conhecida a fórmula de Le Corbusier: «A Arquitectura ou revolução» (ou, na síntese clarificadora de Argan: Le Corbusier propunha um pacto — a burguesia renunciaria à guerra se o proletariado renunciasse à revolução.» Esse seria o quadro social da «ville radieuse»).

Não apenas o socialismo utópico mas diversas linhas de proposta «técnica» de organização racional da sociedade incluíram, sob diversas formas, a elaboração de modelos especiais («urbanos» ou «desurbanos») de organização.

A confiança na possibilidade técnica de resolução dos problemas do alojamento, da organização do trabalho e do lazer, do equilíbrio regional e ecológico formula-se cultural e ideologicamente sobre modelos que utilizam a linguagem, a imagem e os elementos da arquitectura e do urbanismo.

Significa isto que parte importante da sua teoria moderna esteja fortemente vinculada à ideia de progresso? Provavelmente não. E a enorme dificuldade que as experiências socialistas encontraram na busca de novos quadros urbanos, o carácter inconclusivo e até académico de muito do debate teórico sobre essa matéria, do ponto de vista da esquerda, é indicativo desse facto.

Sendo as cidades por vezes gigantescas construções de massas, por que razão é tão limitado historicamente o papel das massas na configuração da cidade? No mundo socialista do leste europeu provavelmente pelas mesmas razões que induziram ao colapso o modelo existente: a centralização do poder, a centralização excessiva da direcção política e da propriedade estatal, o centralismo burocrático, a cristalização da teoria em modelo teórico. O que falha na sociedade falha na cidade. No mundo capitalista sabemos porquê: a burguesia exerce um controlo férreo sobre as políticas de planeamento urbano e regional, sobre os instrumentos de intervenção na organização do território, desde a propriedade do solo às redes de transportes, das políticas de crédito às instituições. O que se passa no nosso país no que diz respeito ao papel e às competências das estruturas tecnocráticas-burocráticas das CCR, às estratégias e ao planeamento das vias de comunicação e das infra-estruturas de transportes, ao bloqueio do processo de regionalização, conjugados com uma política cujo resultado territorial é a urbanização acelerada e sob

pressão selvagem da faixa litoral a norte de Setúbal (e de parte do Algarve), a par com o despovoamento de toda a faixa interior do país (no Alentejo até à costa atlântica) são outros tantos traços à escala do país do modelo capitalista de gestão territorial.

A unidade de interesse que era um traço distintivo das cidades medievais (na expressão de Marx «as cidades [medievais] eram verdadeiras associações criadas pela necessidade imediata») ou a função de interesse comum característica da cidade burguesa dos sécs. XVII e XVIII desapareceram há muito das cidades modernas, tornadas «serviço público de procura de poder» (Mumford) em permanente conflito.

Desde Haussman que os programas urbanísticos da burguesia são autênticas ordens de batalha na luta de classes (aliás, a história de Paris desde Haussman é o registo dessa longa batalha. Resultado actual: segundo parece, com os mandatos de Chirac na Mairie de Paris o processo de expulsão de pobres chegou a uma limpeza quase total).

A cidade está historicamente carregada de sinais dos avanços, contradições e retrocessos da luta social, e tam-

de actual produz em larga escala. De certa forma existe até um sector económico florescente do pessimismo: as seitas e os astrólogos, claro, mas também os serviços de segurança e vigilância, as indústrias de ferrolhos, portas blindadas e alarmes, os *ghettos* de luxo vedados e controlados, os serviços que levam tudo a casa. Num tal ambiente a vida urbana tende à desagregação e, portanto, à dessocialização. Nos interstícios, passa por exemplo a mensagem reaccionária que associa o perigo ao público (o espaço público, a rua, o transporte colectivo, o logradouro e o jardim) e ao privado associa, senão a segurança, pelo menos o último reduto da segurança. E que sugere a privatização do espaço público, o seu preenchimento e apropriação individual, como a via para a segurança.

Por vezes, interrogamo-nos: onde está a cidade do regime democrático? E é bom que se saiba vê-la. Primeiro porque é identificável em múltiplos fragmentos, mudanças, presenças e marcas populares. Mas também porque na cidade, como na história, há em cada momento múltiplos possíveis. E muitas vezes, na cidade, um êxito democrático consiste em controlar, em conter a especulação selvagem,

o desalojamento brutal, a apropriação ou a destruição de um bem público. Isto é, alguma da cidade democrática é, nas nossas condições de resistência, não visível.

O que é que falta? Muito frequentemente sobrevive a importância da habitação na cidade, e coloca-se sobretudo a alternativa, em termos de usos, entre terciário e habitação. Tudo leva a crer que tal alternativa não tem interesse. A cidade, artefacto produtor de humanidade por excelência, só enriquece o seu perfil humano se puder integrar o mundo do trabalho em toda a sua extensão. Na década de 80, a cidade de Lisboa perdeu 32% da sua indústria transformadora, 27,3% da construção civil, 11,5% do sector de transportes e comunicações. Aumentou 51,1% o sector da banca, seguros e serviços às empresas (dados do PDM, certamente já

desactualizados). Esta tendência de especialização acentua os desequilíbrios urbanos e empobrece a cidade, cujo carácter humano e popular é o seu traço historicamente mais distintivo.

Certos fenómenos de crise, designadamente a falta de «sentido de urbanidade» (P. V. Almeida) de muita da arquitectura que se vai fazendo por Lisboa é indissociável de um processo de expansão urbana animada pelos traços mais mesquinhos e tacanhos da nossa espécie particular de burguesia. (Não se repare só no preço dos andares que os funcionários cavaquistas compram, em negócios escuros. Repare-se também na respectiva arquitectura...)

O sentido de alternativa também passa por aí.

O nosso povo, que já viveu a conquista das ruas, bem merece a conquista da cidade.



bém da luta das ideias. Em Lisboa, o Bairro Social do Arco do Cego é, nitidamente, a resultante da imagem republicana do bairro de trabalho (tal como Fialho de Almeida, por exemplo, o imaginou). Junto a ele ficaria, na cidade republicana, o Ministério do Trabalho. O fascismo cumpriu o programa republicano: aí colocou o Ministério das Corporações, bisarma arquitectónica que esmaga visualmente (agora associada à Caixa Geral de Depósitos) o bairro do trabalho republicano. A cidade produz ideologia. E o papel da cidade enquanto circunstância produtora de ideologia é especialmente potenciado num contexto de crise, quando apresenta as contradições sociais de forma concentrada, mas simultaneamente desagregada e desprovida de sentido útil.

Veja-se o que se passa com o estado de espírito oficial da burguesia: o pessimismo, que a cultura burguesa da cida-

Álvaro Cunhal

no distrito de Setúbal

Sábado, 12

Festa da Alegria, em Casebres (Alcácer do Sal)
Comício, no Largo da Casa do Povo, às 19.30 horas

Terça-feira, 15

Almoço-convívio no Parque Municipal do Montijo
(junto ao ringue), às 13 horas.

Apresentação concelhia da candidatura CDU, às 16 horas, na Casa do Lavrador, em Palmela. Também com Vítor Borrego e Ruben de Carvalho, entre outros candidatos.

Comício no Ginásio Atlético Clube, na Baixa da Banheira, às 18 horas.

Jantar-convívio no restaurante «O Quintal», em Setúbal, às 20 horas.

Carlos Carvalhas

em Portimão

Sábado, dia 12, às 13 horas

Almoço-convívio no restaurante «Ténis-Bar», junto
ao Auditório Municipal

Intervenções políticas do secretário-geral do PCP, do cabeça-de-lista da CDU (Carlos Luís Figueira) e outros candidatos da coligação pelo círculo eleitoral de Faro, cerca das 14.30 horas.

No sábado seguinte, **dia 19**, Carlos Carvalhas participa num comício-festa da CDU, a partir das 21 horas, na **Costa de Caparica** (Largo do Mercado).

ALMADA

Almoço-convívio da CDU, na **Sobreda** (Centro Equestre e Desportivo «Costa Azul»), **terça-feira, dia 15**, a partir das 12.30 horas.

LISBOA

Acções de propaganda da CDU na cidade: hoje, no jardim do **Campo Pequeno**; amanhã, no **Largo da Graça**; segunda-feira, no jardim do **Alto de Santo Amaro**; quarta-feira, na **Alameda da**

Encarnação - sempre a partir das 16 horas. Amanhã, às 22 horas, na **Musgueira Norte**, com o grupo «3 de Abril».

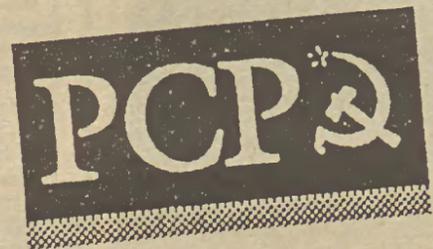
No âmbito da campanha dos 150 mil contos, a organização de freguesia do PCP na **Ameixoeira** promove uma **excursão a Mora**, no **dia 19** de Agosto. Para inscrições (1750 escudos por pessoa) e informações, contactar o camarada Vítor Mendes (CT Lumiar ou Vitória).

PORTALEGRE

Encontro distrital da **Juventude CDU** - na Barragem de **Montargil** («Praia dos Tesos»), em Ponte de Sôr, no **sábado, dia 12**, durante todo o dia. Participam os candidatos jovens da CDU por Portalegre.

SINTRA

Plenário de militantes da organização de freguesia do PCP na **Terrugem**, amanhã, às 21.30 horas, com Jaime da Mata.



Tempo de antena

na RTP/Canal 1

4.ª-feira, dia 16

Após o Telejornal das 20 horas

vota CDU está nas tuas mãos dar a volta a isto!

CDU em 1 de Outubro não se esqueça

os candidatos da CDU DISTRITO DE LISBOA **compromissos eleitorais**

Os trabalhadores, as mulheres, os jovens, os reformados, a população em geral sabe que pode contar com a CDU. Pelas provas dadas, pelo respeito para com os compromissos assumidos, pela ligação aos problemas e aspirações populares, cada deputado eleito pela CDU é uma garantia de ser dada expressão e voz aos interesses e reclamações dos portugueses e à luta pela sua satisfação.

Carlos Carvalhas

Cabeça de lista do distrito de Lisboa

CDU - Coligação Democrática Unitária PCP-PEV

vota CDU A Esquerda necessária

CDU - Coligação Democrática Unitária PCP-PEV

Um grande fim-de-semana e bom trabalho



na Atalaia!

Álvaro Cunhal Acção Revolucionária, Capitulação e Aventura



Os últimos tempos da ditadura fascista, que imediatamente precederam a Revolução de Abril, ou seja, a crise geral da ditadura e o governo de Marcelo Caetano, os objectivos da revolução antifascista, a actuação e as alianças das várias forças políticas constituiram um dos pratos fortes da campanha reaccionária contra a Revolução de Abril desencadeada a propósito das comemorações do seu 20º aniversário.

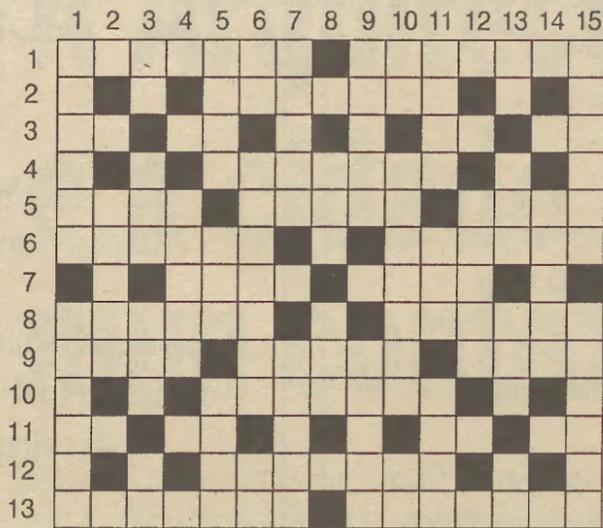
Ora a natureza da ditadura, a época de Marcelo Caetano, os objectivos, posições e actividades das várias forças políticas, constituem matérias do ensaio agora editado, significativas não apenas relativamente à vida nacional nessa época mas também para o conhecimento e a compreensão de tudo quanto se lhe seguiu no quarto de século desde então decorrido — a luta revolucionária para pôr fim à ditadura, o 25 de Abril, a revolução democrática e a contra-revolução até aos dias de hoje.

Associação de Amizade Portugal-Cuba

Viagens em Agosto

Para o mês de Agosto, a Associação de Amizade Portugal-Cuba preparou um programa especial de viagens turísticas a Cuba, com preços e programas particularmente convidativos. Informações detalhadas e inscrições na sede da Associação (Rua Rodrigo da Fonseca, 107, r/c, Lisboa) e pelo telefone 385 73 05.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 - Cartucho de dinamite (pl.); piano cujo mecanismo interno permite que ele toque automaticamente, sem auxílio de pianista. 2 - Fábrica de loiça de barro (pl.). 3 - Aspecto; preposição; catedral; Cálcio (s.q.). 4 - Nascer. 5 - Ajustar; empunhara; seguro com o arpão. 6 - Revestido com laca; esmurrais. 7 - Faísca; instrumento que serve para marcar os ângulos num terreno. 8 - Passagem natural ou artificial de águas (pl.); o m.q. violino. 9 - Discursas; teima; em forma de ovo. 10 - Madrinhã de neófito em relação aos pais e ao padrinho deste. 11 - Ouro (s.q.); rapaz (pop.); nota musical; Amerício (s.q.). 12 - Peça de vestuário, de tecido leve, com mangas curtas ou compridas (pl.). 13 - Carinhosa; sinal ortográfico com que se indicam os diferentes sons de uma vogal (pl.).

VERTICAIS: 1 - Pano grosso, cuja trama é de cordão; porquinho-da-índia, da fam. dos cavideos, muito utilizado em experiências de laboratório. 2 - Despejar. 3 - Articulação das falanges dos dedos; textualmente; negativa; compaixão. 4 - Invulgares. 5 - Denominação; entregai; fragmento de loiça quebrada. 6 - Alumínio (s.q.); doutrina inspirada no pensamento de Mao Tsé-tung; carta de jogar. 7 - Extras; dá carinho excessivo. 8 - Ninho; nome de mulher. 9 - Coluna simples; anosa. 10 - Caminhava; emendar; Actínio (s.q.). 11 - Tosta; base aérea portuguesa; nome de letra. 12 - Termino. 13 - Suf. de agente; lavra; a primeira mulher; Astatino (s.q.). 14 - Pequena tenaz. 15 - Prancheta rectangular provida de bolas, usada para calcular (pl.); choupos.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

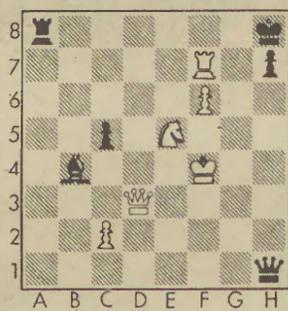
HORIZONTAIS: 1 - Jornadearemos. 2 - Faro; borla; eram. 3 - Azeda; roa; bacia. 4 - Medo; seda. 5 - Na.; Siva; cela; ut. 6 - Agá; rastelo; Ana. 7 - Ais; reuna; tri. 8 - Opa; filiar; ora. 9 - Be.; fino; saca; al. 10 - Orca; meda. 11 - Daria; pós; morma. 12 - Obras; Dinis; raer. 13 - Saloio; acalma.

VERTICAIS: 1 - Fauna; Óbidos. 2 - Jaz; ágape; aba. 3 - Orem; aia; oral. 4 - Rodes; friso. 5 - Adir; fica. 6 - Ab; ovarina; dó. 7 - Dor; aselo; pi. 8 - Eros; Tui; dono. 9 - Ala; cenas; si. 10 - Ra; selaram; sã. 11 - Belo; acém. 12 - Meada; adora. 13 - Orca; aro; Aral. 14 - Sai; unira; nem. 15 - Marta; alvará.

XADREZ

DXXIV - 10 DE AGOSTO DE 1995
PROPOSIÇÃO N.º 1995X061
Por ERCOLE DEL RIO
In Ponziani: Il giuoco incomparabile degli
Scacchi, Modena, 1769

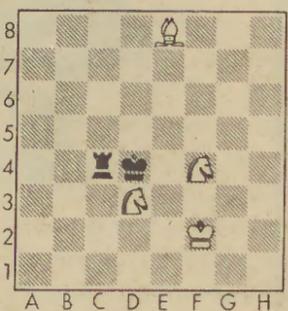
Pr.: [6]: Ps. ç5, h7 - Bb4 - Ta8 - Dh1 - Rh8
Br.: [6]: Ps. ç2, f6 - Ce5 - Tt7 - Dd3 - Rf4



Mate em 7 lances

PROPOSIÇÃO N.º 1995X062
Por HENRI RINCK
National Zeitung, 1921

Pr.: [2]: Tç4 - Rd4
Br.: [4]: Cs. d3, f4 - Bè8 - Rf2



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º DXXIV

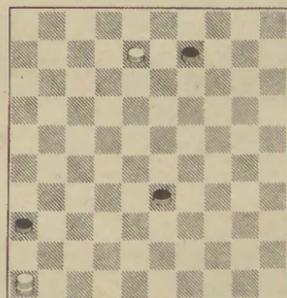
N.º 1995X061 [E. del R.]: 1. Tf8!+, Tf8; 2. Cf7+, Rg8!; 3. Dg3+; 4. Dg7+; 5. Dè7+; 6. Dd7+; 7. Dd3 #
N.º 1995X062 [H. R.]: 1. Cè2!+, Rè4; 2. Bg6+, Rd5; 3. Bf7+ e g.
1., Rd3; 2. Bb5 e g.

A. de M. M.

DAMAS

DXXIV - 10 DE AGOSTO DE 1995
PROPOSIÇÃO N.º 1995D061
Por J. F. MOSER
NL, 1941

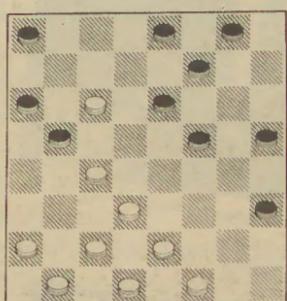
Pr. [3]: 9-33-36
Br. [3]: 8-(46)



Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO N.º 1995D062
GOLPE N.º 132
Por FRANCISCO INÁCIO DO NASCIMENTO
- Montes Velhos (Aljustrel), 1959
Jornal do Algarve, 7-IX-1959

1. 10-14, 22-18; 2. 5-10, 23-20; 3. 12-15, 27-22; 4. 1-5, 28-23; 5. 14-19, 23-14; 6. 10-19, 31-27; 7. 9-13, 18-9; 8. 19-23, 22-18; 9. 5-10, 27-22; 10. 10-14, 21-17; 11. 14-21, 25-18
Diagrama
{Pr. [10]: 9-17-18-20-22-24-26-29-30-32;
Br. [9]: 2-3-4-6-7-8-11-15-23 Br. +}



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º DXXIV

N.º 1995D061 [J.F.M.]: 1. 8-3-D (9-13); 2. 3-25 (33-38); 3. 25-48 (13-18); 4. 46-10 (18-22); 5. 10-15, se: (38-42); 6. 48-18 (36-41); 7. 18-23 + se: 5. (38-43); 6. 48-17 (36-41); 7. 17-28 + 4. (18-23); 5. 10-49 (36-41); 6. 48-37 +
N.º 1995D062 [F. L. do N.]: 12. 15-19, 22-15; 13. 23-27, 30-23; 14. 8-12, 15-8; 15. 11-15; 20-11; 16. 7-30-D +

A. de M. M.

FILMES

QUINTA, 10

Pacto Fatal

«Best Seller» (EUA/1987). Real.: John Flynn. Int.: James Woods, Brian Dennehy, Victoria Tennant, Allison Balsom. Cor, 91 min. «Thriller». (22.00, TVI)

Isabelle Eberhardt

«Isabelle Eberhardt» (Fr.-Austrália/1990). Real.: Ian Pringle. Int.: Mathilda May, Tchéky Karyo, Peter O'Toole, Richard Moir, Claude Villiers. Cor, 115 min. «Drama». (22.30, TV2)

Paternidade

«Paternity» (EUA/1981). Real.: David Steinberg. Int.: Burt Reynolds, Beverly D' Angelo, Norman Fell, Paul Dooley, Elizabeth Ashley. Cor, 95 min. «Comédia». (01.00, Canal 1)

SEXTA, 11

A Noite do Desespero

«Desperate Hours» (EUA/1990). Real.: Michael Cimino. Int.: Mickey Rourke, Anthony Hopkins, Mimi Rodgers, Lindsay Crouse, Kelly Lynch, David Morse. Cor, 100 min. Ver *Destaque*. (22.00, TVI)

O Mais Forte

«Kid Galahad» (EUA/1937). Real.: Michael Curtiz. Int.: Edward G. Robinson, Bette Davis, Humphrey Bogart, Wayne Morris, Jane Bryan, Harry Carey. P/B, 96 min. Ver *Destaque*. (23.50, TV 2)

Agente Oculto

«Fear» (EUA/1989). Real.: Rockne S. O' Bannon. Int.: Ally Sheedy, Lauren Hutton, Michael O'Keefe, Stan Shaw, John Ager. Cor, 91 min. «Thriller» (01.35, Canal 1)

SÁBADO, 12

Segredos de Um Homem Casado

«Secrets of a Married Man» (EUA/1984). Real.: William A. Graham. Int.: William Shatner, Cybil Shepherd, Michelle Phillips, Glyn Turman, Kevin George. Cor, 92 min. *Telefilme dramático* (00.10, TV 2)

Até à Eternidade

«From Here To Eternity» (EUA/1977). Real.: Fred Zinnemann. Int.: Burt Lancaster, Deborah Kerr, Montgomery Clift, Frank Sinatra, Donna Reed. Cor, 102 min. Ver *Destaque*. (00.15, TVI)

Fuga à Meia-Noite

«Midnight Run» (EUA/1988). Real.: Martin Brest. Int.: Robert De Niro, Charles Grodin, Yaphet Kotto, John Ashton, Dennis Farina, Joe Pantoliano. Cor, 130 min. Ver *Destaque*. (00.30, Canal 1)

Crime na Noite

«Saxo» (Fr/1987). Real.: Ariel Zeitoun. Int.: Gérard Lanvin, Akosua Busia, Richard Brooks, Laure Killing, Roland Blanche. Cor, 86 min. *Drama*. (02.30, Canal 1)

DOMINGO, 13

A Faca de Dois Gumes

«Twist of the Knife» (EUA). Real.: Jerry London. Int.: Dick Van Dyke, Cynthia Gibb, Stephen Caffrey, Barry Van Dyke, Suzanne Pleshette. *Policia*. (16.00, TVI)

A Melhor Defesa

«Best Defense» (EUA/1984). Real.: Willard Huyck. Int.: Eddie Murphy, Dudley Moore. Cor, 93 min. *Comédia* (22.30, SIC)

O Grande Elias

(Port/1950). Real.: Artur Duarte. Int.: António Silva, Francisco Ribei-

ro (Ribeirinho), Milú, Cremilda de Oliveira, Maria Olguim. P/B, 120 min. *Comédia*. (22.40, Canal 1)

Plenty, Uma História de Mulher

«Plenty» (EUA/1985). Real.: Fred Schepisi. Int.: Meryl Streep, Sam Neill, Charles Dance, John Gielgud, Tracey Ullman, Sting, Ian McKellen, James Taylor. Cor, 92 min. Ver *Destaque* (23.45, TV2)

Os Piratas do Voo 847

«The Thaking of Flight 847» (Gr.Br/1988). Real.: Paul Vendkos. Int.: Lindsay Wagner, Eli Danker, Sandy McPeak. Cor, 96 min. *Drama*. (16.00, TVI)

SEGUNDA, 14

Lobos da Serra

(Port/1942). Real.: Jorge Brum do Canto. Int.: António de Sousa, Maria Domingas, António Silva, Manuel Santos Carvalho, Costinha, Carlos Otero, Ema de Oliveira. P/B, 93 min. *Drama*. (22.00, TVI)

Mano a Mano

«Fifty-Fifty» (EUA/1992). Real.: Charles Martin Smith. Int.: Peter Weller, Robert Hays, Charles Martin Smith. Cor, 100 min. «Thriller». (22.50, SIC)

O Barba Azul

«Monsieur Verdoux» (Fr./1947). Real.: Charles Chaplin. Int.: Charles Chaplin, Martha Raye. P/B, 123 min. Ver *Destaque*. (01.20, SIC)

Ghoulies Vão às Aulas

«Ghoulies III» (EUA/1990). Real.: John Carl Buechler. Int.: Kevin McCarthy, Evan Mackenzie, Griffin O' Neal. Cor, 94 min. *Comédia*. (01.05, Canal 1)

TERÇA, 15

Ao Serviço dos Mais Pobres

«Father Damien, The Leper Priest» (EUA/1981). Real.: Steven Gethers. Int.: Ken Howard, Mike Farrel, David Ogden Stiers. Cor, 92 min. *Telefilme Dramático*. (22.00, TVI)

Prisioneiro

«Lock Up» (EUA/1988). Real.: John Flynn. Int.: Sylvester Stallone, Donald Sutherland, John Amos. Cor, 106 min. «Thriller» (22.20, Canal 1)

O Maior

«The One and the Only» (EUA/1978). Real.: Carl Reiner. Int.: Henry Winkler, Kim Darby, William Daniels. 91 min. *Drama*. (00.50, Canal 1)

QUARTA, 16

O Fabricante de Sonhos

«Toys» (EUA/1992). Real.: Barry Levinson. Int.: Robin Williams, Michael Gambon, Joan Cusack, Robin Wright. Cor, 121 min. Ver *Destaque*. (22.00, TVI)

A Patrulha da Noite

«Nightforce» (EUA/1986). Real.: Laurence D. Foldes. Int.: Linda Blair, James Van Patten, Richard Lynch, Chad McQueen. Cor, 93 min. *Teledramático*. (01.20, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

PROGRAMAÇÃO



Filipe Mukenga com a nova música angolana na Europa: hoje na TV2

Quinta, 10

- CANAL 1**
- 08.00 O Gato Félix
 - 08.30 Trampolim
 - 09.00 Eternos Novatos
 - 09.30 Asas em Família
 - 10.00 Beverly Hills
 - 10.50 Corpo Santo
 - 11.35 Culinária
 - 11.50 Marimar
 - 12.20 O Avô e Eu
 - 13.00 Jornal da Tarde
 - 13.45 Sonhos de Mulher
 - 14.40 Malha de Intrigas
 - 15.30 Sempre a Abrir
 - 16.20 Heróis em Acção
 - 17.15 Kananga do Japão
 - 18.05 Festa na Feira
 - 19.15 Lotaria Nacional
 - 19.25 A Minha Vida Dava Um Filme
 - 20.00 Telegiornal
 - 20.40 A Idade da Loba
 - 21.30 Desencontros
 - 22.00 Roberto Leal
 - 22.55 Despedida de Solteiro
 - 00.15 24 Horas
 - 00.45 Remate
 - 01.00 Paternidade
- (ver «Filmes na TV»)

- TV 2**
- 15.00 Voley de Praia
 - 17.00 Mundiais de Atletismo em Gotemburgo
 - 21.05 Tribunal de Polícia
 - 21.50 Remate
 - 22.00 TV2 Jornal
 - 22.30 Isabelle Eberhardt
- (ver «Filmes na TV»)
- 00.30 Musical: «Filipe Mukenga no S. Luís»
 - 01.30 Motociclismo
 - 02.30 Souvenirs

- SIC**
- 11.00 As Receitas do Dia
 - 11.30 Por Amar-te Tanto
 - 12.30 Quatro por Quatro
 - 13.30 Primeiro Jornal
 - 14.00 Os Donos do Jogo
 - 14.30 Volta a Portugal em Bicicleta
 - 15.30 Buéréré
 - 16.45 Os Conquistadores
 - 18.00 Chuva de Estrelas
 - 19.00 Tieta do Agreste
 - 20.00 Jornal da Noite
 - 20.50 Volta a Portugal em Bicicleta
 - 21.00 A Próxima Vítima
 - 22.00 Os Trapalhões em Portugal
 - 22.50 Circo de Moscovo em Paris
 - 23.50 Incidente em Antares
 - 00.55 Último Jornal
 - 01.10 Volta a Portugal em Bicicleta
 - 01.30 Uma Família no Paraíso

- TVI**
- 11.15 Lumen 2000
 - 11.55 Bucha e Estica
 - 12.25 Telhados de Vidro
 - 13.00 Éramos Seis
 - 13.30 Jornal da Uma
 - 14.05 McGyver
 - 15.15 A Escolha É Sua
 - 16.10 A Hora do Recreio
 - 17.25 Notícias
 - 17.50 O Jogo da Vida
 - 19.15 O Preço da Paixão
 - 19.55 Novo Jornal
 - 20.50 Marés Vivas
 - 21.45 Fora de Jogo
 - 22.00 Pacto Fatal
- (ver «Filmes na TV»)
- 23.55 TVI Jornal
 - 00.25 Verdade ou Mentira
 - 01.00 Documentário: «Os Novos Cowboys»

Sexta, 11

- CANAL 1**
- 08.00 O Gato Félix
 - 08.30 Trampolim
 - 09.00 Eternos Novatos
 - 09.30 Asas em Família
 - 10.00 Beverly Hills
 - 10.50 Corpo Santo
 - 11.35 Culinária
 - 11.50 Marimar
 - 12.20 O Avô e Eu
 - 13.00 Jornal da Tarde
 - 13.45 Sonhos de Mulher
 - 14.40 Malha de Intrigas
 - 15.30 Sempre a Abrir
 - 16.20 Heróis em Acção
 - 17.15 Kananga do Japão
 - 18.05 Festa na Feira
 - 19.15 Lotaria Nacional
 - 19.25 A Minha Vida Dava Um Filme
 - 20.00 Telegiornal
 - 20.40 A Idade da Loba
 - 21.30 Desencontros
 - 22.00 Isto Só Vídeo
 - 22.55 Despedida de Solteiro
 - 23.25 Marginalidades
 - 00.25 24 Horas
 - 00.55 Remate
 - 01.10 Contos Assombrosos
 - 01.35 Agente Oculto
- (ver «Filmes na TV»)

- TV 2**
- 15.00 Voley de Praia
 - 17.00 Mundiais de Atletismo
 - 20.50 O Mundo em Guerra
 - 21.50 Remate
 - 22.00 TV2 Jornal
 - 22.35 Planeta Terra
 - 23.05 Concurso: «À Volta do Coreto»
 - 23.50 O Mais Forte
- (ver «Filmes na TV»)
- 01.25 Motores
 - 02.25 Souvenirs

- SIC**
- 11.00 As Receitas do Dia
 - 11.30 Por Amar-te Tanto
 - 12.30 Quatro por Quatro
 - 13.30 Primeiro Jornal



Os melhores episódios de «Modelo e Detective» em reposição na TVI - sexta-feira à uma da noite

- 14.00 Os Donos do Jogo
- 14.30 Volta a Portugal em Bicicleta
- 15.30 Buéréré
- 16.45 Os Conquistadores
- 17.45 Notícias
- 18.00 Chuva de Estrelas
- 19.00 Tieta do Agreste
- 20.00 Jornal da Noite
- 20.50 Volta a Portugal em Bicicleta
- 21.00 A Próxima Vítima
- 22.00 Cenas de Um Casamento
- 22.35 Mini Chuva de Estrelas
- 23.35 Minas e Armadilhas
- 00.15 Último Jornal
- 00.35 Volta a Portugal em Bicicleta
- 00.55 Playboy

- TVI**
- 11.15 Caixa de Perguntas
 - 11.55 Bucha e Estica
 - 12.25 Telhados de Vidro
 - 13.00 Éramos Seis
 - 13.30 Jornal da Uma
 - 14.05 McGyver
 - 15.15 A Escolha É Sua
 - 16.10 A Hora do Recreio
 - 17.25 Notícias
 - 17.50 O Jogo da Vida
 - 19.15 O Preço da Paixão
 - 19.55 Novo Jornal
 - 20.50 Marés Vivas
 - 21.45 Fora de Jogo
 - 22.00 A Noite do Desespero
- (ver «Filmes na TV»)
- 23.55 TVI Jornal
 - 00.25 Verdade ou Mentira
 - 00.55 Modelo e Detective

Sábado, 12

- CANAL 1**
- 08.00 Programa Infantil/Juvenil
 - 11.40 Arca de Noé
 - 12.30 Praça de Touros
 - 13.00 Jornal da Tarde
 - 13.15 Fórmula Um - Grande Prémio da Hungria
 - 14.05 Beverly Hills
 - 15.00 Made in Portugal
 - 15.35 Selecção de Esperanças
 - 17.15 Chefe, Mas Pouco
 - 17.45 Outras Guerras
 - 18.45 Kananga do Japão
 - 19.50 Totoloto
 - 20.00 Telegiornal
 - 20.40 Desencontros
 - 21.35 Queridas e Maduras
 - 22.10 Parabéns (Antologia)
 - 00.10 24 Horas
 - 00.30 Fuga à Meia Noite
- (ver «Filmes na TV»)
- 02.30 Crime na Noite
- (ver «Filmes na TV»)

- TV 2**
- 12.00 Lendas e Factos da História de Portugal
 - 12.55 Euronews
 - 14.00 TV2 Desporto
 - 19.15 Circo
 - 20.15 Concerto - Katia e Marielle Labèque com a Orq. Filarm. Munique
 - 21.00 Um Amor Feliz
 - 22.00 TV2 Jornal
 - 22.30 Fronteira Ocidental
 - 23.05 Jogo Falado
 - 00.10 Segredos de Um Homem Casado
- (ver «Filmes na TV»)

- SIC**
- 11.00 Buéréré
 - 13.45 Portugal Radical
 - 14.30 Volta a Portugal em Bicicleta
 - 15.15 Dra. Quinn
 - 16.15 Cosby Show
 - 17.00 Muita Lôco
 - 18.00 O Magistrado
 - 19.00 Tieta do Agreste
 - 20.00 Jornal da Noite
 - 20.50 Volta a Portugal em Bicicleta
 - 21.00 Futebol: Belenenses-Benfica
 - 22.40 A Próxima Vítima
 - 23.40 Big Show Sic
 - 01.45 Último Jornal

- TVI**
- 10.00 Clube da Manhã
 - 11.30 Animação
 - 12.00 Visto Isto
 - 12.30 Informação Religiosa
 - 13.00 Jornal da Uma
 - 13.25 Contra Ataque
 - 15.20 Vamos ao Circo
 - 16.10 A Hora do Recreio
 - 17.50 Fort Boyard
 - 19.45 O Céu Como Horizonte
 - 20.30 Telegiornal

- 21.15 Feita à Medida
 - 21.40 Ficheiros Secretos
 - 22.45 Os Novos Intocáveis
 - 23.50 Últimas Notícias
 - 00.15 Até à Eternidade
- (ver «Filmes na TV»)



«Ficheiros Secretos» marca pontos para a TVI

Domingo, 13

- CANAL 1**
- 08.00 Programa Infantil/Juvenil
 - 12.30 Sem Limites
 - 13.00 Jornal da Tarde
 - 13.15 Emoções Fortes
 - 13.50 Fórmula Um - Grande Prémio da Hungria
 - 16.00 Top+
 - 17.05 Beverly Hills
 - 18.00 86-60-86
 - 18.45 Kananga do Japão
 - 19.50 Joker
 - 20.00 Telegiornal
 - 20.40 Desencontros
 - 21.35 Nico D'Obra
 - 22.05 Casa Cheia
 - 22.40 O Grande Elias
- (ver «Filmes na TV»)
- 00.40 24 Horas
 - 01.00 Paixões
 - 01.50 No Calor da Noite

- TV 2**
- 09.00 O Mar e a Terra
 - 09.30 Caminhos
 - 10.00 Novos Horizontes
 - 10.30 70 x 7
 - 11.00 Missa
 - 12.00 Regiões
 - 13.00 Vida por Vida - Magazine dos Bombeiros Portugueses
 - 13.15 Euronews
 - 14.10 «Festival da Juventude e Defesa Nacional»
 - 15.15 Para Além do Ano 2000
 - 16.00 TV2 Desporto
 - 20.55 Artes e Letras: «Claude Chabrol»
 - 22.00 TV2 Jornal
 - 22.30 TV2 Desporto
 - 23.30 Fórmula Um - GP da Hungria
 - 23.45 Plenty, Uma História de Mulher
- (ver «Filmes na TV»)

- SIC**
- 11.00 Buéréré
 - 13.15 BBC - Vida Selvagem
 - 14.30 Volta a Portugal em Bicicleta
 - 16.00 Olho de Falcão
 - 17.00 Os Imortais
 - 18.00 Norte e Sul
 - 20.00 Jornal da Noite
 - 21.15 Volta a Portugal em Bicicleta
 - 21.25 Engraçadinha, Seus Amores e Pecados
 - 22.25 A Melhor Defesa
- (ver «Filmes na TV»)
- 00.25 Casanova
 - 01.30 Último Jornal
 - 00.45 Volta a Portugal em Bicicleta
 - 02.05 No Fim do Mundo

- TVI**
- 08.30 Clube da Manhã
 - 10.00 Peregrinação de Emigrantes à Cova da Iria
 - 13.00 Informação Religiosa
 - 13.35 Portugal Português
 - 14.50 Jornal do País
 - 15.30 Telemúsica
 - 16.00 Faca de Dois Gumes
- (ver «Filmes na TV»)
- 18.00 O Melhor de Júlio Isidro
 - 19.30 O Poder da Lei
 - 20.30 Telegiornal
 - 21.15 Detectives na Onda
 - 22.15 Os Piratas do Voo 847
- (ver «Filmes na TV»)
- 00.20 Últimas Notícias

Segunda, 14

- CANAL 1**
- 08.00 O Gato Félix
 - 08.30 Trampolim
 - 09.00 Eternos Novatos
 - 09.30 Asas em Família
 - 10.00 Beverly Hills
 - 10.50 Corpo Santo
 - 11.35 Culinária
 - 11.50 Marimar
 - 12.20 O Avô e Eu
 - 13.00 Jornal da Tarde
 - 13.45 Sonhos de Mulher
 - 14.40 Malha de Intrigas
 - 15.30 Sempre a Abrir
 - 16.20 Heróis em Acção
 - 17.15 Kananga do Japão
 - 18.05 Festa na Feira
 - 19.15 A Minha Vida Dava Um Filme
 - 20.00 Telegiornal
 - 20.30 A Idade da Loba
 - 21.20 Desencontros
 - 21.50 Jogos Sem Fronteiras
 - 23.20 Noite Mágica
 - 00.20 24 Horas
 - 00.50 Remate
 - 01.05 Ghoules Vão às Aulas
- (ver «Filmes na TV»)

- TV 2**
- 17.30 Trampolim
 - 18.00 Tintim
 - 18.30 Documentário - Sphinx
 - 19.15 Um, Dó, Li, Tá
 - 20.15 A Casa do Caçador
 - 21.00 Segunda Parte
 - 21.40 Remate
 - 22.00 TV2 Jornal



Da Globo, o Canal 2 repõe «Kananga do Japão»

- 22.35 Magazine: «Teatro»
- 23.00 Teatro: «Cama»
- 00.10 Voltar a Sexta-feira
- 01.00 Gólo Europa
- 02.00 Souvenirs

- SIC**
- 09.00 Buéréré
 - 10.00 Chuva de Estrelas
 - 11.00 As Receitas do Dia
 - 11.30 Por Amar-te Tanto
 - 12.30 Quatro por Quatro
 - 13.30 Primeiro Jornal
 - 14.00 Os Donos do Jogo
 - 14.30 Walker, o Ranger do Texas
 - 15.30 Os Conquistadores
 - 16.45 Buéréré
 - 17.45 Notícias
 - 18.00 Tieta do Agreste
 - 20.00 Jornal da Noite
 - 20.45 Moda Roma
 - 21.00 A Próxima Vítima
 - 22.00 Ponto de Encontro
 - 22.50 Mano a Mano
- (ver «Filmes na TV»)
- 00.55 Último Jornal
 - 01.00 Volta a Portugal em Bicicleta
 - 01.10 O Barba Azul
- (ver «Filmes na TV»)

- TVI**
- 11.15 Novos Ventos
 - 11.55 Bucha e Estica
 - 12.25 Telhados de Vidro
 - 13.00 Éramos Seis
 - 13.30 Jornal da Uma
 - 14.05 McGyver
 - 15.15 A Escolha É Sua
 - 16.10 A Hora do Recreio
 - 17.25 Notícias
 - 17.50 O Jogo da Vida
 - 19.15 O Preço da Paixão
 - 19.55 Novo Jornal
 - 20.50 Marés Vivas
 - 21.45 Fora de Jogo
 - 22.00 Lobos da Serra
- (ver «Filmes na TV»)
- 23.45 TVI Jornal
 - 00.15 Verdade ou Mentira



«Incidente em Antares», uma nova série da Globo na Sic, é a adaptação de uma novela de Erico Veríssimo

Terça, 15

- Canal 1**
- 08.00 O Gato Félix
 - 08.30 Trampolim
 - 09.00 Eternos Novatos
 - 09.30 Asas em Família
 - 10.00 Beverly Hills
 - 10.50 Corpo Santo
 - 11.35 Culinária
 - 11.50 Marimar
 - 12.20 O Avô e Eu
 - 13.00 Jornal da Tarde
 - 13.45 Sonhos de Mulher
 - 14.40 Malha de Intrigas
 - 15.30 Sempre a Abrir
 - 16.20 Heróis em Acção
 - 17.15 Kananga do Japão
 - 18.00 Futebol: Liechtenstein-Portugal
 - 20.00 Telegiornal
 - 20.30 A Idade da Loba
 - 21.20 Desencontros
 - 21.50 Tudo ao Molho e Fé em Deus
 - 22.20 Prisioneiro
- (ver «Filmes na TV»)
- 00.05 24 Horas
 - 00.50 O Maior
- (ver «Filmes na TV»)

- TV 2**
- 17.05 Star Trek - O Caminho das Estrelas
 - 17.30 Trampolim
 - 18.00 Tintim
 - 18.30 Imenhof II
 - 19.20 Um Dó Li Tá
 - 20.15 Rotações
 - 21.15 Amor à Primeira Vista
 - 21.45 Remate
 - 22.00 TV2 Jornal
 - 22.30 Tributo a Elvis Prestley
 - 23.55 Quatro Raparigas
 - 00.45 NBA
 - 01.45 Souvenirs

- SIC**
- 09.00 Buéréré
 - 10.00 Chuva de Estrelas
 - 11.00 As Receitas do Dia
 - 11.30 Por Amar-te Tanto
 - 12.30 Quatro por Quatro
 - 13.30 Primeiro Jornal
 - 14.00 Os Donos do Jogo
 - 14.30 Walker, o Ranger do Texas
 - 15.30 Os Conquistadores
 - 16.45 Buéréré
 - 17.45 Notícias
 - 18.00 Tieta do Agreste
 - 20.00 Jornal da Noite
 - 20.45 Moda Roma
 - 21.00 A Próxima Vítima
 - 22.00 Não Se Esqueça da Escova de Dentes
 - 23.30 Gala «Esta Noite Quero-te»
 - 01.50 Último Jornal
 - 02.05 Uma Família no Paraíso

- TVI**
- 11.15 Lumen 2000
 - 11.55 Bucha e Estica
 - 12.25 Telhados de Vidro
 - 13.00 Éramos Seis
 - 13.30 Jornal da Uma
 - 14.05 McGyver
 - 15.15 A Escolha É Sua
 - 16.10 A Hora do Recreio
 - 17.25 Notícias
 - 17.45 Encontro
 - 17.50 Longa-Metragem: «O Varredor»
 - 19.55 Novo Jornal
 - 20.50 Marés Vivas
 - 21.45 Fora de Jogo
 - 22.00 Ao Serviço dos Pobres
 - 23.50 TVI Jornal
 - 00.20 Doido por Ti
 - 00.50 Verdade ou Mentira

Quarta, 16

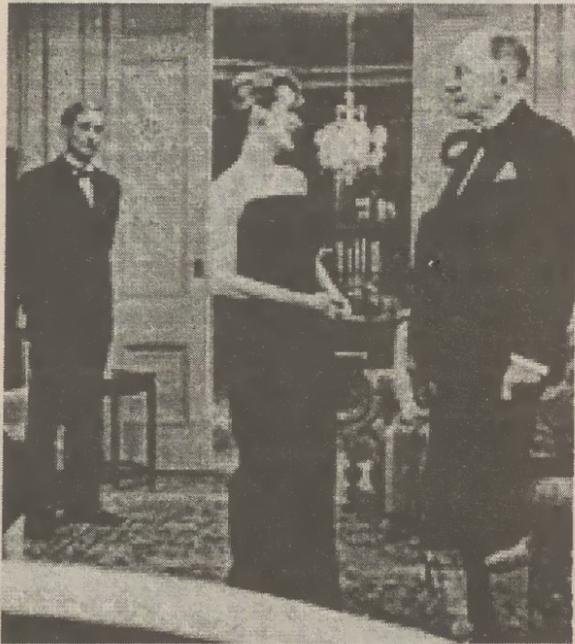
- Canal 1**
- 08.00 O Gato Félix
 - 08.30 Trampolim
 - 09.00 Eternos Novatos
 - 09.30 Asas em Família
 - 10.00 Beverly Hills
 - 10.50 Corpo Santo
 - 11.35 Culinária
 - 11.50 Marimar
 - 12.20 O Avô e Eu
 - 13.00 Jornal da Tarde
 - 13.45 Sonhos de Mulher
 - 14.40 Malha de Intrigas
 - 15.30 Sempre a Abrir
 - 16.20 Heróis em Acção
 - 17.15 Kananga do Japão
 - 18.05 Festa na Feira
 - 19.15 A Minha Vida Dava Um Filme
 - 19.45 Vamos Jogar no Totobola
 - 20.00 Telegiornal
 - 20.30 A Idade da Loba
 - 21.20 Desencontros
 - 21.50 Tudo ao Molho e Fé em Deus
 - 22.20 Prisioneiro
 - 22.25 Roleta Russa
 - 23.35 Moda Italiana
 - 00.35 24 Horas
 - 01.05 Remate
 - 01.20 A Patrulha da Noite
- (ver «Filmes na TV»)

- TV 2**
- 17.05 O Meu Verão Secreto
 - 19.30 Trampolim
 - 18.30 Combóios Como Não Há Outros
 - 19.20 Um, Dó, Li, Tá
 - 20.15 Arsène Lupin
 - 21.10 América Selvagem
 - 21.45 Remate
 - 22.00 TV2 Jornal
 - 22.30 Terra X
 - 23.20 Fogo no Coração
 - 00.20 Motores
 - 01.20 Souvenirs

- SIC**
- 09.00 Buéréré
 - 10.00 Chuva de Estrelas
 - 11.00 As Receitas do Dia
 - 11.30 Por Amar-te Tanto
 - 12.30 Quatro por Quatro
 - 13.30 Primeiro Jornal
 - 14.00 Os Donos do Jogo
 - 14.30 Walker, o Ranger do Texas
 - 15.30 Os Conquistadores
 - 16.45 Buéréré
 - 17.45 Notícias
 - 18.00 Tieta do Agreste
 - 20.00 Jornal da Noite
 - 20.30 Moda Roma
 - 20.40 A Próxima Vítima
 - 21.40 Circo Arlette Guss
 - 22.40 Sangue Amargo
 - 00.45 Último Jornal
 - 01.00 Uma Família no Paraíso

- TVI**
- 11.15 Lumen 2000
 - 11.55 Bucha e Estica
 - 12.25 Telhados de Vidro
 - 13.00 Éramos Seis
 - 13.30 Jornal da Uma
 - 14.05 McGyver
 - 15.15 A Escolha É Sua
 - 16.10 A Hora do Recreio
 - 17.25 Notícias
 - 17.50 O Jogo da Vida
 - 19.15 O Preço da Paixão
 - 19.55 Novo Jornal
 - 20.50 Marés Vivas
 - 21.45 Fora de Jogo
 - 22.00 O Fabricante de Sonhos
 - 00.15 TVI Jornal
 - 00.40 Verdade ou Mentira
 - 01.15 Dudley Moore Apresenta...

Por isto e por aquilo...



Meryl Streep contracena com John Gielgud em «Plenty»

Após a sedutora situação da passada semana em que foi possível dar o grito do Ipiranga televisivo (com alguma ligeireza, admita-se, porque filmes como o australiano e então totalmente desconhecido «Calma de Morte», passado no domingo na SIC, mereceriam referência), a que agora começa contém alguns cinematográficos cânticos de sereia a serem considerados. Tudo em doses razoáveis, contudo, até tendo em consideração que (quase) todo o resto da programação é para esquecer. Onde, neste estival Agosto, dá p'ra ir ó nimas ainda umas noitezitas...

A Noite do Desespero (Sexta, 22.00, TVI)

Nem sempre a antiguidade assegura qualidade, mas neste caso a conclusão é indelével.

O presente filme de Michael Cimino é um *remake* da película realizada em 1955 por William Wyler com um elenco de luxo: Fredric March, Humphrey Bogart, Martha Scott e Arthur Young.

Ambos se baseiam na peça (e novela) com o mesmo nome («Desperate Hours») de Joseph Hayes, que conheceu um razoável êxito na Broadway, onde o papel de Bogart seria desempenhado por Paul Newman.

O tema é o rapto, por dois criminosos fugitivos, de uma família, com um crescendo de tenção psicológica e conflitual.

O problema é que nem Cimino é Wyler, nem Rourke e Hopkins são March ou Bogart, e nem mesmo a segurança de Mimi Rogers é suficiente para fazer esquecer a diferença. Aliás, o trabalho de Wyler jogou exactamente no talento do elenco que escolheu, naquela subtil passagem ao cinema de êxitos teatrais de que era preciso fazer filmes, mas não esquecer que o público tinha a referência da cena. Onde, o largo espaço deixado aos actores e a discrição da câmara e dos efeitos.

Embora Cimino e Rourke se deleitem em ambientes e imagens sombrios e inquietantes, nenhum deles consegue atingir a tensão e a força da primeira versão.

Um trabalho limpo e escorreito, em todo o caso, roçando o melodramático pelas escorregadelas da realização.

O Mais Forte (Sexta, 23.50, TV2)

«Kid Galahad», no título original, foi outro filme que conheceu duas versões, mas, felizmente, a apresentada é a mais antiga.

Trata-se de um típico filme do período do New Deal rooseveltiano em Hollywood: cineastas ideologicamente à esquerda lançam-se à denúncia das chagas da sociedade americana lentamente a sair do choque da Depressão e do *crack* bolsista de 29. Neste caso, a exploração pelos seus *managers* e agentes dos jogadores de box.

Michael Curtiz, um dos realizadores que não seria poupado às investidas fascizantes do senador McCarthy, faz o trabalho escorreito e limpo de um conhecedor profundo dos meandros e, muito particularmente, das dificuldades de fazer filmes com orçamentos escassíssimos - como foi o caso.

Em compensação, um elenco de luxo: de novo Humphrey Bogart, desta vez em companhia de um sempre soberbo Edward G. Robinson e de uma seguríssima Bette Davis.

Vinte e cinco anos depois da estreia do filme de Curtiz, em 1962, e a dar conta do impacto prolongado por ele deixado, um realizador de musicais, Phil Karlson, filmaria uma versão musical do mesmo tema tendo como protagonista... Elvis Presley! Manifestamente, porém, a que se irá ver é bem melhor!

Até à Eternidade (Sábado, 00.15, TVI)

Filmado em 1953, «Até à Eternidade» foi um dos maiores êxitos do cinema americano da década de 50 e também um dos filmes que mais polémica levantou por uma sugestiva variedade de razões.

A consagração veio logo da Academia: o filme de Fred Zinnemann obteve oito Oscars, entre os quais os do melhor filme, melhor realizador, melhor actor e actriz secundários (Frank Sinatra e Donna Reed), e ainda os de melhor argumento, melhor montagem, melhor cinematografia e melhor gravação sonora. Para além disto, Burt Lancaster, Montgo-



Uma das cenas-escândalo de «Até à Eternidade»

mery Clift e Deborah Kerr, principais protagonistas, foram ainda nomeados para melhor actor e actriz, sendo porém batidos por William Holden e Audrey Hepburn.

A acção decorre num aquartelamento militar em Honolulu, nas vésperas de Pearl Harbour, desenvolvendo com segurança um cruzamento de conflitos individuais em que se misturam situações decorrentes do ambiente militar e outras de carácter afectivo e existencial.

Servido por uma realização seguríssima (que contou, para mais, com sólidos meios técnicos e financeiros) e um excelente naipe de actores, «Até à Eternidade» desdobra-se em sequências que fizeram história: o assassinato de Sinatra por um cruel sargento, interpretado bri-

lhantemente por Ernest Borgnine, o toque de silêncio tocado por Montgomery Clift nessa noite e, sobretudo, a cena de amor entre Burt Lancaster e Deborah Kerr na praia, que arrepiou os cabelos do puritaníssimo código Hays e que teve de levar inúmeros retoques até deixar tranquila a pudibunda indústria...



Robin Williams, intérprete principal de «O Fabricante de Sonhos»

A estas «liberdades» juntavam-se ainda problemas de abordagem explosivos à época: o arbítrio de oficiais do exército face a desprotegidos soldados, a crueldade dos oficiais intermédios e o caso de amor entre Lancaster (um sargento) e Kerr (casada com um oficial), ainda por cima tratado com uma sensualidade então pouco comum.

Surgido num período agudo da História do mundo - guerra fria, guerra da Coreia - o filme foi objecto de contraditórias leituras no seu posicionamento ideológico, alguns vendo nele uma condenação do militarismo, outros acusando-o de ser uma redenção do Exército yankee.

Visto a uma distância de quatro décadas, «Até à Eternidade» não perde essa equívocidade, o que até talvez seja uma vantagem para dar espaço e respiração à contemplação de um sólido trabalho cinematográfico, que não atinge pináculos de qualidade, mas cumpre o seu papel.

Acrescente-se para a pequena história que «Até à Eternidade» desempenhou o papel decisivo na confirmação de Sinatra como intérprete, correndo aliás algumas lendas sobre a pressão exercida pelos seus protectores do *underground* mafioso para que o papel lhe fosse atribuído...

Fuga à Meia-Noite (Sábado, 00.30, Canal 1)

Uma comédia pessoal de bom ritmo, escorreito produto *made in USA*. Martin Brest agarra num daqueles argumentos onde «toda a gente persegue toda a gente» e, com a preciosa ajuda de Robert de Niro, Charles Grodin e John Ashton, produz um excelente entretenimento. Sem ambições, mas eficaz.

Plenty, Uma História de Mulher

(Domingo, 23.45, TV2)

Embora a realização de Frank Schepisi tenha cumprido com consistência o seu papel, o essencial do ambiente e da textura de «Plenty» é criado pelo argumento de David Hare, baseado na peça homónima de sua autoria.

Esta origem teatral define claramente o filme, que se constrói essencialmente em torno do trabalho dos actores, conseguindo mesmo Meryl



John Ashton, Charles Grodin e Robert de Niro num fotograma de «Fuga à Meia-Noite»

Streep na protagonista ultrapassar alguns dos tiques que frequentemente abafam as suas qualidades de comediante. Para este resultado largamente contribui o facto de contracenar com actores como o sóbrio e seguríssimo Sam Neill, o veterano *sir* John Gielgud, acrescentando-se ainda ao lote a presença do ex-Police Sting!

Passado no pesado e convencional ambiente da alta sociedade britânica, o filme é um libelo contra as condicionantes, intrigas e crueldades que a regem e, muito especialmente, contra a sua acção repressiva sobre as mulheres e a sua feminilidade.

Bem filmado, bem interpretado, com diálogos escritos por quem sabe, é de ver.

O Barba Azul (Segunda, 01.20, SIC)

«Monsieur Verdoux», no seu título original, não é uma das melhores criações de Chaplin, embora pessoalmente o autor tivesse um ponto de vista completamente diferente: «o mais inteligente e brilhante filme que já fiz»...

Claramente baseado no caso de Landru e dos seus múltiplos assassinatos de mulheres, «Monsieur Verdoux» apresenta algumas fragilidades de ritmo surpreendentes em Chaplin, embora muitos críticos frequentemente apontem essas oscilações do criador de «Tempos Modernos» como um traço que o aproxima bastante mais das oscilações do artista criador do que da segurança do *rouitier* de Hollywood.

Refira-se que a postura progressista de Chaplin ressalta claramente numa película que arranja maneira de denunciar cruamente a guerra que pouco antes acabara (o filme é de 47). Por isso e porque Chaplin é sempre de não perder, serão 123 minutos bem empregues.

O Fabricante de Sonhos (Quarta, 22.00, TVI)

Barry Lewinson com um argumento com um achado notável: o proprietário de uma fábrica de brinquedos resiste intransigentemente às ambições do irmão de a transformar numa fábrica de armas!

Excelentemente servido por Robin Williams, que se diz ser actualmente um dos mais bem pagos actores de Hollywood, mas também por outros notáveis talentos - de salários bem mais modestos, decerto... - como Michael Gambon (o inesquecível «Detective Cantor») e Joan Cusak, Lewinson produz trabalho escorreito. Agradável.



Fotograma de «O Barba Azul»

PONTOS CARDEAIS

Desculpas

Um responsável dinamarquês dos 'capacetes azuis' na Croácia confirmava antontem face às câmaras de televisão que sete dos seus homens tinham sido colocados à frente das forças croatas e utilizados como "escudos humanos" na ofensiva contra a Krajina. Terminada a operação que deu lugar à maior "limpeza étnica" das guerras jugoslavas, as autoridades croatas apresentaram um "pedido de desculpas" pelo acto. As desculpas, disse o responsável dinamarquês, foram aceites. Postas as coisas desta forma simples e sem dramatismos, dir-se-ia que tudo não passou de um pequeno mal-entendido,

que a boa vontade e a compreensão das partes rapidamente sanou, de forma que a convivência prossegue e todos ficaram 'amigos como dantes'. Pena é que o sargento dinamarquês Klaus Gamborg, de 23 anos, não possa dizer o mesmo. Na verdade, desde o passado dia 4 de Agosto que não dirá mais nada, já que foi morto "por um tiro deliberado" de um croata depois de se ter recusado a retirar das posições que ocupava um destacamento de capacetes azuis no sector norte da Krajina, como o exército croata lhe ordenava. Presume-se que o pedido de desculpas incluíse este "incidente" e tenha seguido com o corpo para entregar à família.

Estímulos...

A administração da Auto-Europa ameaçou reduzir o pessoal caso a produção da fábrica de monovolumes Ford e VW não duplique até ao final do ano. Os trabalhadores, naturalmente, não acharam graça à chantagem e a informação transpirou para a opinião pública. Preocupada com a sua imagem, que pretende muito 'punhos de renda' e 'paz social', a empresa fez saber, através do seu gabinete de relações públicas, que não há razão para preocupações. Tudo não passa, dizem, de "um

estímulo" para os trabalhadores. Com o apoio que a Auto-Europa tem recebido do governo PSD, é de crer que em matéria de estímulos andam ali os conselhos de Cavaco Silva e Mira Amaral.

... e soluções

Enquanto a Sul se ensaiam os "estímulos" acima referidos, mais a Norte, a brilhante cabeça do secretário-geral do PP, Gonçalo Ribeiro da Costa, descobriu o ovo de Colombo para os problemas dos trabalhadores da Manuel Pereira Roldão, na Marinha Grande:

nem mais nem menos do que a aceitação de uma base salarial fixa por um período de dez anos! Segundo o preclaro PP, só esta "solução" permitirá resolver os problemas da empresa vidreira, de cuja viabilidade não duvida, já que, diz, "a alternativa a esta proposta é simples: o encerramento da empresa, o despedimento dos trabalhadores e a perda irreversível, por parte dos credores, do seu dinheiro". Os trabalhadores da Pereira Roldão não ficaram muito estimulados com a solução. Delicadamente, concluíram que o PP "não está a par da situação da empresa". Coisas que acontecem a quem anda a reviver o passado em tempo de pré-campanha eleitoral.

PONTOS NATURAIS

Vi e ouvi

Prometem e iludem

Repórter — Uma das intervenções mais arrebatadas e também mais politizadas foi a de Pedro Abrunhosa.

Pedro Abrunhosa, ouvi-o aqui dizer que a culpa de tudo isto é do governo. Para um artista, fez uma intervenção politizada. Como é que é?

Pedro Abrunhosa — Isto é ao fim e ao cabo um caso paradigmático da depreciação cultural que este governo tem feito, porque não só deixou chegar ao ponto a que se chegou, isto é uma situação extrema, foi o povo da cidade do Porto que descobriu, foi o povo da cidade do Porto que acordou. Ao contrário do que diz Manuela de Melo, o doutor Fernando Gomes devia estar aqui presente e também a autarquia terá alguma responsabilidade pelo «timing» a que este caso veio à luz.

Agora é uma questão suprapartidária, ultrapassa os partidos, mas é uma questão política, evidentemente que é uma questão política. Nós vivemos um momento em Portugal à imagem do Terceiro Mundo, em que as pessoas se agarram a quimeras, em que as pessoas se agarram a bolsas de ar, a ilusões, a ideias vazias. Os mais jovens agarram-se à droga, à heroína por exemplo, os mais velhos agarram-se a valores espirituais, às seitas religiosas, porque ambas prometem e ambas iludem. O que está em causa é saber por que Portugal chegou a este ponto. É a total depreciação dos valores culturais e sobretudo a situação social dos portugueses. O Coliseu é apenas um peão neste tabuleiro de xadrez.

(...) Acima de tudo tem de ser uma coisa concertada, é um desafio que eu lanço. Todos nós temos a nossa plataforma Shell no quintal das tra-seiras. É a opinião pública que há-de fazer mudar o rumo das coisas. Eu estou disposto a acorrentar-me ao Coliseu, simbolicamente claro, isto tudo é um acto pacífico, se comigo tiver as entidades públicas, os políticos que aqui estiveram a fazer alguma demagogia e a maior parte da população.

(Jornal da SIC)

Um paraíso chamado Suíça

J. M. Barata Feyo — A Suíça é um dos países mais ricos do mundo no que respeita ao rendimento *per capita*. E no entanto, Rui Araújo chamou à sua reportagem «Suíça, a má consciência». Porquê?

Rui Araújo — A Suíça tem graves problemas sociais, tem muitos pobres e o mais preocupante é que nem os pobres reconhecem ser pobres nem os ricos reconhecem que essa pobreza existe.



reforma é denominada Pensão de Sobrevivência. A pensão é de 1200 a 1500 francos por mês.

J. M. B. F. — E o mínimo para sobreviver?

R. A. — Para um casal de mais de 65 anos, na região de Genebra são necessários quatro mil a quatro mil e trezentos francos.

J. M. B. F. — Há então um grande fosso entre ricos e pobres.

R. A. — Há um grande fosso e mais do que isso, tende a acentuar-se.

(Reportagem, TV2)

Brincar com coisas sérias

O menos que se pode dizer da questão do policiamento das ruas do Porto é que o dr. Fernando Gomes teve uma entrada de leão e uma saída de sendeiro.

É certo que o governo manobrou no sentido de fazer desistir a empresa contratada pela Câmara Municipal do Porto para fazer o policiamento, uma vez que as firmas de segurança têm no Estado o seu melhor cliente e, mais do que isso, estão sujeitas a inscrição obrigatória no Conselho Superior de Segurança que considerou ilegal a iniciativa do presidente da Câmara do Porto.

Mas o dr. Fernando Gomes havia de ter pensado nisso a tempo. De duas, uma: ou quis brincar com coisas sérias com esta medida de privatização da segurança pública, uma fantástica proposta que terá feito corar até a direita mais musculada deste país

FRASES da SEMANA

“Raras vezes, num curto espaço de tempo, certos partidos disseram tantas mentiras. A mentira tornou-se para eles um instrumento preferencial da acção política e da campanha eleitoral.”

☛ (Álvaro Cunhal no comício da Festa da Unidade de S. Pedro da Cova, 06.08.95)

“Não podemos ficar surpreendidos se, daqui até Outubro, outras histórias da carochinha aparecerem.”

☛ (Carlos Carvalhas no convívio da CDU em Monte Gordo, 05.08.95)

“Com o cavaquismo habituaram-se as pessoas a pensar em termos de mais dinheiro.”

☛ (Victor Cunha Rego, in “Semanário”, 05.08.95)

“Ao PS não falta dinheiro para uma campanha forte.”

☛ (Jorge Coelho, em entrevista ao “Semanário”, 05.08.95)

“Não estamos nisto a feijões.”

☛ (Paulo Portas em entrevista ao “Diário de Notícias”, 04.08.95)

“Eu fazia negócio com a Igreja Católica.”

☛ (Álvaro Covões sobre a hipótese de venda do Coliseu de Lisboa, comentando o negócio do Porto, in “A Capital”, 04.08.95)

“O Estado Português, a Câmara Municipal do Porto e a Secretaria de Estado da Cultura merecem aquilo que está a acontecer com o Coliseu do Porto.”

☛ (idem)

“Qualquer analista independente dará uma nota alta ao ministro. As críticas mais directas que li e ouvi são elogios.”

☛ (Eduardo Catroga sobre si próprio, em entrevista ao “Diário de Notícias”, 07.08.95)

“Sousa Franco alerta Soares para a falta de controlo das empresas do Estado”

☛ (Título do “Diário de Notícias”, 08.08.95)

“Soares recebeu o amigo Torres Couto”

☛ (Título do “Público”, 04.08.95)

“Espero é que ele e demais arguidos respondam no processo, pois não é em Belém que se resolvem os processos mas nos tribunais.”

☛ (Procurador-geral da República sobre Torres Couto, à saída de uma audiência com o PR, in “Público”, 08.08.95)

“O professor Cavaco Silva manifestou-se disponível para participar na pré-campanha.”

☛ (Fernando Nogueira in “Tal e Qual”, 04.08.95)

“Nogueira está mal aconselhado.”

☛ (Silva Peneda in “Expresso”, 05.08.95)

Mário Castro

(Fernando Rosas, Jornal da SIC)

de FOICE

Os rapas

Nos últimos dias, a febre da raspadinha tomou conta do país. Quais fogos florestais, qual Coliseu do Porto, qual guerra na Bósnia, quais férias dos políticos, qual quê!? A preocupação dominante foi raspar, raspar, raspar, na mira do pote de ouro da ilusão colectiva. Os cartões não chegaram para as encomendas, garantem as notícias, enquanto as televisões continuam a martelar com o "raspou, ganhou", apesar de não haver registo de nenhum milionário-relâmpago e de ninguém ter ganho nada digno de registo, e muito menos bom senso.

As provas do desvario forraram o chão de vilas e cidades, que a desilusão não é propícia aos cuidados de limpeza, e não deve haver ninguém que não tenha tropeçado com alguém no raspe-raspe.

A mim, confesso, estas coisas confundem-me.

Freud e os seus seguidores explicariam certamente que a minha incompatibilidade com o jogo tem raízes num trauma de infância. É verdade que cresci a travar acesas disputas de dominó com o meu avô, reformado por doença para mal dele e proveito meu, enquanto aprendia a contar as pintas e a desenhar caminhos com as pedras nacaradas, mas não vislumbro nessas recordações o mais leve vestígio de experiências infelizes, até porque das

particularíssimas regras do jogo mutuamente aceites e obviamente sempre contestadas constava como convinha o direito à batota, bem como o da decisão unilateral de "baralhar e dar de novo" quando as coisas não corressesem de feição ou para tal nos desse na veneta. Acresce a esta experiência de jogatina uma outra, a que chamávamos 'multiusos', e que consistia em usar as pedras para as mais diversas construções, como daquela vez em que serviram para formar uma rodela com que se ilustrou um descuido nocturno de um personagem que não vem ao caso.

É igualmente verdade que o dominó alternava regularmente com o 'rapa', um isco tipo peão com que os ancestrais dos nestuns, estrelitas, bolitas e quejandos nos engodavam para exigirmos papas em vez de pão com manteiga, mas também aí só encontro memórias interessantes, tais como ir às latas do grão e do feijão para disputar na mesa de jogo ou, melhor ainda, convencer a família a fornecer rebuçados para o efeito e garantir assim, temporariamente, o sossego das hostes. Com o 'rapa' dessa altura não havia o risco de uns perderem tudo e outros ganharem tudo, que para o evitar lá estava o avô, a quem cabia, terminado o jogo, dividir os rebuçados por todos, sem brigas nem zangas, que a batota aqui só se fazia no girar do pião e numas quedas propositadas para debaixo da mesa de onde invariavelmente se saía exibindo o 'R' que dava direito a limpar a mesa.

Com este background, a que poderia acrescentar algumas performances no mundo das cartas, em particular no jogo do burro, e uns campeonatos de berlindes, não encontro motivos para traumas, mas lá que não gosto de jogar, não gosto. E não gosto, em especial, dos jogos a dinheiro. É que ao contrário dos jogos da minha infância, estes jogos nada têm de lúdico ou didáctico e as regras, viciadas ou não, beneficiam sempre a casa. E ninguém se preocupa com os jogadores, sejam eles crianças ou adultos a quem escasseiam proventos e sobeja a ilusão do dinheiro fácil. Por algum motivo o meu avô chamava a si a distribuição dos rebuçados. Por algum motivo os raspas de hoje fazem lembrar os rapas de todos os tempos.

■ AF

Balcãs

Uma guerra suja em todas as frentes

A operação 'Relâmpago' da Croácia contra as forças sérvias da Krajina deu origem ao maior êxodo e à mais grave operação de "limpeza étnica" em vários anos de guerra dos Balcãs. Estima-se entre 80 mil e 200 mil o número de refugiados que por todos os meios procuram alcançar a Sérvia, mas pouco se sabe quanto ao número de vítimas. Num conflito em que os sérvios foram sempre apresentados como os únicos 'maus da fita' e fonte de todos os males da ex-Jugoslávia, numa verdadeira campanha de intoxicação da opinião pública, a dramática realidade dos últimos dias impõe aos menos atentos um mínimo de reflexão.

Importa começar por recordar que a autoproclamada independência da Krajina, em 1991, só ocorre depois de o presidente croata Tudjman recusar qualquer tipo de autonomia àquele território, secularmente povoado por uma maioria sérvia. A comunidade internacional não reconhece a Krajina nem as pretensões autonómicas dos sérvios da Croácia, ao contrário do que sucede por exemplo em relação aos muçulmanos da Bósnia, minoritários, curiosa e sistematicamente classificados como uma "etnia", quando efectivamente o que os distingue da restante população é apenas a sua opção religiosa. O que leva certos Estados ocidentais, com particular destaque para a Alemanha, a defender a criação de um Estado confessional na Europa?

Os que sempre acusaram os sérvios de impedir soluções diplomáticas para o conflito nos Balcãs foram os primeiros a aplaudir (e a apoiar) a ofensiva croata. Nos EUA, Bill Clinton chegou ao ponto de exprimir a esperança de que as vitórias croatas abram "a porta

para uma rápida solução diplomática", agora que a correlação de forças no terreno foi alterada.

O facto de responsáveis croatas afirmarem que "a Croácia não renuncia à Eslavónia Oriental e depender da atitude da comunidade internacional se esse território dará ou não origem a um conflito armado com a Sérvia" não pareceu preocupar ninguém, como se a divisão do bolo que se anuncia estivesse já cozinhada nos bastidores.

Curiosa é também a posição das potências ocidentais quanto ao respeito pelos direitos humanos, quando em causa estão populações sérvias. O ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Klaus Kinkel, "advertiu" a Croácia contra uma "limpeza étnica de facto", quando na Kra-

jina não havia já sombra de sérvios e nas estradas as colunas de refugiados eram bombardeadas pela aviação croata.

No Conselho de Segurança da ONU, que na segunda-feira analisou a situação na Croácia, o presidente em exercício, Nugroho Wisnumurti, fez saber que "todos estão de acordo em que é necessário actuar, o problema é como fazê-lo", pelo que continuam todos a discutir muito.

A República Federal da Jugoslávia (Sérvia e Montenegro), que apelou a sanções à Croácia e qualificou de "brutal e vergonhosa agressão" a ofensiva à Krajina, é acusada pela imprensa ocidental de estar a negociar com a Croácia a divisão dos Balcãs, pelo que teria "permitido" o ataque, sem intervir.



Por seu turno, o mediano europeu Carl Bildt, que defendeu a abertura de um inquérito pelo Tribunal Internacional à acção dos croatas na Krajina, e que considerou o bombardeamento de Knin como "algo extremamente grave", foi considerado pelo governo de Zagreb como *persona non grata* e sem "credibilidade" para a sua missão de mediação. A comunidade internacional não reagiu.

É sabido que não há guerras limpas, mas há que convir que esta é bastante suja.

PCP condena ofensiva militar

O Gabinete de Imprensa do PCP divulgou na passada sexta-feira uma nota sobre a operação militar da Croácia na Krajina, que a seguir se transcreve na íntegra:

«O PCP condena vivamente a ofensiva militar das Forças Armadas da Croácia sobre a região de Krajina e em particular o bombardeamento de Knin, capital dessa região de maioria sérvia e sob a protecção da ONU, com o dramático cortejo de vítimas civis e de destruições.

Tal ofensiva, só possível com a cobertura e apoio das grandes potências (nomeadamente os EUA e a Alemanha) constitui um gravíssimo passo na escalada do conflito que ameaça generalizar a guerra a toda a ex-Jugoslávia e à região dos Balcãs.

É aliás oportuno recordar que já em Maio as Forças Armadas croatas ocuparam a Eslavónia Ocidental (de maioria sérvia), pondo termo ao cessar-fogo em vigor e provocando milhares de mortos e refugiados. Tratando-se embora também de uma zona de protecção da

ONU, é de notar a impunidade e o silêncio cúmplice de que foi rodeada tal operação. A intervenção do exército regular da Croácia no interior do território da própria Bósnia-Herzegovina, nomeadamente com a ocupação de Bosanka Grahovo e Glamoc, era já um claro anúncio do ataque desencadeado contra a Krajina, tal como o posicionamento negativo do governo de Tudjman na tentativa de conversações de Genebra.

O PCP insiste em que não há solução militar para os dramáticos conflitos que atravessam a ex-Jugoslávia e que a tentativa do governo de Tudjman para liquidar pela força a resistência da população sérvia de Krajina e da Eslavónia ao poder instalado em Zagreb só pode agravar os problemas.

Apenas a via da negociação política envolvendo todas as partes interessadas e uma consideração global para os complexos problemas pendentes podem conduzir a uma solução justa e a uma paz duradoura na ex-Jugoslávia.»

Alice Vieira candidata ao Andersen

A escritora Alice Vieira e a ilustradora Angela Melo foram escolhidas por um júri de especialistas nomeado pela secção portuguesa do International Board on Books for Young People (IBBY) como candidatas aos Prémios internacionais Hans Christian Andersen/1996, os "Nobel" da literatura para a infância.

Instituídos pelo IBBY, uma associação de promoção do livro infantil e juvenil de qualidade, constituída por cerca de sete dezenas de secções nacionais e com sede em Basileia, os Prémios Hans Christian Andersen destinam-se a galardoar um escritor e um ilustrador vivos que, pelo conjunto das respectivas obras, tenham contribuído de forma relevante para o prestígio e dignificação da produção literária e artística para os mais jovens.

Até meados de Setembro, o júri nacional deverá ainda indicar os livros infantis portugueses a incluir na Lista de Honra do IBBY/1996.

Recorda-se que a escritora Alice Vieira tem uma extensa e diversificada obra, toda publicada pela Editorial Caminho, em que se destaca o romance juvenil (15 títulos), para além de peças de teatro, recontos de histórias tradicionais e uma antologia de poesia popular.





festa!

AMORA-SEIXAL
1, 2 e 3 SETEMBRO

Avante!

Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO
10 de Agosto de 1995
Não pode ser vendido
separadamente

Mais Festa para todos

Este ano, o encerramento da Festa do «Avante!» efectua-se pelas 10 horas da noite de domingo, ou seja, ligeiramente mais cedo do que era habitual. Esta alteração foi decidida pela Direcção da Festa e visa no fundamental permitir que mais público assista aos espectáculos programados.

De facto, grande parte dos visitantes desloca-se grandes distâncias para ir à Festa, sendo natural que tenha de sair de lá para regressar a casa a horas razoáveis, apesar de perder algumas importantes actuações. O novo horário vem deste modo valorizar os últimos espectáculos do programa que decorrerão num momento em que a Festa ainda se encontra cheia.

Por outro lado, esta medida pretende facilitar a vida dos milhares de camaradas que, durante três dias, asseguram voluntariamente o funcionamento dos stands e serviços e que no dia seguinte têm de voltar aos seus empregos habituais. Embora o visitante nem sempre se aperceba, depois de fechados, ainda é preciso limpar e arrumar os pavilhões, operação que dura mais algumas horas.

EP's só nas bilheteiras

A venda de EP's e bilhetes passa a efectuar-se **exclusivamente** nas bilheteiras da Festa. Acaba desta forma a venda ambulante por camaradas que, refira-se, criavam nos espaços circundantes do terreno uma ambiente animado e de convívio fraterno. Contudo, a concentração da venda da EP nas bilheteiras vem garantir melhores condições de segurança ao mesmo tempo que reduz o esforço de muitas dezenas de camaradas que passavam grande parte da Festa a vender os ingressos. Para o efeito, foram criadas 18 bilheteiras fixas à entrada da Atalaia, onde durante os três dias serão vendidos os bilhetes e Entradas Permanentes.

Parque de Campismo para visitantes

Correspondendo ao desejo de muitos visitantes de pernoitar perto da Atalaia, a organização criou uma zona de acampamento de acesso generalizado numa área exterior contígua ao terreno, com uma capacidade de cerca de 9 mil lugares. Os interessados têm apenas de dirigir-se à recepção do parque e inscrever-se. A criação deste equipamento tem como objectivo dar melhores condições aos visitantes e evitar a montagem de tendas dentro Festa, que este ano não será permitida.



Van Gogh

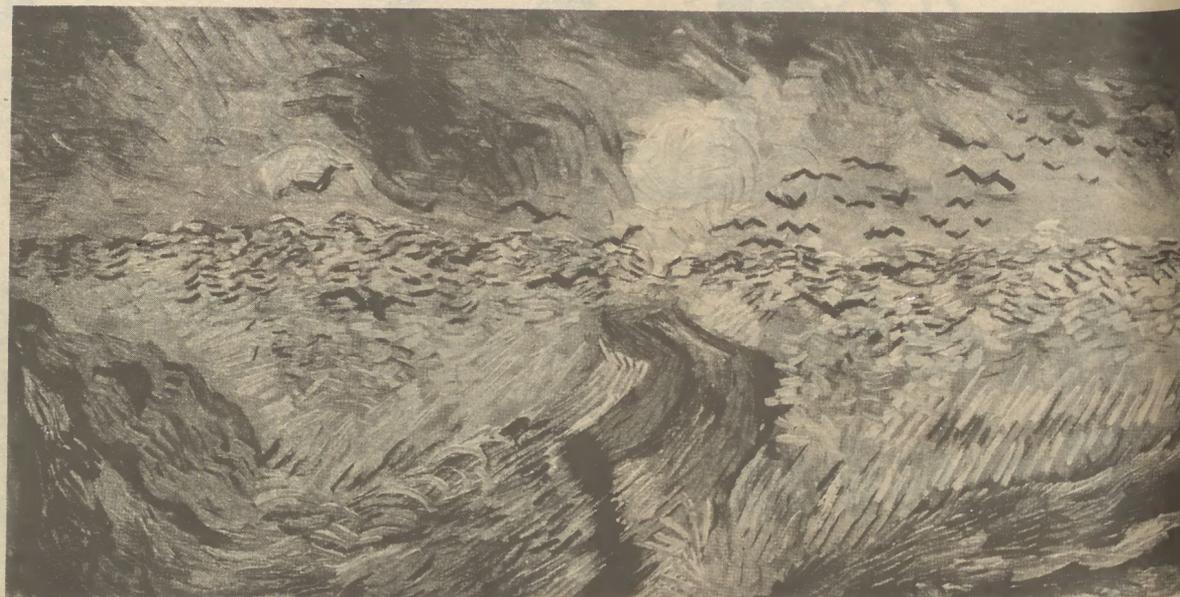
80 quadros a não perder



A exposição temática que este ano acompanha a Bienal da Festa é dedicada a Van Gogh, e oferece pela primeira vez em Portugal a possibilidade de vermos o resultado dos dias febris de Auvers-sur-Oise, onde, antes do suicídio e em apenas 70 dias, o pintor fez os 80 quadros que vão estar patentes em reproduções em alta definição impressas em tela. Uma grande oportunidade a não perder.



**Este fim-de-semana vai à Festa
Participa
nas jornadas de trabalho!**



Vincente Van Gogh em Auvers-sur-Oise

Em 1890, Vincent Van Gogh, pintor holandês de trinta e sete anos de idade, vive há pouco mais de quatro anos em França. Depois de uma estada de dois anos em Paris, parte ao encontro do sol e da luz do Midi, na região de Arles e junta-se por alguns tempos ao seu amigo GAUGUIN. Esta é a crónica dos seus últimos 70 dias, quando produz, em turbilhão, sucessivas obras-primas.

20 de Maio de 1890. Chega a Auvers-sur-Oise, aldeia de pintores, atraído pela presença do Dr. GACHET, um médico amante da pintura e recomendado por PISSARRO. Assim se aproxima de seu irmão Théo, negociante de quadros, que vive em Paris com a família.

Vincent, sentindo-se melhor após ter sido hospitalizado em Saint-Rémy-de Provence em consequência de distúrbios nervosos, pinta intensamente durante a sua estada, encorajado pelo Dr. GACHET, que o convida regularmente para sua casa.

8 de Junho de 1890. Théo e a família visitam Vincent em Auvers. Um dia feliz.

6 de Julho de 1890. Data determinante por força das circunstâncias que se seguem. O filho de Théo, um bebé, que esteve gravemente doente, começa a melhorar. Vincent pode ir passar alguns dias com eles em Paris. Visita TOULOUSE-LAUTREC e outros amigos. Período de fadiga, de tensões:

Vincent assiste a uma discussão entre Théo, a mulher e o irmão Andries, sobre questões de dinheiro, de mudanças, de arrumação de quadros, do futuro profissional de Théo... Vincent fica muito afectado, a um ponto que passa despercebido a Théo. Sobretudo, nesse dia, apercebe-se de uma decisão: Théo, em vez de ir passar as férias em Auvers, levará a mulher e o bebé para descanso na Holanda, entre a família, depois voltará a Paris... antes de vir ter com eles.

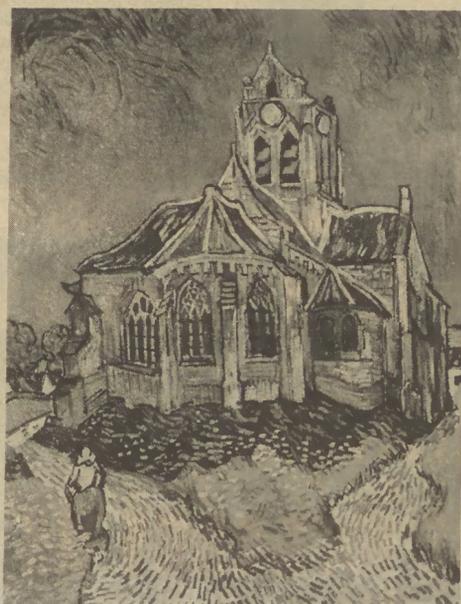
Vincent, profundamente abatido, sentindo-se abandonado, decide voltar precipitadamente a Auvers, sem sequer esperar, nessa noite, a vinda do seu amigo pintor GUILLAUMIN. Desde logo começa a pintar desesperadamente, como se o tempo lhe faltasse, até à exaustão.

27 de Julho de 1890. Nessa noite no meio dos campos de trigo, ele dispara contra si uma bala de revólver, mas consegue ainda assim voltar ao albergue.

29 de Julho de 1890. Após dois dias de agonia, morre nos braços do irmão que correu em seu socorro.

Epílogo

21 de Janeiro de 1891. Théo, que sempre apoiou Vincent, destruído pelo remorso e doente de uma uremia delirante, morre menos de seis meses depois dele. "Oh, mãe, ele era tão meu irmão!", escreve após o enterro de Vincent.



70 dias de turbilhão



Pela primeira vez em Portugal Ocasião única

A exposição que este ano vem à Festa do «Avante!» e que acompanha a IX Bienal de Artes Plásticas é, em primeiro lugar, uma ocasião inédita e única de podermos ver os últimos 80 quadros pintados por Vincent Van Gogh durante os 70 dias que viveu em Auvers-Sur-Oise.

Trata-se de uma exposição didáctica que reúne obras espalhadas em colecções de todo o mundo através de reproduções impressas em alta definição e à escala real o que até agora não era possível concretizar dado que não existiam litografias do conjunto dessas peças. Esta exposição é promovida por uma associação francesa formada por ocasião do centenário da morte do pintor (L'Association du Centenaire de van Gogh à Auvers-sur-Oise) e resulta de uma colaboração entre o PCF e o PCP, vindo a Portugal depois de ter estado presente na Festa do Humanité. Uma ocasião única...

Grande êxito de participação

Torneio de futebol de salão termina na Guarda

Terminou no passado dia 28 Julho a fase distrital da Guarda do Torneio Nacional de Futebol de Salão da Festa do Avante/95. Nos jogos, que atraíram muito público, participaram 20 equipas de dois concelhos, envolvendo um total 200 atletas.

A fase distrital foi também um momento de convívio onde a divulgação da Festa esteve sempre presente através dos pendões que emolduraram os recintos de jogos e da distribuição do Jornal com o programa, bem como pela cobertura que a imprensa regional fez do acontecimento.

Em Gouveia, a fase concelhia decorreu no polidesportivo de Nespereira e teve o patrocínio do Café Arcada. Durante cinco

semanas realizaram-se encontros aos sábados, tendo saído vencedora a equipa Estrela Futebol Clube de Moimenta da Serra. O segundo posto pertenceu à equipa do Café Arcada de Nespereira, ficando ambas apuradas para a final distrital.

Organizado pela JCP e pela Juventude CDU, com o apoio da concelhia local do Partido, decorreu pela primeira vez em Manteigas, com grande êxito, o Torneio de Futebol de Salão da Festa do Avante!». Inscreveram-se 13 equipas que durante um mês disputaram jogos no Gimnodesportivo da localidade.

A afluência de público foi também aqui elevada, sobretudo de jovens que apoiavam vibrantemente a

equipa do seu bairro, escola, colectividade ou do café que frequentam.

O balanço foi de tal modo positivo que a organização local não hesita em afirmar que se tratou da maior iniciativa organizada pelo Partido no concelho, da qual, saliente-se, resultaram várias inscrições na JCP.

A equipa do Café do Tó

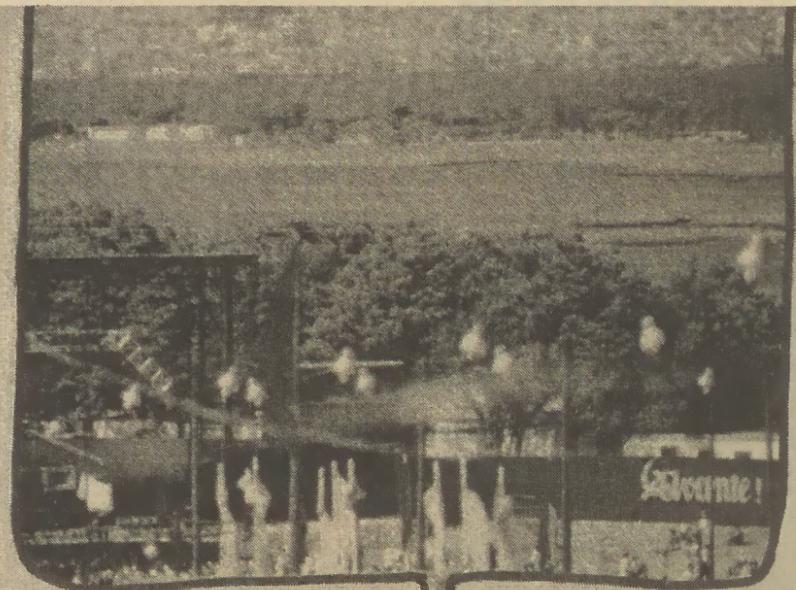


sagrou-se vencedora, depois de derrotar a turma do Cinza Rosa. Todas as equipas participantes receberam taças, bem como os melhores marcadores, os guarda-redes com menos golos sofridos, a equipa mais disciplinada, os jogadores mais velhos e os árbitros.

Na distribuição dos prémios, onde não foram esquecidos os funcionários do pavilhão que todas as noites garantiam o funcionamento das instalações, participou o deputado André Martins, de «Os Verdes, cabeça de lista da CDU pelo distrito da Guarda e toda a Comissão Concelhia do Partido.

Em Gouveia, os prémios foram distribuídos durante o Festival do Rancho Folclórico de Nespereira, tendo participado o camarada António Machado, da DORG, e Francisco Ramos, da Comissão de Freguesia de Nespereira. A final distrital realizou-se em duas mãos, obtendo a vitória a equipa do Café do Tó que derrotou a equipa Cinza Rosa. Em terceiro lugar ficou o Café Arcada, seguido do Estrela FC de Moimenta da Serra. A equipa vencedora irá estar presente na fase nacional a disputar nos dias 2 e 3 de Setembro na Quinta da Atalaia, no decorrer da Festa do «Avante!».

Revista/programa da Festa já está à venda



Festa
Avante!

Programa

1995



Corrida da Festa felicita Manuela Machado

A Comissão de Organização da Corrida da Festa do «Avante!» do PCP enviou uma mensagem de «felicitações à atleta **Manuela Machado**, à sua treinadora prof^a Sameiro Araújo e ao Sporting Club de Braga pela sua importante vitória na Maratona de Gotemburgo, nos Campeonatos Mundiais de Atletismo na Suécia».

«Este acontecimento constitui mais uma proeza do Atletismo Nacional

e particularmente da corrida de longa distância», conclui a nota. Também a Comissão de Estudos do PCP para a Política Desportiva felicitou a atleta e sua treinadora «pelo grande êxito» obtido. No passado dia 23 de Julho, a Comissão da Corrida da Festa saudou igualmente o comportamento da atleta do Futebol Clube do Porto, **Fernanda Ribeiro**, que obteve no meeting de Hechtel (Bélgica) «um brilhante recorde mundial nos 5 mil metros».